



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

LEONARDO SOBOLESWKI FLORES

**AS TRADUÇÕES DE *A SOCIEDADE DO ANEL*, DE J. R. R. TOLKIEN,
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
ESTRATÉGIAS DE *DOMESTICAÇÃO* E *ESTRANGEIRIZAÇÃO***

CAXIAS DO SUL

2024

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

LEONARDO SOBOLESWKI FLORES

**AS TRADUÇÕES DE *A SOCIEDADE DO ANEL*, DE J. R. R. TOLKIEN,
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
ESTRATÉGIAS DE *DOMESTICAÇÃO* E *ESTRANGEIRIZAÇÃO***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Bonqueves Fadanelli

CAXIAS DO SUL
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

F634t Flores, Leonardo Soboleswki

As traduções de A sociedade do anel, de J. R. R. Tolkien, para o português brasileiro [recurso eletrônico] : uma análise a partir das estratégias de domesticação e estrangeirização / Leonardo Soboleswki Flores. – 2024.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2024.

Orientação: Sabrina Bonqueves Fadanelli.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. A sociedade do anel (Obra literária). 2. Tradução e interpretação na literatura. 3. Linguística. 4. Tradutores. I. Fadanelli, Sabrina Bonqueves, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 81'255.4

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

AS TRADUÇÕES DE *A SOCIEDADE DO ANEL*, DE J. R. R. TOLKIEN,
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
ESTRATÉGIAS DE *DOMESTICAÇÃO* E *ESTRANGEIRIZAÇÃO*

Leonardo Soboleswki Flores

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Linguagem e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 02 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Dra. Sabrina Bonqueves Fadanelli

Orientadora

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Alena Ciulla

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Carina Maria Melchior Niederauer

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Samira Dall'Agnol

Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Vanderlei Rodrigues Flores e Marivone Soboleswki Flores, e aos meus irmãos, Lucas e Lauro, por sempre me proporcionarem o apoio necessário em todos os momentos.

À Universidade de Caxias do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, que tornaram possível esta pesquisa.

À minha orientadora, professora Sabrina Bonqueves Fadanelli, pelo constante apoio e pelas valiosas orientações ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Ao coordenador do Programa, professor Márcio Miranda Alves, e à secretária do Programa, Lisandra Boff de Andrade, por estarem sempre disponíveis e auxiliarem nos diversos momentos deste percurso acadêmico.

Aos demais professores que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, em especial à professora Carina Maria Melchior Niederauer, por ter me admitido como Estagiário de Docência, mas também por aceitar compor a minha banca de qualificação e de defesa.

Aos meus colegas de turma, com os quais compartilhei momentos de reflexão, aprendizado e amizade.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, possibilitando uma formação de qualidade.

But Slaves we [translators] are; and labour on another Man's Plantation.
John Dryden

My long book is an attempt to create a world in which a form of language agreeable to my personal aesthetic might seem real.
John Ronald Reuel Tolkien

RESUMO

Esta dissertação propõe uma investigação sobre as estratégias de *domesticação* e *estrangeirização* nas traduções de *A Sociedade do Anel* para o português brasileiro, com especial atenção voltada para a preservação da fidelidade ao texto original. Para tanto, estabelecem-se objetivos específicos, que incluem desde a exploração dos conceitos até a discussão sobre a relevância dos Estudos da Tradução na contemporaneidade. Além disso, são apresentadas as Modalidades de Tradução, conceitos que servirão de alicerce para a análise. Observa-se que, embora a retradução tenda a adotar uma abordagem mais *estrangeirizadora*, isso não necessariamente garante uma maior fidelidade ao original. A preocupação com as características linguísticas das personagens demonstra, no entanto, um esforço para romper com a violência frequentemente imposta por textos traduzidos, que tendem a apagar a personalidade e a cultura das personagens.

Palavras-chave: *A Sociedade do Anel*, Estudos da Tradução, *Domesticação* e *Estrangeirização*.

ABSTRACT

This dissertation investigates the strategies of *domestication* and *foreignization* in the Brazilian Portuguese translations of *The Fellowship of the Ring*, focusing on the fidelity to the original text. To do so, specific objectives were set, including an examination of the concepts, a discourse on the relevance of Translation Studies, and an investigation into the *Modalidades de Tradução* (Translation Modalities), which serve as a foundation framework for the analysis. Notably, although the latest translation leans toward a more *foreignizing* approach, this does not necessarily ensure greater fidelity to the original text. However, the concern to linguistic nuances of characters demonstrates an effort to mitigate the potential violence inflicted by translated texts, which often erase the personality and culture essence of the characters.

Keywords: *The Fellowship of the Ring*, Translation Studies, *Domestication* and *Foreignization*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tabela com os adjetivos para a palavra árvore(s)

FIGURA 2 – MMT usadas nas traduções de *Lord of the Rings*

FIGURA 3 – Gráfico sobre as MMT usadas nas traduções de *Lord of the Rings*

FIGURA 4 – Ngram de *restaurant, inn e eating-house*

FIGURA 5 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 1)

FIGURA 6 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 2)

FIGURA 7 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 3)

FIGURA 8 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 4)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 TEORIAS, MÉTODOS E A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO.....	18
2.2 ESTRATÉGIAS DE <i>DOMESTICAÇÃO</i> E <i>ESTRANGEIRIZAÇÃO</i>	25
2.2.1 A história e a popularização das estratégias	27
2.3 A ESTRATÉGIA DE <i>ESTRANGEIRIZAÇÃO</i> NAS TRADUÇÕES DE TOLKIEN	35
2.4 SOBRE AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO	39
3 A OBRA E SUAS TRADUÇÕES	43
3.1 <i>A SOCIEDADE DO ANEL</i> : AUTOR E OBRA.....	43
3.1.1 Sobre a pseudotradução e a escrita de Tolkien	49
3.2 OS TRADUTORES DE <i>A SOCIEDADE DO ANEL</i>	58
4 ANÁLISE COMPARATIVA	64
4.1 ANÁLISE DE CORPUS.....	64
4.1.1 Impressões iniciais do corpus	66
4.2 AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO NOS TEXTOS TRADUZIDOS	76
4.2.1 Além das Modalidades de Tradução	87
4.3 ESCOLHAS LEXICAIS.....	94
4.3.1 O Guia de nomenclaturas de Tolkien	95
4.3.2 Diferentes falas em diferentes raças	108
4.3.2.1 A fala dos Hobbits.....	110
4.3.2.2 A fala dos Elfos.....	116
4.4 QUESTÕES CULTURAIS	121
4.4.1 Unidades de medidas	122
4.4.2 O sexo dos Astros	125
4.4.2.1 <i>Gendered Languages</i> e como traduzi-las	126

4.4.2.2	Os Astros e seus sexos: Uma análise cultural.....	129
4.4.2.3	Os Astros traduzidos em <i>A Sociedade do Anel</i>	131
4.5	REFLEXÃO SOBRE A TEORIZAÇÃO DA TRADUÇÃO.....	133
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
	REFERÊNCIAS.....	145

INTRODUÇÃO

O Senhor dos Anéis, livro de alta fantasia de John Ronald Reuel Tolkien, foi publicado na Inglaterra em três volumes, embora a história seja única e contínua, durante os anos de 1954 e 1955. A obra conta com uma vasta mitologia e várias línguas próprias, criadas exclusivamente para as suas obras, o que cativou muitas pessoas a seguirem e se interessarem pela vida e obra do autor.

O livro também pode ter influenciado um crescente de novos leitores (em especial, crianças e adolescentes) desde a época do lançamento até os dias atuais. O sucesso e o número de vendas dos livros continuam altos, possivelmente, devido às adaptações para o cinema e TV¹, que continuam angariando novos fãs.

Nesta pesquisa, decidi somar meu interesse pessoal sobre o *legendarium*² de Tolkien com as discussões referentes à relevância das teorias de tradução na formação de um tradutor, levantadas nas aulas da especialização de Tradução e Estudos do Léxico, que cursei ao longo dos anos de 2021 e 2022, pois acredito se fazer necessária uma pesquisa que percorra ambos os tópicos de modo a perceber na prática como os rastros das teorias podem ser observados nas diferentes obras traduzidas.

Dessa forma, ao longo desta pesquisa, apresentarei como os *problemas de tradução* (definidos por Schwarz *et al*³) foram abordados em traduções conduzidas a partir de diferentes estratégias tradutórias, a saber, estratégia de *domesticação* e estratégia de *estrangeirização* - baseadas em Schleiermacher (2010) e Venuti (2018)⁴. Para tanto, utilizarei duas traduções de *A Sociedade do Anel*, de Tolkien, do inglês para o português brasileiro: a tradução de Lenita

¹ Após a estreia da série “Senhor dos anéis: os anéis de poder”, 17 dentre os 50 títulos mais vendidos na Amazon, no Brasil, eram de Tolkien, segundo apurou Lima Neto (2022).

² Para aqueles pouco familiarizados com o termo, *legendarium*, ou, em português, Legendário, é a palavra que Tolkien frequentemente usa (Tolkien, 2021) quando precisa se referir à sua ‘mitologia’, ou seja, quando fala sobre os habitantes ou sobre a natureza da Terra-média.

³ Schwarz *et al* (2016) afirma que a principal diferença entre os dois termos é que, na *dificuldade de tradução*, o conteúdo não é um problema, mas sim o tradutor, ou seja, as palavras a serem traduzidas são, de certa forma, equivalentes, mas o tradutor (por desconhecimento) não consegue traduzir. Por outro lado, um *problema de tradução* trata de trechos, falas, ou pequenos excertos de um texto que, por algum motivo, a tradução ao pé da letra não faça sentido. É o caso de gírias, trocadilhos, ditados populares, dentre outras expressões e marcadores culturais que estão diretamente ligados ou a língua, ou a cultura de uma comunidade específica. Fazemos essa distinção para que o leitor entenda o sentido por trás dos diferentes termos.

⁴ Nos textos originais dos autores, o termo *estratégia* pode aparecer também como *método* ou *teoria*. Nesta dissertação utilizaremos apenas *estratégia*, porém, cabe aqui o aviso caso, em alguma citação direta, outros termos apareçam.

Maria Rimoli Esteves, da Martins Fontes, lançada em 1994⁵, e a de Ronald Kyrmse, publicada em 2019, pela Harper Collins.

Para conduzir esta pesquisa, elaborei alguns objetivos, que listo a seguir. O objetivo geral será analisar a tradução e a retradução⁶ de *A Sociedade do Anel* em português brasileiro, a fim de identificar qual estratégia predomina em cada uma delas - se de *domesticação* ou *estrangeirização*, considerando as Modalidades de Tradução e os estudos de Venuti (2018) -, para observar os efeitos de sentido dessas estratégias.

Um pequeno esclarecimento se faz necessário: claro que uma tradução nunca será cem por cento fiel ao texto original. Se formos considerar isso teríamos de aproveitar Schleiermacher e usar de sua hermenêutica universal, algo que não será feito justamente por já ter sido superado (a história dessa hermenêutica romântica é debatida no capítulo primeiro de *Verdade e Método*, de Gadamer, intitulado “preliminares históricos”, cf. referências).

No entanto, o conceito de fidelidade pode e é debatido atualmente, mas com uma preocupação e uma subjetividade maior. Venuti (2018), por exemplo, sempre usa aspas para falar de fidelidade. Esse autor parte do conceito de *abusive fidelity*, de Phillip Lewis, que é uma teorização dos Estudos da Tradução que prevê um trabalho pouco suavizado ou domesticado. O texto estrangeiro, nessa visão, não deve se ajustar às normas culturais da língua de destino. Isso manteria a integridade do original e resistiria à pressão de se adequar aos valores culturais dominantes na língua de chegada.

Isso também aparece, de forma mais metafórica, em um outro exemplo bastante conhecido pelos tradutores acadêmicos, o caso dos vasos quebrados de Walter Benjamin⁷. Na resolução dessa metáfora, o autor afirma que a tradução é uma reconfiguração que respeita a essência do texto original, mesmo que as estruturas sejam diferentes.

Feita essa breve explicação sobre o conceito de fidelidade, gostaria de voltar para os objetivos. Para que o objetivo geral seja devidamente abordado, é preciso estabelecer alguns objetivos específicos e alguns pressupostos que discutirei ao longo desta dissertação: apresentar a evolução da tradução ao longo dos séculos; definir os conceitos de *domesticação* e *estrangeirização*; e listar todas as Modalidades de Tradução, que serão importantíssimas

⁵ Para esta dissertação, todas as referências desta edição serão feitas a partir da segunda tiragem da segunda edição, que data julho de 2001.

⁶ Ao usar o termo *retradução*, estou me apropriando do conceito de Berman, que define o termo da seguinte forma: “toda tradução feita após a primeira tradução de uma obra é uma retradução (Berman, 1990, p. 01, tradução minha)” No original: Toute traduction faite après la première traduction d’une oeuvre est donc une retraduction (Berman, 1990, p. 01).

⁷ Caso o leitor tenha interesse em (re)ler a metáfora, buscar o texto “A tarefa do tradutor”, que pode ser encontrado em Benjamin (2018).

para estabelecermos uma régua entre as estratégias. Em um momento final será comentado sobre a importância de dar continuidade aos Estudos da Tradução a partir dos resultados colhidos e apresentados ao longo deste trabalho. Esse subcapítulo aparece para apresentar ao leitor que compartilha da visão de que a Tradução não pode ser vista como ciência ou de que estudos acadêmicos relacionados à Tradução não são valoráveis ou úteis aos profissionais da tradução.

Com o lançamento da nova edição da obra mais famosa de Tolkien (que, supostamente, foi *estrangeirizada*), muitos fãs e entusiastas da Terra-Média ficaram divididos: uns alegam que a leitura se tornou mais difícil, outros a preferem porque teria tornado o texto mais fiel⁸. Coloquei entre parênteses a palavra supostamente porque isso foi algo bastante comentado nos meses que antecederam a publicação. Para esta dissertação, parto da hipótese de que essa afirmação é verdadeira e, no subcapítulo 2.3 deste trabalho, serão apresentadas algumas informações e exemplos que justificam essa hipótese (que será confirmada ou recusada).

No entanto, partirei de um axioma, com base em estudos científicos da tradução, de que não existe uma tradução certa ou errada, pois a qualidade de uma tradução não está ligada às estratégias escolhidas pelo tradutor, o que pode acontecer é que a qualidade de uma tradução seja comprometida por outros fatores, mas não por causa da estratégia adotada. Da mesma forma, tanto a estratégia *domesticadora* quanto a *estrangeirizadora* são viáveis, embora diametralmente opostas. Cabe ainda lembrar o leitor que, para esta dissertação, a maioria dos autores que definem esses conceitos são críticos à estratégia de *domesticação*, mas isso não deve influenciar o resultado final, isto é, o objetivo não é estabelecer, como uma verdade imutável, qual tradução é mais bem feita ou tem mais qualidade; pretendo mostrar quanto de cada estratégia é possível identificar em cada uma das traduções e se o sentido original é preservado.

Em suma, pretendo expor as diferenças observáveis nas traduções de *A Sociedade do Anel*, bem como investigar os efeitos da *domesticação* e da *estrangeirização* nos diferentes textos a partir de uma análise comparativa.

⁸ Tive essa impressão após assistir algumas resenhas de *booktubers* famosos. Geralmente os canais voltados às obras tolkienianas são mais receptivos (é o caso do canal Tolkien Talk, ou O Bolseiro) enquanto outros são mais críticos quanto às mudanças (um exemplo seria o canal da tatianagfeltrin). Há ainda vários comentários nas redes sociais que possibilitam essa visão.

A estrutura da pesquisa será dividida em três partes: a primeira trata da revisão da literatura, a segunda de uma apresentação mais detalhada das obras a serem analisadas, e a terceira a análise comparativa.

Na revisão de literatura será apresentada a base teórica que servirá de alicerce para a análise. Para começar, comentarei brevemente a história dos Estudos da Tradução e como essa disciplina foi pensada e modificada até chegarmos aos dias atuais. Ainda nessa primeira parte, apresentarei o conteúdo mais valioso para esta análise: as estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*. Para finalizar essa seção, comentarei sobre as Modalidades de Tradução.

O terceiro capítulo apresentará em detalhes a obra *A Sociedade do Anel*, de Tolkien, focando, principalmente, no estilo de escrita do autor e as filosofias que guiaram sua escrita. Em seguida, serão apresentadas as duas traduções, por ordem de lançamento. Nesse momento comentarei - ainda que superficialmente, pois o aprofundamento será no capítulo subsequente -, se as escolhas retóricas do autor foram preservadas ou alteradas quando chegou ao português⁹. Além disso, o capítulo também apresenta uma breve biografia do autor e uma ainda mais breve biografia dos tradutores.

A parte final será a própria análise comparativa, que será feita de forma expositiva, isto é, primeiro apresentarei ao leitor um trecho do texto original, seguido pelas duas traduções. Em seguida comentarei as diferenças entre elas, considerando sempre as estratégias a serem discutidas e os outros tópicos que serão levantados e abordados ao longo do primeiro capítulo.

Além dos autores e das referências comentadas até aqui, é importante considerarmos o que as atuais pesquisas científicas dizem sobre o tema. Para isso, me fiz valer do banco de dissertações e teses da Capes. Assim, ao pesquisar o termo *estrangeirização*, trinta e nove dissertações e nove teses foram encontradas. Destas, somente uma aborda os Estudos da Tradução - pois, aparentemente, o termo também é utilizado em outras áreas -, a pesquisa de Lilian Agg Garcia: “Mary Shelley e as cartas de *Frankenstein*: uma análise comparativa das seis traduções brasileiras”. Nessa pesquisa, a autora analisa como os pronomes pessoais e de tratamento, topônimos, antropônimos, adjetivos e advérbios avaliativos foram traduzidos nas diferentes versões do texto.

⁹ É impossível uma tradução não alterar o estilo do autor porque, no processo tradutório, acaba-se modificando a estrutura geral (porque as línguas partem de sistemas diferentes). Assim, não importa o método usado, algo sempre será perdido. O que veremos, no entanto, é o quanto cada autor conseguiu atenuar isso (isto é, se a proposta das traduções levava esse aspecto em consideração).

Com relação às dissertações, ainda utilizando o banco de dissertações e teses da Capes, encontrei vinte e cinco casos em que pesquisadores discorrem sobre as traduções *estrangeirizadoras* nos mais diversos gêneros textuais: literatura infantil, literatura infantojuvenil, linguagem cinematográfica, legendagem, dublagem, textos de divulgação para turismo, e também textos literários a partir da literatura clássica inglesa, argentina e chicana. Há ainda, entre essas vinte e cinco dissertações, algumas propostas de tradução a partir da estratégia de *estrangeirização*.

Assim, a única pesquisa que propõe algo semelhante à minha é a de Garcia (2017). De toda forma, a minha difere por trabalhar com uma *pseudotradução*¹⁰, e por analisar a partir das estratégias de tradução em questão.

Apesar de não ter as palavras-chave buscadas, a dissertação de Widman (2016), intitulada “A ‘hipótese da retradução’ pelas modalidades tradutórias, nas traduções para a língua inglesa de *A Paixão Segundo G.H.*”, tem uma proposta bastante similar à minha. Inclusive, as modalidades tradutórias que ela usa em sua dissertação vieram a calhar e me serviram bastante durante a análise comparativa (falo mais sobre elas no subcapítulo 2.4).

Vale ressaltar, novamente, que esta pesquisa será relevante por contribuir aos Estudos da Tradução e, possivelmente, aos tradutores que podem encontrar neste trabalho uma excelente fonte de reflexão.

Encerrando esta introdução, preciso ainda comentar sobre a abordagem que utilizarei, bem como a metodologia de pesquisa. Para que os dados sejam expostos de uma maneira transparente e clara ao leitor, esta pesquisa, além de expor trechos extraídos dos livros (obra original e traduções), usará as Modalidades de Tradução, de Aubert (1998), que serão melhor explicadas em um subcapítulo que leva esse nome. Também farei uma análise a partir da Linguística de Corpus, e, nesse momento, me apropriarei de ferramentas que servirão como facilitadoras para a análise, como o AntConc e outros *corpus online*. Isso será devidamente explicado no subcapítulo 4.1 desta dissertação.

Por fim, esclareço que esta pesquisa terá um caráter bibliográfico e seguirá o método comparativo das traduções, em língua portuguesa, das edições previamente mencionadas de *A Sociedade do Anel*, analisadas a partir das estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*.

¹⁰ Cf. Capítulo 3.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo serão tratados temas fundamentais que darão alicerce à análise proposta. Em um primeiro momento serão apresentadas algumas das principais vertentes dos Estudos da Tradução, além de abordar as origens ou a história dessa disciplina como a conhecemos, partindo desde o ponto mais longo até chegar à discussão da Tradução como ciência.

A partir dessa discussão inicial, outras linhas teóricas serão desenvolvidas e cuidadosamente analisadas, como as estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*, de Venuti (2018) e, antes, Schleiermacher (2010). Para finalizar este capítulo, serão expostos mais detalhes referentes à metodologia que sustentará a análise.

2.1 TEORIAS, MÉTODOS E A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

Farei agora uma recapitulação cronológica dos principais eventos que permeiam os Estudos da Tradução. Assim, será possível compreender como os mais diversos problemas tradutórios eram abordados em diferentes épocas, uma vez que “os problemas de hoje são claramente os mesmos que apresentaram ontem” (Oustinoff, 2011, p. 30).

De acordo com Oustinoff (2011), não há consenso acerca das origens da tradução. Uma vertente irá dizer que as primeiras traduções foram feitas a partir dos textos bíblicos (tradução para o Latim), enquanto outra afirmará que foram os textos literários da Roma Antiga. É neste momento em que um dos primeiros conselhos aos tradutores é proferido, desta vez por Cícero, ao afirmar que não se pode traduzir *verbum pro verbo*, ou palavra por palavra, pois o tradutor deveria interpretar o texto (ou segmentos desse texto) como um todo e transmitir as ideias para outra língua. Isso é o que, na época, chamavam de tradução sentido por sentido.

Séculos mais tarde, São Jerônimo se envolveria em uma questão polêmica: a adulteração de textos. Isso porque ele via em Cícero uma espécie de mestre e, tal qual seu ídolo, Jerônimo também se valia da premissa sentido por sentido. Como esse viés nem sempre era bem recebido, ele usava da autoridade de outros importantes tradutores, como Cícero e Horácio, para defender suas traduções, que, por vezes, eram alvos de questionamentos.

Na verdade, questionamentos é uma forma um tanto eufemística de colocar, visto que ele foi julgado, ofendido e taxado como mau tradutor. Claro, por se tratar de Escrituras Sagradas, por mais que as alterações sejam respaldadas e teoricamente corretas, seria inevitável que certas pessoas fossem contrárias, ou pelo menos reticentes, às mudanças. São Jerônimo, no

entanto, teve sua oportunidade de se defender, e ele o fez na epístola *Ad Pammachium: De Optimo Genere Interpretadi*, cujas traduções para o português brasileiro foram realizadas por Aires Nascimento (1995) e Maria Cristina Martins (2020)¹¹. Sobre as acusações de ter feito uma tradução sentido por sentido, Jerônimo não esconde suas convicções, e afirma que “na minha interpretação dos gregos, exceto nas Escrituras santas, onde também a ordem das palavras é um mistério, traduzo não palavra por palavra, mas sentido por sentido” (Jerônimo *apud* Martins, 2020, p. 126).

Retomar o que era motivo de debate séculos atrás, tratando-se de Estudos da Tradução, nunca é demais, haja vista a fala de Oustinoff previamente mencionada: os problemas da antiguidade são os mesmos da atualidade; o que pode mudar são as formas com as quais abordamos ou circundamos esses problemas. Esse é um dos argumentos que apontam para uma contribuição das teorias para a formação dos tradutores e para os tradutores de modo geral. Isso é corroborado quando as principais críticas que a nova tradução de *O Senhor dos Anéis* - bem como os demais livros de Tolkien publicados pela HarperCollins Brasil após o sucesso de vendas da saga principal - recebe são motivadas por esse mesmo problema, no caso, a tradução *verbum pro verbo*, não o contrário (ou quase isso, porque esse tipo de tradução acabou ficando obsoleto, mas os elementos comuns herdados ainda são criticados). Obviamente isso tudo será ampliado durante a análise das obras, mas, para este momento, é importante ressaltar uma resposta de um dos novos tradutores de Tolkien à crítica sobre a forma estilística da nova tradução de *O Silmarillion*¹².

O tradutor em questão é Reinaldo José Lopes, doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, pela USP (Universidade de São Paulo), tendo como objeto de estudo as pseudotraduções de Tolkien. Além do livro anteriormente comentado, Lopes já traduziu outros títulos do mesmo autor, dentre eles: *O Hobbit*, *A Queda de Gondolin*, *Árvore e Folha*, *A História da Terra-média*, *A Natureza da Terra-média*, dentre outros. Ao justificar o motivo pelo qual a nova tradução parece pouco fluida (em comparação com a antiga), ele afirma o que segue:

eu traduzo Tolkien, não reescrevo Tolkien. *É preciso* preservar, ao máximo possível, o estilo original de Tolkien, que, n’*O Silmarillion*, é um estilo muito particular: um estilo arcaizante e meio bíblico. Isso significa manter, no máximo possível, todas as características estilísticas de Tolkien no nível de como a frase está construída. Então, se ele começa a frase com uma inversão, que não é a sintaxe considerada padrão no

¹¹ Para esta dissertação, escolhi ler a tradução comentada de Maria Cristina Martins (2020).

¹² A resposta em questão se trata de um vídeo-resposta publicado em seu canal no YouTube. As citações usadas foram transcritas pelo autor desta dissertação.

inglês moderno, eu vou manter exatamente, ou o mais próximo possível, essa mesma inversão em português. (Lopes, 2020, grifos meus)

Na visão dele, a facilidade de assimilação das ideias pode ficar em segundo plano em suas traduções, e isso pode ou não ser visto como uma tradução *verbum pro verbo*, pois, ainda que ele tenha comentado em seu vídeo-resposta que procurou manter a estrutura sintática intacta, ou seja, se o verbo fosse a terceira palavra de uma sentença, ele buscaria recursos para mantê-lo nessa ordem na língua de chegada, ele se respalda no fato de o autor ter usado de recursos linguísticos pouco comuns no texto-fonte, portanto ele teria um ‘dever’, dentro desta linha de tradução, de preservar a estrutura original sempre que possível. Ele ainda encerra afirmando que “para mim é um ato de fidelidade essencial ao texto original, mesmo que isso signifique esticar a corda da estranheza do texto traduzido” (Lopes, 2020).

Os parágrafos anteriores são uma prévia do que será debatido durante a análise da obra, principalmente no capítulo três, no qual exporei detalhes do texto original e de suas traduções para o português brasileiro. Além disso, eles servem para justificar que os mesmos assuntos que eram motivo de debate séculos atrás ainda se fazem presentes na atualidade, antes com São Jerônimo, hoje com os novos tradutores de Tolkien.

Seguindo nossa linha cronológica de eventos ou marcos importantes na história da Tradução, e avançando um período significativo, teremos o Francês como língua predominante. Estamos no Renascimento e, agora, os tradutores têm uma nova preocupação: a *imitação*. Para Oustinoff (2011), será nesta época que - ao perceber que nenhuma das duas principais vertentes (até então) supriam todas as necessidades - os tradutores começam a *imitar*. Essas *imitações* nada mais são do que estrangeirismos ou empréstimos linguísticos que seriam incorporados ao Francês.

De fato, essa nova teoria da tradução não prosperou, uma vez que ela “não corresponde mais à ideia que fazemos da tradução hoje” (Oustinoff, 2011, p. 35). Um tradutor que ficou famoso por seguir essa linha foi Chapman, que, na introdução de sua tradução de *Ilíada*, de Homero, comentou que “se a língua do meu país fosse um usurário [...], ele me agradecería por enriquecê-lo” (Chapman, 2017, p. 03, tradução minha)¹³.

Para que as colocações feitas não fiquem dúbias - porque a incorporação de estrangeirismos às línguas ainda acontece, mas as *imitações* são um passo além, isto é,

¹³ No original: If my country language were an usurer [...], he would thank me for enriching him (Chapman, 2017, p. 03).

quando os tradutores adicionavam, ou criavam, novas palavras aos textos trabalhados -, vejamos alguns exemplos, resgatados por Oustinoff, de outras traduções dessa época, desta vez de Jacques Amyot, em *Vidas Paralelas* (1559), de Plutarco:

Em vez de traduzir o grego “estephanoi” pela tradução literal “adornado de flores”, prefere: “Com chapéus de flores em nossas cabeças”; em vez de se contentar com: “A alma está encerrada no corpo como em um moinho que roda sem cessar em torno da necessidade de alimento”, ele traduz: “A alma de muitos está escondida e contrafeita pelo medo de sofrer falta, dentro do corpo, como dentro de um moinho, girando sempre em torno de uma mó depois de perseguir algum alimento” (Oustinoff, 2011, p. 35).

A tradução tida como padrão na época não se limitava a traduzir palavras e/ou sentidos. Na verdade, esse tipo de tradução exigia que fosse acrescentada “a beleza, sem a qual a tradução estaria condenada à exclusão do campo das letras” (Oustinoff, 2011, p. 40). Venuti completa afirmando que “no século XVIII, *havia uma* elegância estilística nas traduções [...] alinhando os textos antigos com os padrões literários da Grã-Bretanha hanoveriana” (Venuti, 2018, p. 54, tradução minha, grifos meus)¹⁴.

Isso vai começar a ser questionado com mais veemência no final do século XVIII, início do XIX, quando, como bem lembra Venuti, “revisores expressam algumas dúvidas sobre as recomendações de Tytler¹⁵, de que o tradutor deveria editar ou ‘melhorar’ o texto estrangeiro” (Venuti, 2018, p. 62, tradução minha)¹⁶.

Paralelamente a essa linha teórica, outra surge, encabeçada por Lutero. Sua visão lembra o que hoje entendemos como tradução *simplificadora* ou *domesticadora*¹⁷, embora tenha suas particularidades. Em sua tradução da *Bíblia*, ele não usou técnicas de *imitação*, uma vez que ele poderia ser taxado de profano e mau tradutor por modificar Escrituras Sagradas. Ele prezava, no entanto, por manter a linguagem o mais simples ou o mais acessível possível. Nas palavras do autor

Não é às palavras da língua latina que devemos perguntar como se deve falar alemão, como fazem esses asnos; mas é à mãe em seu lar, às crianças nas ruas, ao homem do povo na praça do mercado que é preciso perguntar, lendo em seus lábios como eles falam, e é depois disso que se deve traduzir porque assim eles

¹⁴ No original: In the eighteenth century, [there were a] stylistic elegance in a translation [...] bringing the ancient texts in line with literary standards prevailing in Hanoverian Britain (Venuti, 2018, p. 54).

¹⁵ Tytler foi “um lorde escocês, advogado e entusiasta nas seguintes áreas: história, literatura e filosofia” (Venuti, 2018, p. 62, tradução minha). No original: A Scottish lord who practiced law and pursued various historical, literary, and philosophical interests (2018, p. 62).

¹⁶ No original: Reviewers expressed some doubts about Tytler’s recommendation that translators edit or “improve” the foreign text (Venuti, 2018, p. 62)

¹⁷ Cf. capítulo 2.5 Estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*.

compreenderão e se darão conta de que lhe estamos falando em alemão (Lutero *apud* Oustinoff, 2011, p. 40 e 41).

Vemos, então, o quanto o período do Renascimento foi importante para a Tradução, e quantas boas discussões foram proporcionadas por autores dessa época. Podemos estabelecer que, em um primeiro momento, os tradutores priorizavam as questões estéticas, depois levantou-se o debate sobre a importância de incluir os povos que não entendiam a linguagem escrita, uma vez que esta era mais erudita e clássica.

Para finalizar esta linha cronológica de eventos marcantes da Tradução, temos a época contemporânea, que tem seu início marcado a partir dos anos finais do século XVIII. Oustinoff (2011) diz que essa nova era começa após a repercussão da definição que Dyden escreve no prefácio de *Ovid's Epistles*, em 1680. Para o poeta, existem três formas de tradução: a tradução literal, ou metáfrase; a tradução propriamente dita; e a imitação, ou paráfrase¹⁸. A primeira era um estilo bastante proeminente na época, mas ela será melhor explicada no parágrafo subsequente. A segunda é a mais consistente, pois o sentido ou o conteúdo principal é exprimido pelo tradutor, que repassará, de forma explicativa, as diferenças culturais que existem entre as línguas. Sobre a imitação, diferentemente da primeira, que ‘caiu por terra’, vai passar a ser chamada de *adaptação*, um estilo completamente diferente de tradução.

Avançando mais alguns anos, chegamos ao século XIX, ou o século das traduções literais. Tomando como base os estudos de Oustinoff (2011) a partir dos textos de Chateaubriand¹⁹, é possível afirmar que a proposta base desse tipo de tradução é tornar o texto acessível ao maior número de pessoas, não excluindo nenhuma classe, mas ainda seguindo aquela velha prática de palavra por palavra. O que acontece é que essa premissa é inexecutável, uma vez que, para tornar o texto fluído ou de fácil percepção, certas definições têm de ser explicadas e certas palavras têm de ser omitidas ou rearranjadas dentro das orações. Aquele estilo mecânico vai se tornando cada vez menos usado, dando lugar a uma prática mais dinâmica e, por que não, ousada de tradução.

¹⁸ Séculos mais tarde, Jakobson (1970) redefine esses conceitos. Ele divide as traduções da seguinte forma, primeiramente, temos a tradução *intralingual* (ou reformulação/rewording), que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. Depois, a tradução *interlingual*, ou a interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. E, finalmente, a tradução *inter-semiótica* (ou transmutação), que consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

¹⁹ Escritor francês que traduziu várias obras e poemas épicos.

Vimos que essas traduções literais ganharam força no século XIX, mas nem por isso elas deixaram de ser criticadas. Campbell²⁰ “condena as traduções literais por serem um lembrete contundente de que qualquer defesa do discurso transparente esconde um investimento no recebimento de valores culturais” (Venuti, 2018, p. 64, tradução minha)²¹. O que Campbell possivelmente quis dizer é que não se pode assumir o discurso como transparente pela decodificação palavra a palavra, e esse tipo de tradução pode esconder valores culturais. Podemos inferir que uma tradução literal pode falhar em capturar nuances, expressões idiomáticas, referências culturais e outros elementos contextuais inerentes à língua de origem.

De uma forma geral, podemos afirmar que, antes de criticar as traduções literais, Campbell critica as traduções *verbum pro verbo*. Na visão dele, certos elementos do texto de origem, como os valores culturais, devem ser transmitidos na tradução, e a simples replicação de palavras, ou uma tradução literal, pode dificultar esse objetivo.

O século XX consolidou os Estudos da Tradução. Tivemos várias outras linhas teóricas sendo escritas, moldadas e alteradas, como os pensamentos *literalistas* de Ezra Pound, a proposta de Nida²² (1964), de que passemos a considerar a reação dos leitores - Nida que, aliás, foi o primeiro pesquisador a propor a formação da Tradução como disciplina acadêmica -, as abordagens *target-oriented*, que surgiram “dos estudos literários comparativos nos anos 1970 e 1980” (Chesterman e Wagner, 2010 p. 21, tradução minha)²³, mas foram dissecadas por Hermans, em 1995, dentre várias outras linhas de estudo.

Há ainda aquelas teorias que foram revisitadas e/ou adaptadas/melhoradas, como a hermenêutica de Schleiermacher (2010), que ganha uma vida nova por meio de Venuti (2018²⁴). Esta será explorada mais a fundo em um momento posterior, porém, resalto que, além de ser contraproducente, é inviável que falemos de todos os galhos que cresceram desta grande árvore de teorias da Tradução.

Atualmente, entendemos a tradução de um modo diferente. Não precisamos (nem podemos) nos apoderar de textos alheios, nem *imitamos* ou tentamos pôr as línguas em equivalência. Uma citação de Sobral, autor contemporâneo, sintetiza essa ideia. Para ele,

²⁰ George Campbell, nobre escritor escocês do século XIX.

²¹ No original: Campbell’s condemnation of close translation is a sharp reminder that any advocacy of transparent discourse conceals an investment in receiving cultural values (Venuti, 2018, p. 64).

²² Eugene Nida foi um linguista e um dos mais influentes tradutores da *Bíblia* de todos os tempos.

²³ No original: [it] emerged from comparative literary studies in the 1970s and 1980s (Chesterman e Wagner, 2010 p. 21).

²⁴ O livro é inicialmente publicado em 1995, mas a edição usada como referência para esta dissertação data 2018.

traduzir é sempre “transferir”, ou seja, transportar algo de um lugar para outro, mesmo que sejam lugares abstratos. Esse transporte, “trans”, envolve contudo um “ferir”, que entendo como uma alteração/adaptação inevitável do sentido do que é traduzido (Sobral, 2008, p. 32 e 33)²⁵.

E o que aproveitar disso tudo? Bem, posso mencionar dois fatos principais. Começemos com o fato de que os debates de hoje são os mesmos do passado. Já falamos que os problemas tradutórios são iguais, mas alguns problemas éticos que hoje ainda persistem, também tiveram de ser debatidos lá atrás. Como vimos há pouco, era comum, desde o século XVI, que as traduções passassem por um processo brutal de transformação, no qual novas palavras eram adicionadas. Isso, algumas vezes, acontecia para afastá-las do autor original. Assim, o tradutor “se apoderava sem o menor escrúpulo das obras de outros, seja para transformá-las segundo seu próprio arbítrio, não recuando diante de nenhuma infidelidade, seja apossando-se delas, fazendo-se passar por seu autor” (Oustinoff, 2011, p. 38). Segundo o autor, ainda que o termo *plágio* já existisse, ele só passa a carregar uma conotação pejorativa no século XVIII. Isso não necessariamente significa que as pessoas se apropriavam das obras simplesmente por mau-caratismo, o que acontece é que os termos *imitação*, *adaptação* e até tradução são anacrônicos e precisam ser considerados a partir de uma determinada sociedade. Nesse sentido, Venuti lembra que “os contratos de tradução desde a Segunda Guerra Mundial têm variado muito, em parte devido às ambiguidades na lei de direitos autorais” (Venuti, 2018, p. 21, tradução minha)²⁶. Isto é, a conscientização sobre o plágio é algo muito recente.

O segundo fato diz respeito às discussões feitas no passado que, ou resultaram em conceitos que seguimos até hoje, ou serviram para mostrar as práticas ‘incorretas’²⁷ que fazíamos. Essa discussão evoluiu de tal maneira que hoje toda a classe possui direitos legais que protegem e amparam suas traduções e adaptações. Há ainda a norma ISO 17100, que garante a qualidade de serviço de um tradutor. Com isso, nasce o tradutor profissional, rótulo que antigamente não existia, uma vez que isso era uma atribuição de escritores, poetas, ou qualquer pessoa que fosse bilíngue ou multilíngue.

Agora que conhecemos, ainda que brevemente, a história da Tradução e como ela se comportou ao longo dos séculos, vamos nos aprofundar nas estratégias de *domesticação* e

²⁵ Optei por trazer Sobral, um autor contemporâneo, em detrimento de Jakobson, autor já renomado e que dispensa apresentações, porque, além das ideias serem semelhantes, essa curta frase sintetiza a dificuldade que há no fazer tradutório. Porém, cabe o aviso aos leitores que passarem por essa citação, que os pensamentos de Sobral estão de acordo com os do linguista russo (essa problemática é discutida em *Linguística e comunicação*).

²⁶ No original: Translation contracts since World War II have in fact varied widely, partly because of the ambiguities in copyright law (Venuti, 2018, p. 21).

²⁷ Cabe de novo lembrar que a ideia do que é ‘correto/incorreto’ ou ‘moral/imoral’ é, em alguns casos, anacrônica.

estrangeirização (por vezes chamada de *simplificação*) que, embora sejam muito mais investigadas em traduções literárias, também é possível vermos casos em outras vertentes dos Estudos da Tradução.

2.2 ESTRATÉGIAS DE *DOMESTICAÇÃO* E *ESTRANGEIRIZAÇÃO*

Neste subcapítulo será feita uma análise sobre a história das estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*, mas, antes de mais nada, vejamos como Chesterman as define e o que Wagner pensa delas. Após, tecerei um breve comentário sobre as diferentes visões dos autores, bem como minha própria avaliação disso tudo. Finalmente, comentarei um pouco da história e das características das estratégias.

Antes de apresentar a Wagner as estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*, Chesterman explica que existem dois tipos de estratégias: as “estratégias textuais **globais** e **locais**. As estratégias globais se aplicam a todo o texto, e geralmente são decisões que o tradutor toma antes de começar a traduzir” (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58, tradução minha, grifos dos autores)²⁸.

A diferenciação é válida justamente para separar tudo aquilo que vimos até agora, principalmente no subcapítulo anterior, o que veremos a partir de agora. Enquanto Baker (2001) apresenta estratégias para solucionar problemas de tradução, as estratégias que veremos de agora em diante são, como o próprio autor afirma “decisões que o tradutor toma antes de começar a traduzir”, isto é, cada estratégia carrega um conjunto de estruturas e fundamentos que ditarão o processo tradutório de um texto.

Dada essa diferenciação, vejamos agora como Chesterman explica essas estratégias e como Wagner recebe essas explicações. Vale lembrar ao leitor que o autor usa o termo *adaptação*, embora outros teóricos da Tradução entendam esse termo de maneira diferente, a qualidade do que ele vai trazer é muito parecida com aquilo que outros estudiosos chamam de *domesticação* ou *simplificação*. Assim, para Chesterman, as estratégias podem ser definidas da seguinte forma:

Adaptação: todo o texto precisa ser adaptado à cultura-alvo e, portanto, não deverá haver nenhum resquício da cultura de origem, nem mesmo os nomes próprios [...].
Estrangeirização: o texto precisa manter sua estranheza, seja por razões estéticas ou

²⁸ No original: [...] **global** and local **textual** strategies. Global strategies apply to the whole text, and they are usually decisions that the translator makes before starting to translate (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58).

culturais, de modo que a fluência da língua-alvo não seja uma prioridade (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58, tradução minha)²⁹.

A explicação do autor, embora demasiada sucinta, é também didática e serve como um parâmetro para aqueles que pouco ou nada sabem sobre as estratégias. Essa contribuição do autor, para esta dissertação, também ajuda a abrir as longas discussões que faremos ao longo deste texto.

No início deste subcapítulo também prometi trazer a opinião de Wagner quando apresentada ao assunto, e é isso que farei agora. Ainda que reconheça a importância de definir algumas estratégias durante a fase de pré-tradução, para ela, essas duas opções são muito simplistas, visto que há outros fatores em um texto que também precisam ser considerados. Nas palavras da autora,

Certamente existem mais de duas opções, e a estratégia global deve levar em conta o propósito do texto e os leitores pretendidos [...]. Você deve concordar que os tradutores podem ter de adotar outras estratégias globais, dependendo da finalidade do documento e dos leitores pretendidos, por exemplo, *simplificar*: traduzir termos técnicos ou especializados utilizando uma linguagem do dia-a-dia; *explicar*: expandir siglas e explicar conceitos pouco explorados, seja com notas de rodapé ou notas do tradutor; *condensar*: resumir a mensagem principal; *traduzir diretamente*: traduzir para mostrar o que o texto original diz, sem concessões (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58 e 59, tradução minha, grifos dos autores)³⁰.

As estratégias que Wagner sugere fazem bastante sentido e podem ajudar os tradutores que a seguirem. No entanto, pela definição de estratégia global de Chesterman, o que ela diz parece se encaixar melhor na estratégia local. Isso porque a estratégia de *simplificar* só será utilizada quando o tradutor se deparar com um termo técnico ou especializado. O mesmo ocorre com as estratégias de *explicar* e *condensar*. A estratégia de *traduzir diretamente* lembra a definição do que é *estrangeirização*, talvez seria o uso dela em um caso específico para propositalmente destoar do resto da tradução *domesticadora*?

Da mesma forma que a autora e tradutora propôs outras estratégias globais - embora haja uma possível confusão entre esta e as estratégias locais - também podemos concordar que o

²⁹ No original: Adaptation: the whole text needs to be adapted to the target culture, and therefore nothing should be left that links it specifically to the source culture, perhaps not even proper names [...]. Foreignization: the text needs to retain its foreignness, for aesthetic or cultural reasons, so target language fluency is not a priority (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58).

³⁰ No original: Surely there are more than two options, and the global strategy must take account of the text purpose and intended readership as discussed above. [...] Presumably you would agree that translators may have to adopt other global strategies depending on the purpose of the document and the intended readership, e.g. *simplifying*: translating technical or specialized terms using everyday language; *explaining*: expanding acronyms and explaining unfamiliar concepts, maybe with footnotes or translator's notes; *condensing*: summarizing the main message; *straight translation*: translating in order to show what the original text says, without concessions (Chesterman e Wagner, 2010, p. 58 e 59).

tradutor deve atentar a alguns fatores antes de começar a traduzir. Esses fatores podem ser: *local ou veículo de publicação*: seja *online* ou impresso, é importante saber se o texto vai fazer parte de algum *site* especializado em algum assunto ou geral (assim o tradutor pode assumir se deve utilizar alguma das três primeiras estratégias propostas por Wagner) ou um panfleto de divulgação etc.; *público-alvo*: pessoas que tenham interesse em algum assunto técnico em específico, potenciais consumidores de algum produto etc.; *linguagem*: saber qual tom dar ao texto baseado na persona a quem o autor original se dirigia.

Reforço que, embora as estratégias de Wagner sejam apropriadas, elas são estratégias locais, segundo as definições de Chesterman. Isso pode parecer confuso, pois essas estratégias são pensadas no pré-tradução, mas só são executadas durante o ato tradutório. Elas também não fazem parte daquelas ‘estruturas fundamentais’ mencionadas anteriormente. E é sobre elas que falarei na próxima seção. Junto desse tópico ainda comentarei brevemente sobre a história dessas estratégias.

2.2.1 A história e a popularização das estratégias

Mais cedo, ao falar das antigas traduções da *Bíblia*, citei algumas figuras proeminentes e até hoje importantes para os Estudos da Tradução, dentre elas Lutero, a quem é atribuída a fala de que “uma tradução deve priorizar o significado à forma”. Em uma definição grosseira, uma tradução *estrangeirizadora* é (ou era) fundamentalmente oposta à visão de Lutero, uma vez que ela vai priorizar a forma ao significado, como veremos a seguir.

Em uma tradução *estrangeirizadora*, é de suma importância que o tradutor identifique o estilo de escrita do autor. Para traduzir Tolkien, essa importância é elevada em vários níveis, visto que ele, muitas vezes, usava termos antigos, algumas vezes oriundos do anglo-saxão ou *Old English*, outras vezes do grego e latim. Sabendo que muitos desses termos já eram considerados obsoletos na época em que o texto original foi escrito, e analisando as duas versões - mesmo que superficialmente, até este ponto - tive a sensação de que, enquanto a primeira tradução usa termos com os quais o leitor está habituado, a última traz alguns termos/elementos textuais que podem gerar estranheza, em um primeiro momento, porém são mais fiéis ao original. Isso vai ao encontro da proposta de Venuti (2018), elaborada a partir de Schleiermacher (2010), cujo fundamento é levar o leitor ao autor sempre que possível.

Referente aos tradutores e teóricos da Tradução citados acima, e para melhor situar o leitor que ainda não os conheça, os próximos parágrafos descreverão algumas informações-chave dos autores.

O nome Schleiermacher já apareceu algumas vezes neste texto, porém, seu nome completo é Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834). Ele foi um filósofo, teólogo e classicista polonês que lecionava Teologia na Universidade de Humboldt, em Berlim, e na Universidade de Halle. Além das atribuições já listada, ele também foi tradutor, tendo traduzido, inclusive, Platão.

A partir de seus trabalhos como tradutor e suas reflexões sobre o tema, o autor decidiu escrever, em 1813, um ensaio intitulado: *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, ou *Sobre os Métodos de tradução*, em português. Esse ensaio é até hoje um dos principais textos sobre tradução devido ao seu caráter revolucionário e contestador.

Lawrence Venuti, por outro lado, é um autor bem mais recente. Nascido em 1953 na Philadelphia, nos Estados Unidos, ele é um historiador, teórico da Tradução e professor de Literatura moderna, tradições poéticas de língua inglesa e de línguas estrangeiras, teoria e história da tradução e tradução literária na Universidade de Temple, situada na sua cidade natal.

Assim como Schleiermacher, Venuti também já atuou como tradutor, tendo traduzido do italiano, francês e catalão para o inglês. Se Schleiermacher ficou conhecido nos Estudos da Tradução por seu ensaio, o nome de Venuti também começou a ecoar a partir de 1995, data da publicação de um de seus principais livros: *The Translator's Invisibility*, ou *A Invisibilidade do Tradutor*, em uma tradução livre³¹.

Após a publicação desse livro, Venuti ficou bastante conhecido e é considerado uma das maiores autoridades da área. Ainda que não seja declaradamente um autor marxista, mas pós-estruturalista, muitas de suas ideias estão em sintonia com os princípios marxistas, especialmente quando critica o imperialismo cultural e a valorização do trabalho do tradutor, ao analisar a subordinação das traduções. Para o autor, a cultura/língua do texto de partida não

³¹ O livro foi reeditado em 2008, quando sofreu algumas leves alterações. Para esta dissertação, sempre usarei a cópia publicada em 2018 (cf. referências) feita a partir da reedição de 2008.

deve ser reduzida nos textos traduzidos. Aí está sua crítica ao imperialismo, uma vez que essa redução ou apropriação da cultura e da língua do outro é uma forma de colonialismo³².

Para entendermos a prática/filosofia que os novos tradutores de Tolkien possivelmente utilizam, é preciso que retomemos os primórdios dessa teoria, por isso proponho trazer o filósofo polonês à conversa. No período em que Schleiermacher escrevia, uma coisa era consenso entre os tradutores: a estratégia de *estrangeirização* não atendia às expectativas dos leitores. Entretanto, ao olharmos para seus textos, é possível perceber que ele não rejeitava nenhuma das estratégias. O que ele rejeitava, porém, era a utilização das duas estratégias em uma mesma tradução.

O autor deixa essa ideia explícita quando comenta que qualquer estratégia é aplicável, entretanto, deve-se considerar qual reação esperamos do leitor,

ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente (Schleiermacher, 2010, p. 242)

Ao mesmo tempo que Venuti (2018) procura refinar o pensamento de Schleiermacher (2010), em algumas de suas falas percebe-se certa inclinação para defender a tradução *estrangeirizadora* com mais veemência. Para ele, essa estratégia mantém a cultura do outro, e isso “pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, no interesse das relações geopolíticas democráticas” (Venuti, 2018, p. 16, tradução minha)³³.

A partir da última citação de Schleiermacher (2010), percebe-se a tradução *estrangeirizadora* como uma estratégia para levar os registros textuais e os estilos do escritor ao texto de chegada, enquanto a tradução *domesticadora* não se preocupa com isso. Ainda, a *estrangeirização* não se resume a uma troca de códigos linguísticos. De acordo com Venuti (2018), para além disso, ela prioriza a cultura do outro.

Já a outra estratégia, a de *domesticação*, para Schleiermacher (2010) acontece sempre que o tradutor usa de recursos para “deixar o leitor o mais tranquilo possível”. Venuti (2018)

³² Franz Fanon discute isso em *Os Condenados da Terra* (cf. Fanon, 2021). No Brasil, Paulo Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, busca a criação de um homem novo, liberto desse colonialismo (cf. Freire, 2022).

³³ No original: [Foreignizing translation in English] can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations (Venuti, 2018, p. 16).

completa o pensamento definindo essa estratégia como sendo a prática deliberada de um estilo fluido e por vezes simplificado, para minimizar a natureza estranha de um texto estrangeiro. Para isso, alguns valores linguísticos e culturais do texto original são ocultados ou substituídos na tradução. Isso pode ou não ser um problema, vai depender de qual texto está sendo traduzido e das intenções por trás dessa tradução. A crítica do autor está, no entanto, na invisibilidade do tradutor, mas discutirei isso adiante.

Alguns parágrafos atrás, afirmo, a partir de uma avaliação dos comentários de Schleiermacher (2010), que os textos *estrangeirizadores* têm a característica de levar registros textuais. Falando especificamente da obra de Tolkien, deve-se considerar os jogos linguísticos e as palavras criadas pelo autor. Ora, se (em sua pseudotradução) uma palavra teria supostamente chegado ao inglês através do latim, o tradutor que optar por utilizar dessa estratégia deve imaginar como essa mesma palavra chegaria ao português. Pretendo analisar como cada tradução lidou com esse problema tradutório no capítulo quarto.

Antes de mudar de assunto, gostaria de comentar sobre a fala de Venuti (2018), vista momentos atrás, em que ele afirma que o tradutor *estrangeiriza* o texto como forma de “resistência contra o etnocentrismo e o racismo”. Aqui fica claro o ponto que comentei mais cedo, referente ao fato de o autor preferir traduções *estrangeirizadoras*. De forma indireta, ele está dizendo que, nas traduções *domesticadoras*, a cultura de partida sofre violência no ato de tradução³⁴.

No entanto, ainda que o autor tenha sido polêmico e tenha, por vezes, resumido as estratégias de forma provocativa e polarizadora, o seu argumento procura valorizar a figura do tradutor, diminuindo sua invisibilidade, como o próprio título do seu livro sugere. Assim, após feita aquela revisão histórica da Tradução, chegamos nos dias atuais, época em que os tradutores não podem mais se refugiar numa invisibilidade.

Essa ideia de tornar o tradutor visível é, na verdade, o ponto primordial nos textos de Venuti (2018). A percepção que tenho é que a hipótese externa do autor seja propor uma estratégia de visibilidade do tradutor a partir das estratégias dicotômicas de Schleiermacher (2010). Assim, para Venuti (1999 e 2018), a estratégia de *estrangeirização*, apesar de ser parecida à de Schleiermacher (2010), desempenha um papel diferente, qual seja, de que a dificuldade na legibilidade do texto é uma estratégia para dar visibilidade ao tradutor, porque

³⁴ Um artigo que critica esse ponto é o de Snell-Hornby (2012).

todos os elementos estranhos ou estrangeiros no texto traduzido dariam voz a grupos que, na tradução *domesticadora*, são excluídos. Essa ideia pode ser vista na citação a seguir:

A tradução exerce um enorme poder na construção de representações de culturas estrangeiras. A seleção de textos estrangeiros e o desenvolvimento de estratégias de tradução podem estabelecer cânones domesticadores para literaturas estrangeiras, cânones que [...] revelam exclusão e admissões, centros e periferias, que se distanciam daqueles existentes na língua estrangeira (Venuti, 1999, p. 67, tradução minha)³⁵.

Essa exclusão do tradutor é um debate interessante, Lambert (2005) também vai tratar do assunto em seu artigo intitulado “Is translation studies too literary?”, no qual ele comenta que trabalhos linguísticos reduzem a tradução ao contato de duas línguas. O ponto do autor, que também é corroborado por Venuti (2018), é de que a tradução é uma área ou um exercício para além do linguístico, mas que também inclui o social e o geográfico.

Ainda nesse sentido, Bourdieu vai dizer que “os linguistas têm razão em dizer que todas as línguas se equivalem linguisticamente; eles erram ao acreditar que elas se equivalem socialmente” (1983, p. 165). Esse erro pode ocasionar em uma violência, como trata Venuti (2018), porque geralmente as línguas europeias dominam as outras no processo de tradução³⁶.

Voltando a falar sobre as estratégias globais, na tradução *domesticadora*, a impressão que o leitor pode vir a ter é a de que o texto foi originalmente escrito na língua para a qual foi traduzido, dado a falta de identidade cultural e linguística. Para Venuti (2018), isso é um problema, pois o leitor pode se reconhecer na cultura do outro, não dando espaço para a percepção do outro. Isso explica a ‘perseguição’ ou a falta de empatia do autor para com a estratégia.

Pode-se argumentar que a dificuldade na legibilidade de um texto não daria valor ao tradutor, uma vez que tanto o mercado editorial quanto o público leitor são mais receptivos a textos mais palatáveis. Outra crítica possível é que o texto traduzido seria voltado ou apreciado por um leitor mais elitizado, afastando-o do grande público. Porém, tendo a acreditar que o que acontece no mercado atual segue a visão de Britto (2022): o tradutor se apropria das duas estratégias e fica em uma posição intermediária, assim o elemento estranho

³⁵ No original: Translation wields enormous power in constructing representations of foreign cultures. The selection of foreign texts and the development of translating strategies can establish peculiarly domestic canons for foreign literatures, canons that conform to domestic aesthetic values and therefore reveal exclusion and admissions, centers and peripheral that deviate from those current in the foreign language (Venuti, 1999, p. 67).

³⁶ Sobre essa questão de língua dominante e língua dominada, recomendo a leitura do livro de Pascale Casanova, intitulado *A língua mundial: tradução e dominação*.

é apenas isso, estranho. Quero dizer que a legibilidade do texto não ficaria comprometida, mas ainda assim perceberíamos, em uma tradução que também faça escolhas estrangeirizantes, que algumas passagens possuem elementos pouco habituais e que estão ali para que a existência do outro seja vista, e perceber essa alteridade nos cânones estrangeiros é perceber que as sociedades ali retratadas têm voz, como bem pontuou Venuti (2018) na citação acima.

Ainda em relação ao que foi comentado no parágrafo anterior, sobre o uso de recursos que geram estranheza no leitor, isso pode ser comparado a filmes. Por exemplo, quando uma personagem de origem estrangeira aparece em algum filme hollywoodiano, é comum que ela tenha um sotaque marcado; o sotaque do texto traduzido são as construções frasais pouco comuns, para mostrar respeito e lembrar ao leitor que se trata de alguém proveniente de outro lugar e de outra cultura.

Outro elemento linguístico que espero encontrar na análise é o mesmo que Venuti (2018) encontrou nas obras de Pound: o uso de arcaísmos para dar a noção de o texto se tratar de um manuscrito antigo (a justificativa dessa será comentada no capítulo seguinte). Para melhor contextualizar as observações de Venuti, vejamos, nas palavras dele, o que ele percebeu:

Na obra de Pound, a estrangeirização às vezes toma a forma de arcaísmo. A sua versão de “The Seafarer” (1912)³⁷ se afasta do inglês moderno, aderindo estreitamente ao texto anglo-saxão, imitando as palavras compostas, aliterações e métricas da língua (Venuti, 2018, p. 29, tradução minha)³⁸.

Voltemos nossa atenção à tradução *domesticadora*. Ela visa simplificar ou omitir certas questões que poderiam confundir ou atrapalhar o fluxo de um texto. O principal pilar dessa estratégia é transmitir o conteúdo principal do texto original, mesmo que isso signifique utilizar palavras mais comuns ou rearranjar a ordem das palavras para que elas soem natural aos ouvidos dos leitores.

Até agora, todos os autores que trouxe à conversa defendem a estratégia de *estrangeirização* com mais afinco. Porém, cabe lembrar que há outros autores que preferem a *domesticadora*; é o caso de Goethe. O autor inclusive chegou a comentar que domesticava suas traduções sempre que possível. Britto, com base nessas afirmações, ponderou o seguinte:

³⁷ Trata-se de um poema em *Old English* que conta a história de um homem perdido no mar.

³⁸ No original: In Pound’s work, foreignization sometimes takes the form of archaism. His version of “The Seafarer” (1912) departs from modern English by adhering closely to the Anglo-Saxon text, imitating its compound words, alliteration, and accentual meter (Venuti, 2018, p. 29).

Podemos discordar da ideia de Goethe de que na dúvida devemos domesticar, mas não há como contornar a necessidade de procurar um “caminho intermediário”. Pois uma tradução radicalmente estrangeirizadora, que mantivesse a sintaxe do idioma-fonte e cunhasse um termo novo cada vez que não fosse encontrada uma palavra que traduzisse com exatidão um termo do original, provavelmente se tornaria ilegível, como essas traduções automáticas que fazemos através de *sites* da internet (Britto, 2022, p. 62, grifo do autor).

Assim, cabe aos leitores e, principalmente, ao tradutor notar que existem diferentes possibilidades de tradução, e que uma não se sobrepõe à outra. Contudo, é essencial que o tradutor saiba qual linha teórica seguir, bem como perceber quem será o possível público-alvo para que a tradução possa ser feita do início ao fim com alguns padrões previamente traçados.

Reforço que todas as variantes (teorias, estratégias, métodos) são, *a priori*, corretas, porém, é o trabalho posto em prática que indica o que é mais viável ou, de fato, exequível. Para Britto, nenhuma das duas estratégias são exequíveis, pelo contrário,

Essas duas estratégias, na verdade, representam mais um par de ideais absolutos inatingíveis; na prática, o que sempre fazemos é exatamente aquilo que Schleiermacher diz ser impossível fazer: adotar posições intermediárias entre os dois extremos (Britto, 2022, p. 62).

No nosso olhar contemporâneo isso pode parecer óbvio, mas já houve tradutores que punham um esforço homérico para não modificar a sintaxe ou os registros linguísticos dos originais. Hoje, como bem disse Britto (2022), procuramos um equilíbrio, trazemos elementos estrangeiros, mas cedemos outros, e, em casos de *domesticações*, ainda é possível encontrar vestígios de elementos estrangeiros.

Britto traz ainda outra dica aos tradutores: não importa se sua intenção é estrangeirizar ou domesticar uma obra, “não cabe ao tradutor criar estranhezas onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou de convencional” (2022, p. 67).

A primeira metade da fala de Britto é bastante autoexplicativa, mas foquemos na segunda metade. Essa dica é valiosa porque, quando um tradutor iniciante começa um trabalho com determinado *mindset*, é possível que ele não se atente às expressões artísticas ou comunicativas do texto original, que possivelmente carregam significados culturais importantes. Por isso é sempre bom lembrar dessa dica, assim não corremos o risco de cair na armadilha de simplificar um texto excessivamente e perder as sutilezas do original.

A estratégia de *estrangeirização*, nos moldes de Venuti (2018), por ser relativamente nova, é alvo de muitas críticas, ao passo que é defendida com unhas e dentes por seus admiradores. Nela, o tradutor-estrangeirizador busca dar a seu público a sensação do

estrangeiro e de que a obra que ele está lendo passou pela mão de um tradutor. Esse é um dos principais objetivos de *The Translator's Invisibility*, pois, para ele, uma tradução só é boa quando o tradutor é visível. Quando o tradutor se coloca no papel de escritor, ele estaria perpetuando uma dominação cultural das línguas dominantes.

Para ajudar na compreensão, imaginemos um texto antigo, de séculos atrás, que deve ser traduzido para uma determinada língua. O tradutor-estrangeirizador precisaria imaginar como esse texto seria traduzido caso fosse introduzido na língua-alvo naquela época (enquanto o tradutor-domesticador vai usar a mesma linguagem de sua época). Para isso é preciso, certamente, muita pesquisa, de modo a compreender quais palavras eram mais comuns naquele tempo, como as frases eram construídas etc³⁹.

Quando falamos dos textos de Tolkien, por mais que sua obra tenha sido escrita no século passado, ou seja, a maioria do léxico é equivalente ao que usamos hoje, o escritor e filólogo britânico praticava o que hoje chamamos de pseudotradução, isto é, o autor se passa por tradutor de antigos manuscritos, e, no caso de Tolkien, ele extrapola essa máxima criando diversas línguas dentro de sua obra fictícia. Todos esses fatores têm de ser considerados e respeitados pelo tradutor-estrangeirizador. Para expor essa proposta, Lopes assinala que:

Não é incomum que parte do texto ‘original’ do manuscrito apareça na obra, num esforço deliberado para reproduzir não apenas o idioma do texto perdido, mas também os alfabetos arcaicos nos quais ele supostamente foi escrito. E, com alguma frequência, o leitor descobre que o manuscrito que Tolkien teria usado como base de seu livro moderno é, ele próprio, a tradução em inglês antigo de outro manuscrito — esse sim uma fonte primária dos eventos narrados — redigido em uma das muitas línguas ficcionais desenvolvidas pelo autor. (Lopes, 2012, p. 08)

Sabemos que não é o caso, porque o autor pseudotraduzia, mas vale destacar que adotar a estratégia de *estrangeirização* em textos relativamente recentes pode gerar a sensação, no leitor, de estar lendo um texto mal traduzido. Pym trata dessa possibilidade:

O problema deste método é o literalismo (a tradução segue o original à risca). A propensão de fazer um trabalho simplório e tolo cresce à medida que a arte é mais elevada e mais difícil, é o caso do ingênuo tradutorês. O tradutor arrisca-se a ir longe demais, traíndo a si próprio e a sua língua (Pym, 1995, p. 05, tradução minha)⁴⁰.

Pym, indiretamente, cita o famoso adágio italiano, *traduttore, traditore* (tradutor, traidor), que simboliza a complexidade em transportar o sentido original de um texto para

³⁹ Isso é o que Britto (2022) vai chamar de *marcas*. O texto original possui *marcas* de lugar e tempo em que foi escrito.

⁴⁰ No original: The difficulty with this method is that such literalism (‘the translation follows the turns taken by the original’), as the highest and most difficult art, comes close to the easiest and most foolish, that of the naive translationese. Translator risk going too far, betraying themselves and their language (Pym, 1995, p. 05).

outra língua. Sobral (2008) vai diferenciar essas complexidades entre o traduzível e o tradutível⁴¹. De toda forma, Pym acredita que estaríamos nos expondo a essas complexidades desnecessariamente quando estrangeirizamos um texto⁴².

Resumidamente, Schleiermacher (2010) populariza a dicotomia autor/tradutor e tradução fiel/tradução livre, enquanto Venuti (2018) é reconhecido por questionar a autoria e a autoridade do tradutor. Para o primeiro, o tradutor-estrangeirizador é sempre o mais literal possível, dando ao público uma sensação de estrangeiro; para o segundo, o papel do profissional é, para além de causar essa mesma sensação, se apresentar como uma entidade visível. Isso, em um segundo momento, deve dar voz a grupos socialmente excluídos, uma vez que o cânone literário entre na cultura anglo-americana de forma a subverter a cultura original que nunca foi contemplada.

Outro fator a ser avaliado, e que também é abordado por Venuti (2018), é o conceito de consumibilidade, em que a tradução *domesticadora*, por ser mais ‘consumida’, terá mais prestígio, mas não deixará evidente a visibilidade do tradutor⁴³. Essa visão, contudo, não está livre de críticas, a principal delas sendo o fato de que, dada a (possível) ininteligibilidade dos textos estrangeirizados, a leitura deve ser limitada a uma pequena elite cultural, o que acabaria indo de encontro à proposta pós-estruturalista – influenciada por uma perspectiva marxista - que fundamenta os estudos do autor.

Logo, apesar da mudança de foco, ambos autores entendem como tradução *estrangeirizadora* todo e qualquer trabalho que se concentre na cultura da língua de origem (o leitor se aproxima do autor), e tradução *domesticadora* aquele trabalho cujo plano é facilitar ou descomplicar um texto demasiado idiossincrático, ou seja, focando mais na cultura da língua de chegada (o autor se aproxima do leitor).

2.3 A ESTRATÉGIA DE *ESTRANGEIRIZAÇÃO* NAS TRADUÇÕES DE TOLKIEN

Neste subcapítulo serão apresentadas algumas informações e exemplos do porquê acredito que a estratégia de *estrangeirização* é aplicada nas mais recentes traduções de

⁴¹ Para o autor, “as línguas são traduzíveis, ou seja, postas em correspondência, mas não tradutíveis, ou seja, postas em equivalência” (Sobral, 2008, p. 40). Assim, o esforço de tentar, a todo custo, por as línguas em equivalências, será em vão.

⁴² A partir desses parágrafos, tento mostrar ao leitor que esta dicotomia feita a partir da hermenêutica de Schleiermacher (2010) tem defensores e críticos. De um lado trago Venuti (2018) e Lopes (2012), do outro Goethe (in Britto, 2022) e Pym (1995).

⁴³ Caso o leitor deseje ampliar as leituras sobre a mercantilização da tradução e sobre os fundamentos marxistas que alicerçam o posicionamento do autor, sugiro a leitura da introdução de *Rethinking Translation*, livro editado pelo próprio autor (cf. Venuti 2019).

Tolkien - todas publicadas pela HarperCollins Brasil, mesma editora detentora dos direitos da Middle-earth Enterprises na Inglaterra⁴⁴. Evidentemente, analisar todas as traduções seria impossível, dada a natureza deste trabalho, por isso, decidi fazer um recorte e analisar apenas *A Sociedade do Anel*.

Na verdade, não se trata de acreditar ou não (que a dita estratégia foi usada). Isso vem sendo afirmado e explicado, pelos tradutores, desde o lançamento dos livros. Assim, o objetivo deste trabalho, como estabelecido na introdução, é perceber se os rastros dessas estratégias são detectáveis nas traduções (partindo do pressuposto que a primeira tradução é mais *domesticadora*, e pressuponho isso com base em leituras anteriores que fiz) e perceber qual das duas é mais fiel ao original, ou se essa premissa é falsa.

A seguir há um trecho extraído de uma revista na qual um dos novos tradutores de Tolkien explica sobre a opção de estrangeirizar. Segundo Lopes, importante membro do *conselho de tradução da HCB* (HarperCollins Brasil)⁴⁵, essa edição se trata de

uma tradução estrangeirizadora, tentando trazer ao máximo os elementos do texto original, até os elementos que são mais estrangeiros ou estranhos e não usados no português, pelo menos não no moderno. Eu tento olhar elemento por elemento, como as palavras até a sintaxe, e passar ponto a ponto no português. Se o adjetivo está na quinta posição ou o objeto direto está invertido com o sujeito, deixar assim em português sempre que possível. Procuro também coisas da tradição literária em português que sejam ao menos equivalentes, então tenho sido muito influenciado por Camões, principalmente nos textos da Primeira Era (Lopes, 2019, n.p).

Quando os tradutores afirmam que a retradução é *estrangeirizadora*, isso nos leva a deduzir que a tradução publicada pela Martins Fontes é *domesticadora*. Essa dedução pode ser corroborada com Paloposki e Kosienen (2004), que, a partir de uma leitura sobre a hipótese da retradução de Berman, afirmam que as primeiras traduções de uma obra literária são mais assimilativas do que as retraduições, como podemos ver na citação a seguir:

A hipótese da retradução - afirmação que implica que as primeiras traduções são mais domesticadoras do que as retraduições - é frequentemente citada nos Estudos da Tradução, mas apenas *en passant*, sem aprofundar a questão. Por outro lado, muitos estudos que tratam explicitamente de traduções e retraduições e, portanto, seriam ideais para testar a hipótese, não a mencionam. Assim, parece não haver um corpo

⁴⁴ A Middle-earth Enterprises é a empresa que possui os direitos das obras literárias de Tolkien e dos elementos contidos dentro delas, como nomes de personagens, cidades, objetos, frases icônicas etc. Alguns desses direitos foram repassados, ou contratualmente legalizados para uso, à HarperCollins.

⁴⁵ Kyrmse, novo tradutor de *O Senhor dos Anéis*, em entrevista, comenta sobre o “conselho de tradução da HCB”, em que os membros se auxiliam e revisam os textos a serem publicados. Dentre os membros estão “os muito competentes e eruditos Reinaldo José Lopes e Gabriel Brum” (Kyrmse, 2019b, n.p).

substancial de evidências, seja em favor ou contra a hipótese da retradução (Paloposki e Koskinen, 2004, p. 27, tradução minha)⁴⁶.

Faço esse comentário porque a hipótese da retradução pode ser interpretada de outras formas. Há pesquisadores que vão afirmar que, na hipótese de retradução, a tradução, salvo exceções, terá uma qualidade inferior quando comparada às retraduições. Isso explicaria a necessidade de retraduzir uma obra. Uma citação para ajudar o leitor a melhor entender essa visão pode ser encontrada no trabalho de Ciulla e Flores (2024), ao afirmarem que “a *retradução* [...] contribuiria para reduzir essas *insuficiências*, motivo pelo qual há tantas retraduições de uma mesma obra” (p. 06, grifos dos autores).

Isso evidenciaria um motivo pelo qual essas novas traduções foram feitas: para corrigir erros do passado. Por outro lado, Paloposki e Kosinen (2004), não estão sozinhos nessa interpretação, pelo contrário, Widman (2016) escreve uma dissertação em que o tema é abordado com mais cautela e são evidenciados todos os autores que compartilham da mesma visão. De qualquer forma, é interessante ver o pensamento dos autores porque, partindo do pressuposto que a leitura deles referente à hipótese seja verdadeira, ao terminar a análise estarei, ao mesmo tempo, confirmando minha pressuposição – qual seja, de que a primeira tradução é mais *domesticadora* -, e ajudando a corroborar essa hipótese.

Reitero que os novos tradutores prezam por manter a mesma estrutura do texto de partida no texto de chegada. Como o próprio Lopes (2019) disse, todos os novos tradutores de Tolkien no Brasil mantiveram, sempre que possível, a estrutura original, e isso significa aplicar a mesma sintaxe, manter a voz ativa ou passiva, ou manter o número de palavras de determinada categoria gramatical, e assim por diante. Essas afirmações vão voltar a aparecer no momento da análise, porém, ao lado de exemplos e dados que corroborem ou refutem as afirmações.

A partir de uma fala de Lopes, na qual ele diz “olhar elemento por elemento, como as palavras até a sintaxe, e passar ponto a ponto no português” (Lopes, 2019, n.p), pode-se também atribuir a crítica que Oustinoff faz às traduções *verbum pro verbo*. Para ele, “em tradução, não se traduzem as palavras isoladamente uma das outras: a tradução ‘palavra a palavra’ é muito frequentemente impossível” (Oustinoff, 2011, p. 26). Ainda é cedo para

⁴⁶ No original: The retranslation hypothesis - the claim that first translations are more domesticating than retranslations - is often referred to in Translation Studies literature but only in passing, without looking at the issue in great detail. On the other hand, many studies that explicitly deal with first translations and retranslations and would thus be ideal for testing the hypothesis do not mention it. Thus, there seems to be no substantial body of evidence either in support of or against the retranslation hypothesis (Paloposki e Koskinen, 2004, p. 27).

afirmar que esse é o caso das novas traduções de *O Senhor dos Anéis*, porém, é importante que isso seja considerado durante as análises.

Um exemplo de *estrangeirização* que foi adotado na tradução mais recente está no uso do plural de anão. Em português, anões é a forma mais utilizada - assim como, em inglês, o plural de *dwarf* é *dwarfs* -, mas, tal qual no original, em que o escritor se refere ao coletivo dessa raça como *dwarves* (escrita antiga da mesma palavra), o tradutor-estrangeirizador brasileiro preferiu usar a palavra anãos⁴⁷. Por mais sutil que seja a diferença, uma escolha de palavras pode fazer toda a diferença no conjunto da obra, ainda mais se tratando desse tipo de tradução, na qual o tradutor está mais preso ao original, isto é, com poucas margens para criação ou adaptação, que busque preservar a identidade que lhe foi tirada na primeira tradução.

Para exemplificar a constatação acima feita, proponho a leitura de um curto trecho no original e, em seguida, das duas traduções feitas para o português brasileiro. O original, como disse anteriormente, usa o plural menos popular de anão, mas, como se trata de uma raça, e não de uma pessoa com nanismo, o autor destacou a palavra capitalizando a primeira letra: “*Not even the anvils and furnaces of the Dwarves could do that*” (Tolkien, 2014, p. 58). Na última edição lançada no Brasil, que preza por uma tradução *estrangeirizadora*, o termo foi traduzido para Anãos, também capitalizando a letra inicial da palavra: “Nem mesmo as bigornas e fornalhas dos Anãos poderiam fazê-lo” (Tolkien, 2019, p. 116). Já a primeira tradução, por ser, supostamente, *simplificadora*, optou por usar o plural mais conhecido, anões: “Nem mesmo as bigornas e os fornos dos anões poderiam fazer isso” (Tolkien, 2001, p. 63). Pode-se notar outras escolhas tradutórias distintas nessa mesma frase, mas, neste momento, esse exemplo inicial basta para ilustrar o tipo de análise que será feito ao longo desta dissertação.

Ronald Kyrmse, tradutor da nova versão de *O Senhor dos Anéis*, em entrevista à revista VEJA, explica as mudanças das falas das personagens. As mudanças são significativas não só no aspecto estilístico, mas também muda o sentido do texto e dá continuidade ao folclore iniciado pelo autor britânico:

⁴⁷ Outra opção seria *ananos*, mas “essa forma *só foi usada* no nome Covanana (*Dwarrowdeld*), para representar o nome de Moria na fala comum: Phurunargian. Pois este significava ‘Cova-dos-Anãos’ (*Dwarf-delving*), e mesmo assim já era uma palavra de forma antiquada. Mas Moria é um nome élfico, e dado sem apreço” (Tolkien, 2019c, p. 1620, grifos meus).

Procuramos respeitar o tom e a forma da linguagem. Na primeira tradução, todo mundo usa ‘você’. Isso sempre me incomodou. Os elfos são uma raça muito mais antiga do que os hobbits e deviam ser tratados com mais respeito. Agora, o pronome de tratamento corriqueiro é tu. Os hobbits, um povo rural, se tratam por ‘você’. Mas se referem aos elfos como ‘vós’ (Kymse, 2019, n.p).

Para entender essa proposta, na prática, vejamos um primeiro exemplo introdutório: O texto original traz a seguinte passagem: “*It is eight and thirty years of the world outside since you came to this land; and those years lie heavy on you*” (Tolkien, 2014, p. 346). A primeira versão, como sabemos, teve menos atenção aos detalhes do folclore tolkieniano, diferente da nova tradução⁴⁸. De qualquer forma, a edição da Martins Fontes segue conforme a seguir: “Somam-se trinta e oito anos do mundo lá fora desde que estive nesta terra, e esses anos pesam muito para você” (Tolkien, 2001, p. 377). Notamos aqui um exemplo da fala de Kymse, quando os Elfos falam *você* em detrimento do *tu*, que, segundo ele, seria mais adequado, já que se trata de um povo, ou de uma raça, mais antiga e mais isolada do resto dos povos da Terra-média. Sabendo que a nova tradução se propôs a fazer uma tradução mais ‘fiel’, vejamos qual foi a solução encontrada para abordar esse problema: “Faz oito e trinta anos do mundo exterior que vieste a esta terra; e esses anos jazem pesados sobre ti” (Tolkien, 2019, p. 501). Percebemos logo no início da frase uma construção frasal que poderia causar certa estranheza aos ouvidos de um brasileiro nativo, porém, considerando que estamos analisando uma tradução *estrangeirizadora*, “faz oito e trinta anos” está muito mais próximo do original (“*it is eight and thirty years*”), do que a primeira tradução apresentada, “somam-se trinta e oito anos”. Nota-se a presença do *tu* no lugar do *você* que, como dito anteriormente, é um pronome muitas vezes considerado mais formal no português brasileiro.

Agora que conhecemos essa dualidade entre as estratégias, e pressupondo que cada tradução de *O Senhor dos Anéis*, em português brasileiro, usou uma estratégia diferente, é preciso estabelecer critérios para usar como metodologia para apontar o grau de *domesticação* e *estrangeirização*. Para isso, recorrerei às Modalidades de Tradução⁴⁹.

2.4 SOBRE AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO

As Modalidades de Tradução, ou simplesmente MMT, foram inicialmente desenvolvidas por Vinay e Darbelnet, em 1995, mas sofreram algumas mudanças e melhorias por Aubert (1998), sendo essa a linha que será apresentada.

⁴⁸ Vale ressaltar que o próprio Kymse foi consultor e revisor técnico da primeira tradução, mas, possivelmente, não teve autonomia de fazer as mudanças que vimos em sua retradução.

⁴⁹ Widman (2016) usa das Modalidades em sua pesquisa e, por parecer ser uma forma suficiente para fazer a avaliação proposta, pareceu lógico que me espelhasse na autora e usasse dessa mesma metodologia.

De acordo com Aubert (1998), devemos considerar treze modalidades que vão compor uma escala de diferenciação. São elas⁵⁰:

1. Omissão: ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta.
2. Transcrição: ocorre quando segmentos do texto pertencem a ambas as línguas envolvidas ou, ao contrário, quando não pertencem nem à Língua Fonte, nem à Língua Meta, e sim a uma terceira língua.
3. Empréstimo: ocorre quando um segmento textual do Texto Fonte é reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimos (aspas, itálico, negrito etc.).
4. Decalque: ocorre quando uma palavra ou expressão é emprestada da Língua Fonte, mas sofrendo adaptações gráficas e/ou morfológicas.
5. Tradução Literal: ocorre quando os segmentos textuais Fonte e Meta (I) possuem o mesmo número de palavras, (II) estão na mesma ordem sintática, (III) empregam as mesmas categorias gramaticais e (IV) contêm as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos.
6. Transposição: ocorre sempre que pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos.
7. Explicitação/Implicação: ocorre quando informações implícitas contidas no texto Fonte se tornam explícitas no texto Meta ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto Fonte e identificáveis com determinado segmento textual tornam-se referências implícitas.
8. Modulação: ocorre sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido.
9. Adaptação: ocorre quando há uma assimilação cultural; ou seja, a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial

⁵⁰ O texto a seguir é um recorte do texto de Aubert (1998, p. 105 – 110).

de sentido, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido, mas abandona qualquer ilusão de equivalência perfeita.

10. Tradução intersemiótica: ocorre quando figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares constantes do texto Fonte vêm reproduzidos no texto Meta como material textual.

11. Erro: ocorre quando o texto Meta distorce o texto Fonte por engano.

12. Correção: ocorre quando o tradutor opta por ‘melhorar’ o texto Meta em comparação com o texto Fonte ao perceber erros factuais e/ou linguísticos, inadequações e gafes.

13. Acréscimo: ocorre quando qualquer segmento textual incluído no texto alvo pelo tradutor por sua conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original.

Uma vez que se tem acesso às MMT, precisa-se interpretá-las. Conforme o autor que as desenvolveu,

As modalidades de transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal e transposição são coletivamente denominadas modalidades de tradução direta. As modalidades de explicitação/implicação, modulação, adaptação e tradução intersemiótica constituem o conjunto das modalidades de tradução indireta (Aubert, 1998, p. 110).

Em outras palavras, as MMT que ele chama de tradução direta são mais literais, enquanto as MMT chamadas de tradução indireta são menos literais. Assim, enquanto estas estão mais próximas de uma tradução *domesticadora*, aquelas podem ser mais associadas às traduções *estrangeirizadoras*.

Dessa forma, como dito em momentos anteriores, utilizarei dessas Modalidades para perceber quanto cada tradução se aproxima ou se afasta do original. Minha intenção é, em forma de gráfico, mostrar quantas vezes as traduções são mais diretas ou indiretas, o que, consecutivamente, nos mostrará qual tradução estrangeirizou mais ou domesticou mais. Ao fazer isso, teremos certeza de que estamos lidando com uma tradução *domesticadora* e outra *estrangeirizadora*, o que confirmaria a minha hipótese feita a partir das falas dos tradutores da retradução. Se a afirmativa se confirmar verdadeira, podemos analisar as práticas de

preservação de elementos culturais e linguísticos de Venuti (2018) nas traduções, já sabendo das abordagens que guiaram cada versão.

Além dessas MMT, saliento que também farei uma análise menos técnica e mais subjetiva, me valendo fundamentalmente dos valores e das ideologias de cada estratégia. Isso será feito a partir de segmentos em contextos específicos que requeiram uma atenção mais cautelosa.

3 A OBRA E SUAS TRADUÇÕES

Durante a introdução desta dissertação, expliquei, ainda que brevemente, sobre as obras de Tolkien, sendo *O Senhor dos Anéis*, junto de *O Hobbit*, as de maior destaque. Assim, neste capítulo, essas serão apresentadas com mais detalhes, dando ênfase ao mundo criado e ao estilo de escrita do autor. A partir disso será possível compreender se esse estilo foi ou não respeitado, o que, conseqüentemente, responderá à questão-chave desta dissertação: a retradução, se confirmada ser mais *estrangeirizadora*, é mais fiel ao original do que a tradução?

Este capítulo está subdividido em três seções: a primeira consiste em uma breve biografia do autor, uma explicação geral da Terra-média e alguns comentários sobre suas principais obras; A segunda, mais curta, explica com mais cuidado o conceito de pseudotradução, e como ele é aplicado nos trabalhos de Tolkien, bem como o estilo de escrita do autor; a terceira seção trata das traduções de *O Senhor dos Anéis* publicadas no Brasil.

3.1 A SOCIEDADE DO ANEL: AUTOR E OBRA

Antes de falar sobre *A Sociedade do Anel*, preciso falar sobre o contexto que rodeia essa obra, ou melhor, o contexto em que ela está inserida, uma vez que o leitor dessa obra geralmente segue lendo as outras obras que completam a história: *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei*. Contudo, é preciso dar outro passo para trás para conhecermos melhor quem foi o escritor por trás das obras e quais eram suas intenções. Para apresentar a vida do autor, usarei a biografia autorizada, escrita por Humphrey Carpenter (2018)⁵¹, o texto de Ronald Kyrmse, *Explicando Tolkien*, e alguns outros textos pertinentes.

Começemos pelo autor, John Ronald Reuel Tolkien. Ainda que o autor seja mundialmente conhecido, seu nome completo nem sempre é lembrado; o mais curioso, no entanto, é que esse ‘problema’ sempre o perseguiu. O que a história - ou pelo menos a biografia de Carpenter (2018), que muitas vezes parece querer ficcionar a história, trazendo falas dramáticas e nem sempre realistas -, nos conta é que

Em 4 de janeiro de 1892, *seu pai*, Arthur Tolkien escreveu para sua casa em Birmingham: Querida mãe [...] O primeiro nome do menino será “John”, como seu avô, provavelmente John Ronald Reuel no total. Mab, *a mãe de Tolkien*, quer chamá-lo de Ronald e eu quero manter John e Reuel...” (Carpenter, 2018, p. 23, grifos meus)

⁵¹ Cf. referências.

O biógrafo ainda sugere que as pessoas, tanto familiares próximos como desconhecidos, nunca sabiam por qual nome se dirigir a ele. Nas palavras dele, “os que não eram tão íntimos, especialmente nos últimos anos de sua vida, conheciam-no por “J.R.R.T.” (Carpenter, 2018, p. 24). E isso parece seguir desde então, pois na capa de todos os seus livros seguem suas iniciais, com exceção da última, seu sobrenome, Tolkien. Por mais curioso que esse assunto seja, não vou focar nele. Assim, seguimos esta breve biografia, comentando sobre a sua infância e seu interesse por literatura e por línguas.

Nascido em Bloemfontein, região que hoje pertence à África do Sul, em 1892, Tolkien cresceu no Reino Unido, não no continente africano. Já comentei algumas vezes ao longo desta dissertação, e provavelmente ainda irei comentar outras tantas, sobre as línguas que Tolkien criou, dentre as quais destaco o quenya, o sindarin e o khuzdul; mas seu gosto por criar, ou mesmo estudar línguas foi adquirido desde cedo. Desde os quatro anos demonstrava interesse por aprender novas línguas. Foi nessa idade, por exemplo, que sua família se mudou para Birmingham, na Inglaterra, e, ao chegarem lá, “sua mãe começou a lhe ensinar os fundamentos do Latim, e isso o entusiasmou” (Carpenter, 2018, p. 35).

Ainda de acordo com Carpenter (2018), a segunda vez que uma língua lhe chamou a atenção foi quando, com pouco mais de sete anos, visitou Gales. Nessa viagem, ele viajou muito de trem, e sempre reparava nas “atraentes palavras” que davam forma aos nomes das estações. Mesmo não conhecendo a língua, a gramática e a possível sonoridade daquelas palavras, as sequências de letras eram, para ele, atraentes. Esse sentimento volta a se repetir nos seus onze anos, quando decidiu aprender grego, porque segundo o próprio: “a fluidez do grego, pontuada por sua dureza e com seu brilho superficial, cativou-me. Mas parte da atração era antiguidade e a remota estranheza [...]” (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 42).

Aquelas três línguas que Tolkien criou podem ser encontradas nas suas mais diversas obras, como *O Senhor dos Anéis*, por exemplo. Porém, a primeira língua criada que ele aprendeu foi o *animalico*, e a primeira língua que ele criou foi o *nevbosh*. Carpenter explica sobre essas línguas criadas, como podemos ver a seguir:

A língua que Mary e Marjorie Incledon, primas de Tolkien, criaram, se chamava “animalico” e era construída principalmente com nomes de animais, por exemplo: Cão rouxinol pica-pau quarenta significava “você é um asno” [...] Ronald aprendeu “animalico” e divertia-se com ele. Um pouco mais tarde, Marjorie (a irmã mais velha) perdeu o interesse e, quando o abandonou, Mary e Ronald colaboraram na invenção de uma língua nova e mais sofisticada. Era o “nevbosh” ou “novo disparate” [...] (Carpenter, 2018, p. 53, grifos meus)

Esse relato é importante para entendermos que o gosto de Tolkien por línguas vem desde cedo, e isso é um fator imprescindível ao analisar suas obras, uma vez que suas invenções linguísticas são baseadas em modelos de línguas já existentes⁵², e uma vez que a Terra-média é criada como um subterfúgio para ele colocar suas línguas em um lugar onde podem ser praticadas, pois, seu “longo livro é uma tentativa de criar um mundo em que uma forma de língua agradável à minha estética pessoal possa parecer real” (Tolkien, 2021, p. 264, tradução minha)⁵³.

Mas por que criar a Terra-média? Se ele precisava colocar suas línguas em um mundo que parecesse real, teoricamente, qualquer mundo poderia funcionar. Poderia ser aplicado em um universo futurístico, espacial, tribal etc. Bem, não há uma resposta para essa pergunta, mas podemos especular (assim como especulou Carpenter, e que, no parágrafo seguinte, ironicamente, criticarei) que foi porque, na sua infância, muitos dos livros que ele gostava seguiam essa mesma literatura fantástica. Além de *Alice no País das Maravilhas*, ele também gostava

dos livros de “Curdie”, de George Macdonald, que se passavam num reino remoto onde gobelins deformados e malévolos espreitavam sob as montanhas. As lendas arthurianas também o deixaram entusiasmado. Mas, acima de tudo, o que mais o deleitava eram os livros de fadas de Andrew Lang, especialmente o *Red Fairy Book*. (Carpenter, 2021, p. 36)

Sua adolescência foi marcada pela precoce morte de sua mãe, em 1904, e pela sua forte ligação com a igreja. A esse respeito, a sua biografia autorizada traz uma passagem que explica esse momento de sua vida, contudo, vale aqui destacar que, algumas vezes, o biógrafo enfeita, ou romantiza demais alguns trechos, outras vezes faz alguns julgamentos de valor ou suposições de o que poderia ter acontecido se outra ação fosse tomada, ou ainda como ele imagina que certas situações aconteceram, sem apresentar fontes que corroborem as hipóteses levantadas. Ainda assim, feita a devida ressalva, segue um comentário sobre a adolescência de Tolkien:

De fato, pode-se dizer que depois da sua morte, a religião ocupou em suas afeições o espaço antes ocupado pela mãe. A doutrina religiosa lhe proporcionou consolo não apenas espiritual, mas também emocional. Talvez a morte dela também tenha contribuído para consolidar o estudo de idiomas. Foi ela, afinal, sua primeira professora, aquela que o encorajou a interessar-se pelas palavras. (Carpenter, 2018, p. 47)

⁵² O Quenya, por exemplo, “se apresenta como *pidgin*, uma intercessão de idiomas que resulta em um novo, já que Tolkien utilizou-se de três idiomas naturais para formular o Alto Élfico (Finlandês, Grego e Latim)” (Oliveira e Moraes, 2015, p. 14, grifo dos autores).

⁵³ No original: My long book is an attempt to create a world in which a form of language agreeable to my personal might seem real (Tolkien, 2021, p. 264).

Como destaquei mais cedo, o biógrafo faz suposições quase psicanalíticas sobre a adolescência de Tolkien. No entanto, o escritor realmente se aproximou muito desse ambiente católico, sendo diversas vezes ajudado pelo padre Francis Morgan, membro de um oratório local, mas falarei mais sobre esse padre em outro momento.

A afirmação de Carpenter, vista na citação acima, de que Tolkien começou a estudar línguas com mais afinco após a morte de sua mãe (seja em decorrência dessa ou não) é verdadeira. E, embora ele já conhecesse latim, grego, francês e alemão, além, é claro, de sua língua-mãe, outro ramo da linguagem lhe chamou a atenção, a filologia. Ele queria estudar o anglo-saxão, para saber as origens da língua que cresceu falando. Carpenter (2018) ainda vai afirmar que a familiaridade, a capacidade de reconhecer certas formas, somado com o lado obscuro e distante dessa língua, era o que mais lhe fascinava.

Ainda adolescente, aos dezesseis anos, conheceu sua futura esposa, com quem viveria junto até o dia de sua morte. Seu nome era Edith Bratt, também inglesa, mas três anos mais velha. O *affair* entre os dois foi um tanto conturbado, pois “o padre Francis chamou Ronald ao Oratório, disse-lhe que estava profundamente abalado e exigiu que o romance terminasse” (Carpenter, 2021, p. 60). Obviamente, a ordem não foi acatada, pelo menos não a longo prazo, e eles puderam ter um final feliz. O mais interessante desse relacionamento é que essa história se tornou um dentre os vários romances do autor: *Beren e Lúthien*. A obra conta a história de um casal, formado por um Humano e uma Elfa, que protagonizam a principal história de *O Silmarillion* e, por consequência, de todo o *legendarium*. Inclusive, por ordem do próprio autor, na lápide de seu túmulo e de sua esposa está gravado o nome das personagens abaixo de seus nomes reais.

Falemos agora sobre as obras de Tolkien, especialmente, claro, *A Sociedade do Anel*. A maioria de suas obras se passam em um mesmo universo, a Terra-média, e por isso recebem o nome de *legendarium*. Há outras que abordam outros temas, como seus outros contos infantis (e fantásticos, em maior parte): *Ferreiro do Bosque Maior*, *Cartas do Papai Noel*, *Sr. Boaventura* (todos os três traduzidos por Cristina Casagrande), *Mestre Giles d’Aldeia* e *Roverando* (ambos traduzidos por Rosana Rios), mas não focarei nelas aqui.

Além dos romances e contos citados acima, cabe lembrar que Tolkien também foi um renomado professor universitário, tendo participado ativamente e escrito vários trabalhos acadêmicos. Destaco sua participação na preparação do *New English Dictionary*, em que

explica a etimologia das palavras de origem germânica, e a sua tradução comentada de *Beowulf*.

Sobre as obras que tratam da Terra-média, Tolkien, em vida, publicou *O Hobbit* (1937) e *O Senhor dos Anéis* (1954 – 1955); postumamente foram publicados vários outros títulos, sempre editados por seu filho, Christopher Tolkien. Cito alguns: *O Silmarilion* (1977), *Contos Inacabados* (1980), *A História da Terra-média* (2002), *Os Filhos de Húrin* (2007), *Beren e Lúthien* (2017), *A Queda de Gondolin* (2018), *A Natureza da Terra-média* (2021) e *A Queda de Númenor* (2022)⁵⁴.

Como esta dissertação vai se concentrar apenas n’*A Sociedade do Anel*, não vou entrar nos pormenores de cada obra, mas, uma vez estabelecido que todas fazem parte de um mesmo universo, faz-se necessário que visualizemos como esse universo foi criado, ou seja, quando e por que *O Hobbit* foi escrito?

Há oitenta e seis anos, mesma época em que são lançados clássicos do cinema, como *Tempos Modernos*, estrelado por Charles Chaplin e um dos musicais mais reconhecidos, *O Mágico de Oz*; mesma época em que ocorre a primeira Copa do Mundo de Futebol (a primeira em 1930, organizada e vencida pelos uruguaiois, depois em 1934, na Itália e em 1938 na França, ambas vencidas pelos italianos, sagrando-se, assim, a primeira seleção bicampeã mundial); mesma época em que o fascismo e o nazismo ganham força na Europa, dando início à Segunda Guerra Mundial; é nesta mesma época que Tolkien da vida à Terra-média, quando escreve *O Hobbit*.

Essa escrita não foi planejada, diga-se de passagem. Por gostar de fantasia e para entreter seus filhos, Tolkien costumava escrever histórias divertidas e que envolvessem criaturas mágicas e aventuras épicas. Assim, o nascimento de Bilbo Bolseiro e de todo o resto do universo se deu de forma despreziosa. Tudo começou quando Tolkien, ao corrigir as provas do *School Certificate*⁵⁵, encontrou uma prova em branco, e, por algum motivo, aquilo lhe deu ânimo para escrever. O autor relembra:

um dos candidatos misericordiosamente havia deixado uma página sem nada escrito (a melhor coisa que pode acontecer a um examinador) e escrevi nela: ‘*Numa toca no chão vivia um hobbit*’. No fim, achei que seria melhor eu descobrir como eram os

⁵⁴ Todas as datas que seguem os títulos se referem ao primeiro lançamento, em língua inglesa, não às traduções.

⁵⁵ Teste descontinuado a partir da década de 50 do século passado, que servia como uma espécie de ENEM do Reino Unido. As notas dos alunos eram usadas como uma credencial importante para aplicar para determinadas vagas de emprego, e como requisito para continuar na vida acadêmica, sendo necessário para ingressar em universidades e colégios técnicos.

Hobbits. Mas isso é apenas um começo (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 236, grifos do autor).

Agora, para encerrar esta seção, gostaria de comentar sobre o passo-além, sobre a obra que deu continuidade a história d’*O Hobbit, A Sociedade do Anel* (vale ressaltar que essa obra não faz parte de uma trilogia, como é comumente referida, chamaria de a primeira parte de uma obra). Antes, no entanto, gostaria de recomendar a leitura do prefácio da obra em questão, em que o autor explica as suas questões particulares e onde estava durante a escrita de cada capítulo (não abordarei esse assunto aqui para não alongar esta já longa seção e também porque há outros tópicos que julgo mais pertinentes para a realização desta dissertação).

O Senhor dos Anéis pode ser entendido como uma continuidade d’*O Hobbit* por continuar a história de certos personagens e por explorar o mesmo Mundo, repleto de elementos fantásticos e mágicos. Porém, há diversos pontos em que os textos se afastam, pois, enquanto a sua primeira obra foi feita como uma literatura infantil ou infanto-juvenil, as suas obras subsequentes ganham uma nova roupagem. Inclusive, um dos personagens mais polêmicos da obra é Tom Bombadil, isso porque ele é encarregado - ou desempenha a função literária - de fazer a transição entre estilos⁵⁶.

Mas por que estudar *A Sociedade do Anel*? Bem, “*O Senhor dos Anéis*, nos países de língua inglesa, só vendeu menos que a Bíblia” (Kyrmse, 2003, p. 137). Por ter uma boa aceitação do público e da crítica especializada⁵⁷, isso já seria um motivo mais do que suficiente, mas não é o único. Por Tolkien ter uma escrita muito idiossincrática e por ter pseudotraduzido algumas de suas obras, é inevitável que os tradutores de suas obras tenham enfrentado diversos problemas tradutórios. Assim, na seção que segue, apresentarei um pouco do estilo do autor; após, mas ainda no capítulo três, comentarei sobre as traduções brasileiras da obra em questão; finalmente, farei a análise da tradução e da retradução a partir das estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*, e considerando o estilo do autor.

⁵⁶ Tom Bombadil é uma personagem que destoa no *legendarium*, e isso faz com que muitas hipóteses sejam criadas sobre ele (Tolkien nunca deixou claro suas reais intenções com a personagem). A que sugiro no texto, além de várias outras, pode ser encontrada no artigo de Jacobs (2020), feito a partir de sua dissertação intitulada *J.R.R. Tolkien and the “Present Moment of the Past”: Intertextuality, Allusion and the Tower of Story in Selected Episodes of The Lord of the Rings*, defendida na Universidade de Pretoria, na África do Sul.

⁵⁷ Obviamente há críticos que emitiram opiniões negativas sobre os livros. Um dos casos mais famosos é o duro comentário do crítico americano Edward Wilson, de 1956, quando afirmou que “a prosa e os versos estão no mesmo nível de amadorismo professoral”, e que toda sua obra se tratava de um “lixo juvenil” (Wilson *apud* Kyrmse, 2003, p. 135). Das críticas positivas, destaco a manchete de capa do *The Guardian*, importante jornal britânico: “*How, given little over half a century of work, did one man become the creative equivalent of a people* (Como, mediante pouco mais de meio século de trabalho, um homem tornou-se o equivalente criativo de um povo)” (Kyrmse, 2003, p. 122, grifos do autor).

3.1.1 Sobre a pseudotradução e a escrita de Tolkien

O estilo de escrita de Tolkien e suas pseudotraduções já foram motivo de muitos estudos⁵⁸. Entender isso ajudará a responder o objetivo geral desta dissertação, pois, por ser algo tão específico, as tomadas de decisão do tradutor devem influenciar na forma como o texto será recebido, isto é, se o leitor se aproxima do autor, ou o autor se aproxima do leitor.

Falemos sobre a pseudotradução e como ela é entendida pelos acadêmicos⁵⁹. Lembro que esse conceito será definido e comentado porque a maioria dos textos de Tolkien são escritos sob a égide desse recurso literário. Lopes - mesmo autor apresentado mais cedo, que além de escritor e pesquisador é também um dos tradutores de Tolkien no Brasil -, afirma que todos os textos ficcionais de Tolkien publicados em vida são apresentados como pseudotraduções, “com destaque para suas obras de maior porte e influência, *O hobbit* e *O senhor dos anéis*” (2012, p. 12).

Em linhas gerais, um escritor torna-se pseudotradutor quando ele “se disfarça de tradutor, imprimindo a seu texto marcas que dentro da cultura-alvo são reconhecidas como características de textos traduzidos” (Gonçalves, 2007, p. 53). Essas marcas podem fazer alusão àquilo que Baker (2001) chama de *universais da tradução*⁶⁰.

Há ainda outras formas ou motivações, destaco aqui a que ocorre quando “um autor conhecido deseja fazer uma incursão por um estilo diferente daquele que habitualmente imprime em sua obra” (Gonçalves, 2007, p. 53). Esse estilo literário provocará no leitor a sensação de que havia um texto original e que o escritor estaria tentando replicar aquilo para sua língua.

Vemos, então, que o termo pseudotradução faz jus ao prefixo -pseudo que carrega, pois se trata de uma tradução falsa, isto é, que não existe. Apesar disso, Rambelli (2006) entende que toda escrita que use deste estilo literário deve ser considerada como um elemento de intertextualidade, mesmo havendo apenas um texto.

⁵⁸ Usei alguns neste trabalho: Kyrmse (2003) e Lopes (2012) - tradutores de Tolkien - e Kullmann e Siepmann (2021).

⁵⁹ Para ter uma noção maior quanto à história e como esse conceito era aplicado em diferentes obras literárias ao longo dos últimos séculos, recomendo a leitura do próprio Lopes (2012), cujo capítulo primeiro de sua tese foi dedicado para fazer esse detalhamento histórico.

⁶⁰ Em inglês chamados de *universal of translations*, são compostos por quatro características: explicitação, implicação, normalização e estabilização.

Um escritor pode pseudotraduzir por várias razões, a mais comum sendo causar a impressão de algo estranho em/para determinada cultura. Isso é explicado melhor por Gonçalves, quando afirmar que

novidades geralmente são causa de estranhamento e a resistência a elas pode ser menor diante de uma tradução do que de um texto apresentado como originário dessa mesma cultura, pois o estranho passa a ser visto como marca de alteridade (Gonçalves, 2007, p. 53).

A desculpa que o escritor pode dar para pseudotraduzir pode variar dependendo da natureza e do gênero do texto trabalhado. O caso de Tolkien lembra bastante a obra *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1983). O escritor italiano, em uma nota introdutória, explica que o livro em questão é, na verdade, a tradução feita a partir de um exemplar em francês que também é uma tradução de um texto italiano, que, por sua vez, também é a tradução de um manuscrito antigo escrito em latim.

Ao deixar claro, já no início da obra, o autor espera com que o leitor compre sua proposta e se deixe enganar. Assim, qualquer elemento estranho ou de difícil compreensão não será culpa do escritor, mas do autor-tradutor, e esse elemento estranho é imprescindível para tornar o texto crível, visto que a tradução de manuscritos arcaicos deve, neste engodo proposto, ser difícil de traduzir.

No caso de Tolkien, para não passar em branco, a pseudotradução não é feita a partir de um texto em francês, como acontece com Umberto Eco, nem nenhuma das línguas românticas modernas, mas em élfico e línguas antigas (que, na maioria das vezes, também é fruto de criações suas, apesar de ser fortemente influenciadas por línguas reais, como veremos). Dessa forma, *O Senhor dos Anéis* é uma tradução, feita por Tolkien, do Livro Vermelho do Marco Ocidental. Lobdell explica essa prática ao afirmar que

em alguns casos, o autor, agindo como tradutor de nomes élficos já criados [...] tem tomado o cuidado de produzir um nome em Língua Geral que fosse tanto uma tradução quanto (aos ouvidos ingleses) um nome eufônico em estilo inglês familiar, mesmo que não ocorra na Inglaterra (Lobdell, 1975, p. 156, tradução minha)⁶¹.

Neste momento veremos apenas um exemplo de “nome élfico já criado”, mas lembro que vários outros nomes (élficos ou não) serão abordados em um momento mais oportuno. Rivendell, segundo afirma Tolkien, é uma tradução do sindarin *Imladris* que, se traduzido

⁶¹ No original: In a few cases the author, acting as translator of Elvish names already devised and used in this book or elsewhere, has taken pains to produce a Common Speech name that is both a translation and also (to English ears) a euphonious name of familiar English style, even if does not actually occur in England (Lobdell, 1975, p. 156).

literalmente, significa *Vale Estreito da Fenda*. Para manter uma forma no inglês familiar, o pseudotradutor usa *Riven*, particípio de *rive*, ou fenda, em português, e *dell*, que se traduz literalmente para *pequeno vale*. Ambas traduções em português usam Valfenda, podendo ser consideradas fiel a esse “estilo familiar”⁶².

Entendo que o tradutor-estrangeirizador deveria respeitar as partes pseudotraduzidas para manter a fidelidade, mas também entendo que é uma tarefa árdua traduzir um livro em que o pseudotradutor não tenha deixado claro suas intenções. Por sorte, isso não é o caso de *O Senhor dos Anéis*, pois o próprio escritor explicou suas motivações e instruiu como elas poderiam ser traduzidas em línguas diferentes⁶³.

Alguns pontos da escrita de Tolkien são indissociáveis, a sua escrita particular, nos textos que falam sobre a Terra-média, acabam se misturando com a também particular pseudotradução. Um exemplo desse estilo de escrita já foi abordado neste trabalho: o uso da palavra *Anãos* em detrimento de *anões*. Há todo um resgate etimológico e pesquisas filológicas para escolher como cada personagem, cidade, vila, nomes próprios em geral devem se chamar. Também considerarei isso um estilo de escrita, mas focarei nele durante a análise.

De qualquer forma, vejamos agora alguns estilos particulares e peculiares do escritor a partir do estudo de Kullmann e Siepmann (2021), intitulado *Tolkien as a Literary Artist*. Lembro, ainda que possa parecer óbvio, que a análise foi feita a partir do texto original, em inglês, não levando em consideração nenhuma tradução.

A primeira grande revelação dos autores não deve ser de grande valia para os tradutores, uma vez que não é uma marca de escrita, mas a ausência dela⁶⁴. Segundo eles, uma das diferenças entre “*O Senhor dos Anéis* e a ficção em geral é a subutilização de verbos modais⁶⁵” (Kullmann e Sipmann, 2021, p. 72, tradução minha)⁶⁶. Na hipótese deles, a falta

⁶² Apenas para fins de curiosidade, a tradução em português de Portugal, de Fernanda Pinto Rodrigues, não traduz o nome da cidade, mantendo o original Rivendell.

⁶³ Essas instruções aparecem em vários lugares. Para esta dissertação, usarei os seguintes textos: Tolkien (2021), Tolkien (2019c) e Tolkien (1975).

⁶⁴ Esse pensamento inicial pode se mostrar falso à medida que percebemos o uso dessa marca, pois aí estaríamos lidando com a MMT de acréscimo, estabelecida por Aubert (1998).

⁶⁵ Para quem não está familiarizado com o termo, verbos modais, ou *modal verbs*, em inglês, trata de uma classe de verbos usados como auxiliares de um verbo principal. Os principais verbos modais, em inglês, são *can, could, must, may, might, should, shall, will, would* etc.

⁶⁶ No original: [...] *The Lord of the Rings* and general fiction is the underuse of modal verbs (Kullmann e Sipmann, 2021, p. 72).

desses verbos modais se dá devido ao estilo narrativo de Tolkien, que não costuma ter monólogos interiores⁶⁷ ou outras estratégias literárias parecidas (comuns em outras ficções).

Os autores seguem focando nas diferenças entre *O Senhor dos Anéis* e outras obras literárias. Por exemplo, Tolkien não costuma “usar advérbios para modificar adjetivos, *porque ele* [...] procurava distanciar-se dos ecos da fala e da imprecisão das formas coloquiais de dizer as coisas” (Kullmann e Sipmann, p. 72 e 73, 2021, tradução minha, grifos meus)⁶⁸. Mas isso, a meu ver, também não deve refletir ou aparecer nas traduções, a menos, é claro, que a (provável) tradução *domesticadora* tenha feito inserções ‘indevidas’ de advérbios, pois, nesse caso, estaria usando a MMT de acréscimo, estabelecida por Aubert (1998)⁶⁹.

Vejamos, então, aquilo que de fato aparece nos textos tolkienianos e que espero encontrar principalmente, ainda que traços superficiais, na tradução dita *estrangeirizadora*. No parágrafo anterior vimos que Kullmann e Sipmann (2021) afirmaram que Tolkien buscava “distanciar-se das formas coloquiais”, mas, em certos pontos de suas narrativas, o oposto se mostra verdadeiro. Para os autores, a estrutura verbo + advérbio + preposição é muito comum em prosas contemporâneas e em textos coloquiais em geral. Os autores não fornecem exemplos extraídos de *O Senhor dos Anéis* para confirmar a afirmação, no entanto, trazem outros exemplos de frases que usam dessa mesma estrutura:

He slid his hand down under the sheet. / She put her case and her violin down against the wall. / The fat officer oozed his bulk onto the bench. / Charity looked out over the balcony at the still black water towards the rocks. (Kullmann e Sipmann, 2021, p. 75)

Pode-se notar a estrutura Verbo (V) + Advérbio (A) + Preposição (P) em todas as frases dadas, por exemplo, a primeira ocorre da seguinte forma: V = *slid* + A = *down* + P = *under*; na segunda: V = *put* + A = *down* + P = *against*, e assim por diante. Trago esses exemplos porque, segundo Lopes, nas suas traduções de Tolkien, ele sempre buscava traduzir palavra por palavra, elemento por elemento, de forma que “se o adjetivo está na quinta posição [...] deixar assim em português sempre que possível” (2019, n.p). Pergunto-me, no entanto, se é possível ver traços dessa estrutura nas traduções, especialmente na retradução de

⁶⁷ Os monólogos interiores são pensamentos do narrador referente aos possíveis sentimentos das personagens. Para passar um ar de incerteza, o autor se obriga a usar estes verbos modais, como *poderia, pode, deve* etc.

⁶⁸ No original: [...] premodifying an adjective with an adverb, *because he* [...] seeks to distance himself from echoes of speech and from the imprecision of colloquial ways of putting things (Kullmann e Sipmann, p. 72 and 73, 2021).

⁶⁹ Cf. capítulo 2.5 desta dissertação.

Kyrmse, pois esta formação, advérbio + preposição, geralmente está compondo um *phrasal verb*, cuja tradução para o português, na maioria das vezes, se dá apenas por uma palavra.

Sobre o uso da conjunção *and*, em alguns casos, Tolkien também se distancia dos demais textos de mesmo gênero, pois, ainda que “*and* seja mais comumente empregado para ligar dois verbos de um mesmo assunto, Tolkien usa para ligar duas sequências de ações” (Kullmann e Sipmann, 2021, p. 76, tradução minha)⁷⁰, mesmo quando essas sequências têm assuntos diferentes.

Para exemplificar esse achado, os autores citam um trecho de *O Senhor dos Anéis*, como podemos ver a seguir:

*The party was assailed by Orcs in a high pass of the Misty Mountains as they went towards Wilderland; **and** so it happened that Bilbo was lost for a while in the black orc-mines deep under the mountains, and there, as he groped in.* (Tolkien apud Kullmann e Sipmann, 2021, p. 76, grifo dos autores)

Acontece, nesse exemplo, que o *and* liga duas sequências de ações diferentes. A primeira sequência narra o ataque de Orcs (ou Orques, se considerarmos a grafia da retradução) contra a comitiva, e, na segunda sequência, há uma mudança de cenário, pois nela é comentado que Bilbo ficou perdido.

Antes de tratar de outro ponto, acredito que seja importante trazer ao menos um exemplo em que o *and* é usado na sua forma mais comum: “para ligar dois verbos de um mesmo assunto” (escreverei um exemplo em inglês para que faça sentido neste contexto, mas, após, traduzirei, pois, esse modo de usar a conjunção está mais relacionado ao estilo literário do autor do que complicações oriundas da forma sistêmica de cada língua). Consideremos, por exemplo, a frase ‘*the cat jumped off the table **and** landed on his feet*’, ou ‘o gato pulou da mesa e caiu de pé’. Tanto em inglês quanto em português, a conjunção destacada em negrito faz relação com a frase que a sucede, mas, para além desse uso, Tolkien ele usa essa mesma conjunção para trocar de assuntos. E isso é uma medida deliberada, pois ele poderia usar outras palavras como o *but*, *however*, *meanwhile*, *nevertheless*, *nonetheless*. Uma interpretação válida aqui, é que essa escolha foi feita para causar a impressão de se tratar de um texto traduzido, exemplificando mais um possível caso de pseudotradução.

Um último comentário a respeito da conjunção *e*, que gostaria de adicionar, trata de uma percepção inicial minha que pode ser confirmada na análise: nos casos em que o escritor

⁷⁰ No original: [...] *and* is more commonly used to link two verbs with the same subject, for example, Tolkien often uses it to link two sequences of actions (Kullmann e Sipmann, 2021, p. 76).

precisa listar vários elementos dentro de uma mesma frase (pensemos em uma lista de supermercado, por exemplo: ‘preciso comprar alface, tomate, pepino e pão’), ele raramente usa apenas a vírgula, mas a vírgula e a conjunção *e*. Para não deixar essa informação jogada ao ar, trarei um exemplo extraído de *A Sociedade do Anel* (se julgado necessário, este exemplo será revisitado durante a análise): “*My dear Bagginses and Boffins, he began again; and my dear Took and Brandybucks, and Grubbs, and Chubbs, and Burrowses, and Hornblowers, and Bolgers, Bracegirdles, Goodbodies, Brockhouses and Porudfoots*” (Tolkien, 2014, p. 29, grifos meus).

Isso poderia ser uma escolha semântica de polissíndeto, em que a repetição ocorre para dar destaque ou ênfase a cada um dos elementos encadeados, ou pode ser uma forma que o autor encontrou para evidenciar a sua pseudotradução. Noto, por último, uma inconstância, pois enquanto ele usa *and* entre dois sobrenomes, como é o caso de Took *and* Brandybucks, ele não usa entre outros, como é o caso de Bolgers, Bracegirdles. Mas isso é algo a ser avaliado em outro momento.

Seguindo, Kullmann e Siepmann (2021) falam sobre as palavras que aparecem excessivamente ao longo do *corpus* observado. Eles destacam duas: *deeper* e *darker*, mas eu gostaria de focar numa terceira, *one*, que não pode ser traduzida para *um*, como um leitor desavisado pode achar. Na verdade, Tolkien usa essa palavra de uma forma mais arcaica, uma forma que era comum há muitos anos, mas que, nos dias atuais, tornou-se *someone* (alguém, em português), ou melhor, *someone* é a palavra mais próxima que os autores conseguiram encontrar. Alguns exemplos são:

... she turned, as **one** that is blind, ...
 ... and walked afar in some dark vale, calling for **one** that was lost.
 Then she stared at him as **one** that is stricken.
 It was the face of **one** who has been assailed...
 ... he looked like **one** who has laboured in sleepless pain... (Tolkien apud Kullmann e Sipmann, 2021, p. 78, grifos meus)

A tradução desses *ones* deve ser considerada para a análise, pois um simples *alguém* pode não ser o suficiente para expressar todo o significado contido na frase original. Outro fator a notar é se as traduções usam mais de uma tradução para *one* a depender do contexto em que está inserido.

Outra característica da escrita de Tolkien está na forma como ele usa aquilo que Kullmann e Sipmann (2021) vão chamar de *verbs of becoming with the comparative*. Esses verbos descrevem um processo de mudança em determinado cenário e são usados para

comparar dois ou mais elementos. Nos exemplos que os autores trazem, os verbos são *to grow*, *to draw* e *to become*, e eles são usados para descrever o processo de mudança na luz e no ar, na costa de Buckland e na floresta, respectivamente, como podemos ver a seguir:

...the light **grew** stronger...
 ...the light **grew** broader...
 ...the air **grew** warmer...
 ...the Buckland shore **drew** nearer...
 ...The woods on either side **became** denser... (Tolkien *apud* Kullmann e Sipmann, 2021, p. 78, grifos meus)

Note que os verbos destacados em negrito sempre antecedem um adjetivo comparativo. A dificuldade na tradução *estrangeirizadora* ortodoxa, se posso colocar assim, está no modo como esses adjetivos serão traduzidos, uma vez que *stronger* geralmente é traduzido para *mais forte*, *nearer* para *mais próximo*, e assim por diante.

Uma das marcações idiossincráticas mais recorrentes em Tolkien é a inversão, ou hipérbato, encontradas em várias passagens de suas narrativas. No entanto, é importante deixar claro que há várias formas de se fazer inversões; Tolkien costuma usar duas: 1. O complemento do sujeito é seguido pelo verbo de ligação *to be* e depois o sujeito. Essa inversão enfatiza a qualidade ou o estado que está sendo descrito. Vejamos dois exemplos: “...and beautiful was its colour..., e So deep and narrow was that chasm that...” (Tolkien *apud* Kullmann e Sipmann, 2021, p. 81, grifo meu). No primeiro exemplo, *beautiful* é o complemento do sujeito, e ele é colocado no início da frase para enfatizar a beleza da cor (ao invés do mais natural *the colour is beautiful*). Do mesmo modo, no segundo exemplo, *deep and narrow* enfatiza as características do abismo. 2. A inversão ocorre quando frases preposicionais⁷¹ passam para o início das frases, sendo seguidas por verbos. Esse tipo de inversão também tem por objetivo dar ênfase a algum elemento, mas também serve para introduzir informações. Vejamos mais dois exemplos para melhor compreensão: “...but ever black and bare was the ground where the beast was burned, e ...how perfect was its roundness...” (Tolkien *apud* Kullmann e Sipmann, 2021, p. 81, grifo meu). No primeiro exemplo, a frase preposicional “*where the beast was burned*” precede o verbo *was*, fornecendo o contexto da frase. No segundo exemplo, a frase preposicional “*how perfect*” é usada para introduzir a frase e enfatizar a perfeição da *roundness*.

⁷¹ *Prepositional phrase*, em inglês, é um grupo de palavras que começa com uma preposição e termina com um substantivo, pronome ou frase nominal. *Prepositional phrases* modificam ou descrevem substantivos, pronomes, adjetivos, advérbios e verbos (Explicação formulada a partir da definição do *The Britannica Dictionary*).

Uma tradução *estrangeirizadora*, como vimos em vários momentos, preza por manter todos os traços literários do autor original e, quando falamos de Tolkien, isso deve ser ainda mais aparente porque, afinal, o texto não é dele, pois, neste jogo explicado, seu papel é de pseudotradutor. Reforço essa ideia porque a primeira tradução de *O Senhor dos Anéis*, se confirmada *domesticadora*, pode ter reformulado essas frases para que as palavras apareçam em suas ordens naturais, mas isso é algo a ser investigado e analisado no capítulo seguinte.

Kullmann e Sipmann (2021) também notaram o uso repetitivo do *existential there* no início de frases. O termo, caso o leitor não conheça, diz respeito a “uma forma gramatical que afirma a existência ou a não-existência de algo, e é frequentemente usada para introduzir novas informações” (Battistella, 2019, n.p, tradução minha)⁷². O uso desse recurso não é incomum em inglês, pelo contrário, temos exemplos dele em várias obras famosas. O que chama atenção, ou pelo menos o que chamou a atenção dos autores mencionados, é que a repetição dessa estrutura contribui para formar o tom de *O Senhor dos Anéis*, que sempre destaca aquilo que está em cena. Focando no que este presente trabalho se propôs a fazer: uma análise das traduções, falemos um pouco das possíveis dificuldades que um tradutor para o português brasileiro teria ao traduzir os *existential theres*.

A tradução de *there was*, para falar sobre algo que está em cena, no português, seria algo próximo de *havia*, ou *existia*, ou ainda *tinha*, ainda que esse último possa ser considerado mais informal. Acredito que, para manter uma constância, o tradutor-estrangeirizador precisaria escolher um termo e se apegar a ele, ainda que em determinados contextos uma palavra se sobressaia às outras. Assim, por ser algo que salte aos olhos do leitor de Tolkien em inglês, ainda que de maneira negativa, pois a repetição de estruturas ou palavras pode acabar tornando o texto maçante, analisarei as traduções, em especial a retradução, esperando encontrar essas repetições.

Outra estrutura característica dos textos tolkienianos é “o uso de um verbo na voz passiva com um pronome pessoal seguido por uma frase nominal introduzida pelo artigo zero, muitas vezes criando um ritmo poético” (Kullmann and Sipmann, 2021, p. 83, tradução minha)⁷³. Para uma melhor visualização, sugiro imaginarmos a seguinte estrutura: V (verbo) + P (pronome pessoal) + F (frase nominal sem artigo). Consideremos, então, o seguinte exemplo apresentado pelos autores extraídos de um dos três livros de *O Senhor dos Anéis*:

⁷² No original: this grammatical form asserts the existence (or non-existence) of something and is often used to introduce new information (Battistella, 2019, n.p).

⁷³ No original: [...] is the use of a verb in the passive voice with a personal pronoun followed by a noun phrase introduce by the zero article, often creating a poetic rhythm (Kullmann and Sipmann, 2021, p. 83).

“*One was clad in ragged brown*” (Tolkien *apud* Kullmann and Sipmann, 2021, p. 83). Neste exemplo voltamos a ver o *one*, cujo uso já foi comentado, mas focando apenas na estrutura apresentada neste parágrafo, podemos dividir essa frase da seguinte maneira: V = *was clad*; P = *one* e F: *in ragged brown*. Dessa forma, o verbo está na voz passiva e indica a roupa que alguém estava usando, o pronome está se referindo a alguém, e a frase “*in ragged brown*” aparece sem artigo (pois um uso mais frequente seria *in a ragged brown*).

Essa mesma estrutura aparece em vários outros momentos de sua obra, e é importante que prestemos atenção nela porque nem sempre a tradução para o português dará conta de levar elemento por elemento. Peguemos essa mesma frase como exemplo para um exercício de tradução: *One was clad in ragged brown*. O primeiro elemento da frase é um pronome indefinido; isso por si só já é um problema de tradução. *Was clad* traduz-se, literalmente, para *estava vestido*. Porém, a impressão que tenho é que, em narrativas em português, *ele vestia um casaco* é muito mais comum que *ele estava vestido com um casaco*. Assumo, então, que cada tradução vai lidar com esse problema de formas diferentes. Neste exercício de tradução, imagino que uma tradução *estrangeirizadora* seria algo próximo de *Um estava vestido em farrapos marrons*⁷⁴, enquanto a tradução *domesticadora* escolheria algo como *Ele/ela vestia um trapo marrom*.

Encerrando a parte das estruturas frasais, destaco que Tolkien comumente inicia suas frases com adjetivos. Isso também pode ser considerado uma espécie de inversão, como apontei momentos atrás, mas o que chama a atenção é o fato de o adjetivo ser frequentemente o primeiro elemento de uma frase. Vejamos alguns exemplos:

Slender they looked, but strong, silken to the touch...
Unearthly it looked, as though it had fallen from the sky...
Tall she stood there, her eyes bright in her white face...
Enormous, it reared above the world...
Shapeless they lay now on the ground, torn and tumbled...
Reckless they sprang into the pools and waded across... (Tolkien *apud* Kullmann e Sipmann, 2021, p. 78, grifos meus)

Lembro que os autores que citam Tolkien destacam exatamente aqueles pontos que são considerados estranhos em inglês, mas esse caso também é incomum em português, ou ao menos essa é a percepção que tenho (pois não me aprofundei como os autores). Digo que é incomum em português porque é muito mais comum ouvirmos *Eles eram esbeltos*, do que

⁷⁴ Uso *um*, ao invés de *alguém*, que parecia mais natural, justamente para causar a sensação de estrangeiro e de estranhamento, sensações esperadas em traduções *estrangeirizadoras*.

Esbeltos pareciam, ou Parecia algo sobrenatural, do que Sobrenatural parecia (os exemplos são traduções livres dos dois primeiros trechos acima citados).

Um último ponto a ser destacado são as escolhas lexicais de Tolkien. Kullmann e Sipmann (2021) falam de duas: *a rush of hoarse laughter* e *a forest of silver spears*. Por se tratar de frases icônicas e, ao mesmo tempo, criativas, elas despertam ou exigem uma imaginação muito grande do leitor. Assim, também buscarei analisar isso nas traduções, isto é, o quanto de abstrações há em cada texto.

O subcapítulo a seguir dará conta de apresentar com mais calma quem são os tradutores por trás de cada uma das edições previamente apresentadas. Após isso, teremos material suficiente para fazer uma análise comparativa de forma a atender todos os critérios traçados.

3.2 OS TRADUTORES DE A *SOCIEDADE DO ANEL*

Se considerarmos apenas as traduções para o português brasileiro, *O Senhor dos Anéis* conta com duas edições (há ainda uma terceira edição, ainda mais antiga, porém, ela foi escrita, originalmente, para o português europeu), a edição da Martins Fontes, lançada no final do século XX, e a última edição, publicada em 2019, pela HarperCollins. A principal diferença entre as duas está no tipo de tradução realizado em cada obra; a primeira versão aparentemente é mais *domesticadora*, enquanto a última foi calcada nos princípios da estratégia de *estrangeirização*.

Neste subcapítulo, comentarei brevemente sobre as obras traduzidas e sobre os profissionais que as traduziram. Para isso, usarei as notas dos tradutores que prefaciam suas respectivas traduções, bem como entrevistas concedidas, nas quais eles explicam sobre o processo tradutório. Para falar de Ronald Kyrmse, tradutor da retradução, além de usar fontes externas para comentar sobre sua biografia, também dedicarei um espaço para vermos seu livro intitulado *Explicando Tolkien*, obra que evidencia seu estudo profundo nas literaturas tolkienianas. Para falar de Lenita Maria Rimoli Esteves, também usarei fontes externas, bem como citarei Silva, cuja dissertação propõe esmiuçar e “refletir teoricamente sobre os fatores que determinam as inscrições do autor na tradução, como o contexto social, histórico, cultural, e seu inconsciente” (2005, p. 12).

Lenita Maria Rimoli Pisetta⁷⁵, segundo consta em seu currículo Lattes, é doutora em Linguística (1999) e mestra em Linguística Aplicada (1992), ambos os cursos realizados na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Ainda segundo seu currículo, ela “tem experiência na área de Letras, com ênfase em Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: Tradução e Ética, História da Tradução, Tradução Literária e Literatura Brasileira e Literatura Brasileira traduzida para o inglês” (Pisetta, 2023, n.p). Destaco que tanto no mestrado quanto no doutorado suas pesquisas envolviam, de alguma forma, os Estudos da Tradução.

Sabemos, a partir das informações postas no parágrafo anterior, que a autora já havia concluído seu mestrado há dois anos quando a sua tradução de *O Senhor dos Anéis* era lançada. Assim, espera-se encontrar textos de qualidade e teoricamente respaldados, ainda que não de forma direta ou explícita, mas rastros de teorias.

Digo não de forma explícita porque sua “Nota À Edição Brasileira” se resume a uma página, enquanto a de Kyrmse é mais bem desenvolvida – mas falarei desta em um momento futuro. A nota de Esteves se limita a creditar os profissionais responsáveis pela revisão textual e da revisão técnica, que inclusive foi destinada a Kyrmse, mesmo autor que retraduziria a obra anos mais tarde; a explicar que a tradução dos nomes próprios segue ou foi fortemente baseada no *Guide to the names in The Lord of the Ring*; e sobre as inscrições das runas que aparecem em alguns momentos do livro.

Falando especificamente sobre o seu entendimento de Tradução, Silva, a partir de uma reflexão feita a partir dos trabalhos de Esteves, publicados entre 1991 e 2002, afirma que a tradutora “está consciente de sua responsabilidade como produtora de texto, de que suas estratégias tradutórias a tornam inevitavelmente ‘visível’ em seu trabalho” (2005, p. 48).

Nessa questão de tornar-se *visível*, se entendermos esse termo a partir da teoria de Venuti (2018), estaríamos entrando numa contradição, pois, para ele, a visibilidade deve acontecer quando estrangeirizamos um texto, não o contrário.

Mas será que Esteves realmente domestica seus textos? Bem, uma resposta mais contumaz poderá ser dada no final desta dissertação, após termos toda a análise comparativa em mãos, porém, gostaria de destacar uma citação da própria autora para continuarmos o

⁷⁵ Em alguns textos mais antigos a autora assina seus trabalhos com o sobrenome Esteves, mas isso parece ter mudado de um tempo para cá. Assim, as referências nas citações podem aparecer como Pisetta ou Esteves, mas deve ficar claro ao leitor que se trata da mesma pessoa.

debate sobre o conceito de *domesticação*: “a fidelidade é uma noção relativa. ‘Fidelidade’ sempre exige um complemento: a quem, a quê, por quê?” (Esteves, 1997, p. 70). Destaquei mais cedo que, em termos gerais, a tradução *estrangeirizadora*, segundo Schliermacher (2010), pode ser entendida como mais fiel ao original, mas, para Esteves, essa fidelidade é difícil de ser definida.

Assim, a depender de qual visão de fidelidade a tradutora assumiu, o resultado pode ser diferente. E qualificar ou definir esse conceito pode ser algo deveras complexo, uma vez que ele “muda através das épocas [...]. Além da fidelidade ao autor ou à obra original, existem outras fidelidades que devem ser mantidas, por exemplo, em relação aos editores” (Esteves, 1997, p. 66). Ou seja, a interpretação de o que é fidelidade tem de ser conciliada entre as partes, tradutor e editor.

Observemos um exemplo disso na prática, quando Esteves relata sua experiência pessoal durante a tradução de *O Senhor dos Anéis*:

Quando comecei o trabalho, deparei-me logo no início, com interjeições do tipo: “*Good heavens above!*” ou “*Lor’ bless you*”, as quais traduzi, numa primeira instância, o mais literalmente possível, com expressões em português do tipo: “Céus!” e “Benza Deus!”. O editor, ao ler minha tradução, fez a observação de que o autor, católico ferrenho, tinha construído em seu livro um mundo totalmente imaginário e dissociado do universo e do vocabulário católico. Nesse caso, eu deveria evitar expressões como “Benza Deus!”, por exemplo (Esteves, 1997, p. 68).

Dessa forma, vemos que a interpretação do tradutor pode divergir da do editor-chefe, e, visto que o editor muitas vezes não tem conhecimento técnico quanto às estratégias de tradução abordada pelos tradutores, as restrições podem se tornar impraticáveis ou resultar em um texto mais truncado, ou apenas mais distante daquilo que o tradutor havia projetado.

Mas, voltando às compreensões de Esteves sobre Tradução, vejamos agora a conclusão que Silva chegou em sua dissertação:

Esteves contou com a ajuda do guia de nomes escrito pelo autor e fornecido a ela pela editora. Esse guia de nomes, contudo, como qualquer texto, também, está sujeito a interpretações e, por isso, nem sempre garantiu que a tradução dos nomes ocorresse da forma como queira o autor. Como demonstrei, Esteves, na maioria das vezes segue as instruções do autor, mas, em alguns casos, outros fatores (linguísticos, culturais, sociais) tem um peso maior na forma como a tradutora traduz alguns nomes (Silvia, 2005, p. 134 e 135).

Em suma, Esteves, segundo Silvia (2005), escolheu domesticar alguns termos ou nomes devido a fatores linguísticos, culturais e sociais, embora tentasse, na maioria das vezes,

seguir as normas do autor. Alguns exemplos de *domesticação* notados por Silvia podem aparecer de várias maneiras,

como um acréscimo ou uma antecipação de informações que não são fornecidas pelo original naquele momento, como um apagamento de informações que são suscitadas pelo original ou, ainda, possibilitando interpretações distintas das possibilitadas pelo original (Silvia, 2005, p. 135).

No capítulo quarto continuarei as investigações de Silvia (2005) e analisarei como outras partes da narrativa foram tratadas, se ela atendeu ou desobedeceu, por algum motivo, as instruções de Tolkien e, ao mesmo tempo, comparar com a retradução de Kyrmse.

Falemos agora do outro tradutor, que, como vimos, também foi o revisor técnico e consultor da primeira tradução: Ronald Kyrmse, ou o maior *tolkienista* do Brasil, como é chamado. O curitibano nasceu em 1952 e, desde a década de 70, é membro da *The Tolkien Society*⁷⁶ e dos *Quendili*, grupo de estudos de línguas élficas. Nessa época ele ainda não havia se aprofundado em estudar Tolkien, mas sim em ler o autor, e, no Brasil, por não ter uma tradução oficial, foi um dos primeiros a ler, o que fez com que se sentisse “uma espécie de voz clamando no deserto” (Kyrmse, 2003, p. 124).

Diferentemente de Esteves, Kyrmse não é formado em Letras ou nenhuma área vizinha, mas Engenharia. Apesar dessa formação, o autor tem vários textos publicados de forma independente, destaco aqui seu livro *Explicando Tolkien*, lançado pela Martins Fontes, em 2003, que se propõe a ser um guia com informações adicionais sobre os mitos, as línguas, os calendários, a fauna e a flora, os povos, enfim, sobre tudo o que está envolto na Terra-média

Nesse livro, o autor também escreve um capítulo sobre a sua experiência como leitor de Tolkien e o que lhe fascinou na literatura dele, e outro sobre tradução. Este é o capítulo décimo sexto, intitulado “Traduzindo Tolkien”. Nele, Kyrmse volta a destacar *Guide to the Names*, escrito por Tolkien, por ser uma das únicas orientações do autor para os tradutores. O capítulo se encerra com os seguintes dizeres: “a tradução da obra *tolkieniana* é imprecisa como todas, e talvez mais difícil do que muitas. [...] Mas o caminho é pelo menos abrandado pelas orientações que o próprio autor nos legou” (2003, 161).

⁷⁶ *The Tolkien Society* é uma instituição criada, para e por entusiastas de Tolkien, na Inglaterra, em 1969. A plataforma “é uma sociedade de caridade, educacional e literária, dedicada a promover a vida e obra de J. R. R. Tolkien” (Tolkien Society, 2023, n.p, tradução minha). No original: [we are] an educational charity and literary Society devoted to the study and promotion of the life and works of the author and academic J. R. R. Tolkien (Tolkien Society, 2023, n.p).

Na retradução - e a partir de agora sempre que for falar da tradução de Kyrmse usarei o termo retradução, que, como explicado em outro momento, é um conceito de Berman que se refere a todas as traduções que são feitas após uma primeira -, além da “Nota sobre a Tradução” (que é consideravelmente maior do que a de Esteves, uma vez que são cinco páginas contra uma) há também uma “Nota sobre o Texto” e uma “Nota sobre a Edição do 50º Aniversário”. Nos próximos parágrafos, agora que sabemos que Kyrmse é um tolkienista, vamos ver como ele entende e como planejou sua tradução.

A “Nota sobre a Tradução” inicia com um comentário sobre o *conselho de tradução*, que já foi brevemente comentado nesta dissertação⁷⁷, formado por “tradutores acadêmicos, profissionais de edição e revisão e este amador que tem a seu favor o apreço pela obra tolkieniana e decênios de experiência com sua tradução e divulgação” (Kyrmse, *apud* Tolkien, 2019c, p. 09).

A Nota segue explicando sobre o Guia dos Nomes em *O Senhor dos Anéis*, que serviu de alicerce para que os nomes fossem traduzidos de forma etimologicamente correta segundo Tolkien prescreveu. Em outro momento é explicado sobre as diferentes raças e povos que habitam a Terra-média e como eles se comunicam às suas maneiras. Alguns, por viverem mais afastados de outros grupos, desenvolveram uma língua própria, outros carregam ‘apenas’ traços, sotaques estranhos, ou ainda, acabam soando de forma mais arcaica ou formal (é o caso da maioria dos Elfos, também por serem um povo mais antigo). Kyrmse destaca que em sua tradução vários “artifícios foram usados para refletir o arcaísmo ou a coloquialidade do discurso e da nomenclatura, procurando causar no leitor de língua portuguesa uma familiaridade, ou um estranhamento, semelhante ao que sente o leitor do original” (Kyrmse *apud* Tolkien, 2019, p. 10). Após essa explicação, é comentado, com bastante detalhes, sobre a tradução dos poemas e canções, mas embora isso seja interessante e pertinente aos estudos comparativos, a análise desses não será feita neste trabalho, portanto não comentarei em detalhes sobre a forma e o estilo dos poemas em Tolkien.

Na “Nota sobre o Texto” (que não foi escrita por Kyrmse, mas por Douglas A. Anderson, autor americano especialista em análise textual das obras de J. R. R. Tolkien) é abordado, inicialmente, os percalços que Tolkien teve de passar para publicar seus livros. Por ter um estilo bastante idiossincrático, muitos editores ou revisores ‘corrigiam’ termos ou nomenclaturas que não estavam errados, mas eram propositalmente escritos daquela forma

⁷⁷ Cf. capítulo 2.4.

para passar uma ideia de arcaísmo, sotaques, ou outras marcas linguísticas. É o caso da “alteração de *dwarves* para *dwarfs*, *elvish* para *elfish*, *further* para *farther*, *nasturtians* para *nasturtiums*, *try and say* para *try to say* e (‘pior de tudo’ para Tolkien) *elven* para *elfin*” (Anderson *apud* Tolkien, 2019, p. 15). Nesta dissertação já fiz uma breve análise de *dwarves*, que, na retradução, passou a ser *Anãos*, ao invés de anões. Os demais termos serão analisados no capítulo quarto.

O restante da Nota fala sobre as diversas versões que o livro teve, como cada apêndice foi escrito, o papel de seu filho, Christopher Tolkien, em revisar e publicar edições com notas corrigidas, dentre outras curiosidades que permeiam tanto a parte editorial quanto criativa do escritor.

Finalmente, temos a “Nota sobre a Edição do 50º Aniversário”, que também não foi escrita por Kyrmse, mas por Wayne G. Hammond e Christina Scull, acadêmicos especializados nas obras de Tolkien. A Nota foi escrita em maio de 2004, e conta sobre alguns dos principais erros das primeiras edições de *A Sociedade do Anel*, que só foram corrigidos anos mais tarde.

Dentre as correções de erros, há várias mudanças de ponto para ponto e vírgula, dentre outras revisões de pontuação, mas destaco 1. a mudança de “palavras características como *chill* [gélido, gelado] em vez de *cold* [frio], e *glistered* [rebrilhava] em vez de *glistened* [cintilava]” (Hammond e Scull *apud* Tolkien, 2019, p. 28); 2. A capitalização de certos termos, como

Dark Power [Poder Sombrio] em vez de *dark power* [...]; nomes de estações do ano em maiúsculas quando usados como personificação ou metáfora, de acordo com a praxe predominante de Tolkien e a lógica interna do texto; e *Elvish* em vez de *elvish* quando usado como adjetivo separado (Hammond e Scull *apud* Tolkien, 2019, p. 28).

Segundo os autores, outros erros pontuais, que não dizem respeito a erros gramaticais ou de pontuação, mas erros de dados da história, percebidos por Christopher Tolkien, também foram corrigidos. É o caso da “distância da Ponte do Brandevin à Balsa (*dez* milhas, não *vinte*) e o número dos pôneis de Merry (*cinco*, não *seis*), sombras de rascunhos anteriores” (Hammond e Scull *apud* Tolkien, 2019, p. 29, grifos dos autores).

Apesar de as últimas duas notas não terem sido escritas por Kyrmse, ele ter esse material à disposição, para saber que houve mudanças desde a última tradução para cá,

implica que sua retradução contemplará todas as revisões e alterações feitas por Christopher Tolkien.

Agora que conhecemos um pouco da biografia do autor, seu estilo de escrita, sua proposta de pseudotradução, e conhecemos o perfil de cada tradutor das traduções para o português brasileiro, podemos fazer uma análise comparativa mais detalhada e mais centrada.

4 ANÁLISE COMPARATIVA

Neste capítulo será realizada uma comparação entre as duas traduções de *O Senhor dos Anéis* para o português brasileiro. Para atingir esse objetivo, algumas subdivisões são necessárias para que diversos aspectos do texto sejam contemplados. Inicialmente, será conduzida uma análise de corpora, proporcionando uma visão mais ampla das traduções e destacando detalhes ou achados que podem ser valiosos em momentos futuros. Em seguida, uma análise será conduzida com base nas MMT. Posteriormente, serão exploradas questões culturais e as escolhas lexicais decorrentes dessas questões. Este capítulo se encerrará com considerações sobre a relevância dessas teorias na formação de um tradutor profissional, mais especificamente literário.

4.1 ANÁLISE DE CORPUS

Neste subcapítulo será explicada uma das formas de usar a Linguística de Corpus (doravante, LC) para análises entre tradução. Para isso, primeiramente comentarei sobre a disciplina em si, depois me concentrarei no AntConc, ferramenta que será usada em vários momentos desta análise.

Segundo Berber-Sardinha (2004) A LC se interessa pela descrição da língua, nunca atuando de forma prescritiva ou normativa. Assim, ela não teoriza primeiro sobre a língua, para depois buscar exemplos que se adaptem a esta teorização; ela constrói sua teorização por meio dos padrões linguísticos observados no texto em si. Esta abordagem tem sido amplamente utilizada nos estudos da tradução e nas práticas dos tradutores, como vimos, por exemplo, em Baker (2001)⁷⁸.

Usar apenas a LC para a análise pode parecer insuficiente, assim, neste trabalho, ela assumirá o papel de ferramenta auxiliar para que uma análise mais profunda seja feita a partir dos resultados por ela fornecida. Claro, pois uma análise entre traduções precisa levar em consideração diversos fatores para que todas as variantes sejam contempladas. Esses fatores

⁷⁸ Cf. capítulo 2.2.1 desta dissertação.

incluem desde níveis semânticos – pois a inversão da ordem em que as palavras aparecem pode gerar efeitos diferentes -, até sintáticos. É neste nível em que a LC pode auxiliar, uma vez que, ao visualizarmos os textos sob essa perspectiva, teremos ao nosso dispor uma visão mais empírica das traduções. Além disso, quando analisamos a fala de Lopes, de que as novas traduções de Tolkien no Brasil buscaram, sempre que possível, transferir “elemento por elemento, como as palavras até a sintaxe, e passar ponto a ponto em português” (2019, n.p), os achados podem ser ainda mais interessantes.

Para melhor explicar esse contexto (técnico-científico e literário) compartilho com o leitor dois sites, pois, assim, será possível notar de forma rápida e prática o que falei momentos atrás – ainda que, em muitos casos, o contexto (*corpus*) pode ser criado pelo próprio tradutor a partir de seus textos: linguee.com.br e context.reverso.net. Ambos os *sites* trabalham com corpora que servem, na forma como são apresentados, para ajudar os usuários a entenderem melhor o significado de palavras e expressões em diferentes línguas, a partir de diferentes contextos autênticos.

No parágrafo anterior comentei que o próprio tradutor pode criar seu *corpus*; isso porque ele não necessita ser gigantesco para ser representativo. A representatividade depende dos objetivos do tradutor (ou pesquisador, como será o caso para esta análise). No caso da tradução literária, o *corpus* poderá ser maior ou menor, pois é sempre projetado para um propósito particular, e o seu tipo depende da sua finalidade⁷⁹.

As ferramentas utilizadas na LC podem variar dependendo dos objetivos da pesquisa, do tamanho e da natureza do *corpus* e das preferências do pesquisador. Os pesquisadores geralmente combinam várias dessas ferramentas para realizar análises linguísticas abrangentes e obter *insights* dos dados do *corpus*. Nesta pesquisa, utilizarei o Antconc 4.2.4⁸⁰, de Laurence Anthony (para analisar a obra original e suas traduções), em especial as duas ferramentas descritas abaixo⁸¹.

Gerador de Palavras (*Wordlist*): produz listas de palavras contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, tanto as lexicais como as funcionais, possíveis de serem visualizadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais.

⁷⁹ Essa afirmação é feita a partir dos estudos de Hunston (2002) e Lee (2010).

⁸⁰ Disponível em: laurenceanthony.net/software/antconc/, acesso em outubro de 2023.

⁸¹ A descrição das ferramentas é uma adaptação do texto de Fadanelli (2017).

Concordanciador: realiza concordâncias, ou listagens de uma palavra específica (*node word*, ou nóculo) mostrando a parte do texto em que ocorre e as palavras que estão próximas ou encadeadas a ela.

Em suma, o uso do AntConc, neste trabalho, será para buscar padrões linguísticos específicos relacionados à idiossincrasia de Tolkien, conforme abordado por Kullmann e Siepmann (2021). Após encontrar elementos literários específicos da literatura do autor, será possível analisar, por meio de uma visão mais fundamentada, as escolhas estilísticas e linguísticas dos tradutores e as implicações que isso traz em um nível semântico, isto é, quanto cada tradução ‘feriu’ o original.

4.1.1 Impressões iniciais do corpus

Isto já foi comentado em outro momento, mas reforço os textos que comporão o *corpus* analisado: 1. O texto original (doravante, TO), em inglês, escrito por Tolkien, em 1954; 2. A primeira tradução (doravante, T1), ainda muito conceituada e lembrada com carinho pelos fãs, de Maria Rimoli Esteves, publicada pela primeira vez em 1994; e 3. A retradução (doravante, T2) inovadora de Ronald Kyrmse, de 2019.

Após importar os textos para o AntConc, o número de *tokens* em cada edição é informado: enquanto a T1 possui 179.954 (cento e setenta e nove mil novecentos e cinquenta e quatro), a T2 possui 191.842 (cento e noventa e um mil oitocentos e quarenta e dois); o original, para fins de comparação, possui 195.219 (cento e noventa e cinco mil duzentos e dezenove). A diferença pode parecer maior do que realmente é, porque a T2 traz muitas notas extras, com explicações sobre conteúdos de outras obras do autor que complementam essa, ou notas do tradutor a respeito de suas escolhas (ainda assim, ambas têm menos palavras do que o texto original).

Para justificar o motivo pelo qual não removi essas notas de rodapé, apresento a seguinte citação:

TO: “*There’s some not far away that wouldn’t offer a pint of beer to a friend*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “Tem gente não muito longe daqui que não oferecia uma caneca de cerveja a um amigo” (Tolkien, 2001, p. 24).

T2: “Tem gente não muito longe daqui que não serviria um quartilho de cerveja a um amigo” (Tolkien, 2019, p. 68).

Em *quartilho*, há uma nota que diz: “Medida líquida equivalente a 568 milímetros” (Tolkien, 2019, p. 68). Essa informação, bem como outras que aparecem ao longo de toda obra traduzida em forma de notas de rodapé são, a meu ver, parte da tradução, não complemento. Também é válido ressaltar que a opção por manter a unidade de medida exata é um caso de *estrangeirização* que há na T2, haja vista a fala de Venuti de que se deve “resistir contra o etnocentrismo e o racismo” (Venuti, 2018, p. 16, tradução minha)⁸². Assim, a *domesticação* da T1 pode ser um indício de violência que sofre a tradução (outros exemplos de palavras frequentemente *domesticadas*, além de unidades de medidas, são: comidas típicas/regionais, mitologias/religiões, referências históricas etc.).

Assim, estando informado o número de *tokens* de cada edição, e feita a ressalva de que a T2 usa notas de rodapé com mais frequência do que a T1, vejamos quais são as palavras mais frequentes em cada tradução.

Na T1, a palavra mais frequente, excluindo todas as palavras gramaticais ou funcionais⁸³, aparece na posição 16, sendo, na verdade, o verbo *dizer*, conjugado na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo. A lista segue com as seguintes palavras: *disse, Frodo, estava, foi, era, Gandalf, Sam, tempo, anel, hobbits*. Das dez palavras listadas, três são importantes personagens: *Frodo, Gandalf, Sam*; uma trata de uma das raças que habitam a Terra-média, os Hobbits; e o restante das cinco são palavras lexicais comuns em outros corpora. Vejamos, agora, o *top 10*, de palavras lexicais, da T2: *Frodo, disse, estava, era, foi, Gandalf, tempo, Sam, Hobbits, anel*.

Assim como o número de palavras, a frequência com que as palavras lexicais aparecem nas traduções é bastante equivalente, e esse resultado sugere uma consistência na transmissão de conteúdo semântico entre o texto original e suas traduções. Isso porque a presença dos mesmos verbos, substantivos, dentre outros elementos lexicais, pode representar uma fidelidade ao significado original⁸⁴.

⁸² No original: [foreignizing translation in English] can be a form of resistance against ethnocentrism and racism (Venuti, 2018, p. 16).

⁸³ Considerarei palavras funcionais os artigos, as conjunções, os pronomes, as interjeições e os advérbios, ainda que esses possam exercer uma função lexical, cf. o capítulo VIII de Ducrot (1987).

⁸⁴ Ao dizer *pode*, quero evidenciar a complexidade por trás do conceito de fidelidade. Assim, a tradução literal – palavra por palavra – pode não ser suficiente para entregar o sentido original.

Proponho, agora, uma rápida análise que fiz me valendo das duas funções do AntConc, o *Wordlist* e o *Concordanciador*. Isso servirá tanto para apresentar as funções da ferramenta, quanto para provocar debates ao longo deste capítulo. Dessa forma, dividirei essa análise em duas partes: na primeira será abordada a posição em que os adjetivos geralmente aparecem nas duas traduções (e, em caso de mudanças, se há alguma perda semântica); em seguida, analisarei se as marcas idiossincráticas de Tolkien aparecem nas traduções, uma vez que seu estilo literário foi detalhadamente exposto em *Tolkien as a Literary Artist*, livro de Kullmann e Siepmann (2021) previamente apresentado.

Em português, a posição dos adjetivos em relação aos substantivos pode variar. Os motivos para essa variação são vários, pode ser para dar ênfase, para criar um ritmo ou para que uma rima funcione (num uso mais literário da língua), ou mesmo por razões semânticas (é o caso de *um velho amigo* e *um amigo velho*⁸⁵).

Em suma, a escolha do tradutor em manter o adjetivo na posição original, ou não, é muito importante, uma vez que, se mudasse, poderia estar alterando o estilo do autor e um possível efeito que este pretendia causar no público-leitor; mas estaria, possivelmente, adaptando o uso para as tradições linguísticas vigentes e para que o leitor da obra traduzida pudesse se sentir mais acolhido⁸⁶. A seguir, veremos isso, na prática, por meio de alguns exemplos.

Na Terra-média há muitos biomas, mas as árvores, sejam elas imponentes e importantes ou não, sempre se fazem presentes. A atenção dada e o papel literário que algumas árvores desempenham é imprescindível para o desenvolvimento da história. Essa atenção pode ser vista na *Letter 339* (Carta 339, intitulada, em uma tradução livre, *Para o Editor de Daily Telegraph*), disponível em *The Letters of J. R. R. Tolkien*, em que Tolkien explica como uma árvore pode passar de adorável para maligna. Isso fica ainda mais evidenciado quando Dickerson (2007), notável autor estado-unidense, afirma, ao iniciar um capítulo denso sobre a importância destas nas obras tolkienianas, que “seria difícil

⁸⁵ Bechara explica que os adjetivos, em português, desempenham uma função explicativa e especificativa. Usando o exemplo que trouxe, em *velho amigo*, o adjetivo desempenha uma função explicativa, indicando uma característica inerente à classe de um amigo, já em *amigo velho*, o adjetivo desempenha uma função especificativa, diferenciando esse amigo de outros que não tem uma idade avançada. Cf. Bechara (2009, p. 30 e 31).

⁸⁶ Não podemos nos esquecer, no entanto, que dada a natureza sistêmica das línguas, algumas estruturas são, como diria Sobral (2008), intradutíveis. Assim, a ordem das palavras é rearranjada para que o enunciado fique coeso.

superestimar a importância das árvores nos escritos de J. R. R. Tolkien” (Dickerson, 2007, p. 678, tradução minha)⁸⁷.

O parágrafo anterior busca justificar o motivo pelo qual analisarei como a palavra *árvore* aparece nas traduções. Porém, cabe ainda uma última justificativa, desta vez mais técnica, pois me apropriarei da ferramenta *keyword*, do AntConc. Ao selecionar a aba de mesmo nome, estando na página inicial do programa, são listadas as palavras mais comuns do *corpus* em comparação com um *corpus* de referência⁸⁸. Importante destacar que a palavra *tree* não ocupa as primeiras colocações, essas são ocupadas, principalmente pelos nomes das personagens principais (as cinco primeiras *keywords* são: Frodo, Gandalf, Sam, Bilbo e Hobbits). Isso muda quando ordenamos nossa busca por substantivos (a lista segue: *hobbits*, *ring*, *shire*, *strider*, *elves*). Aqui temos duas raças, *hobbits* e *elves*, o local onde os hobbits moram, *the shire*, o substantivo *strider*, que geralmente é usado para se referir a Aragorn, outra personagem da novela, e, obviamente, a palavra *ring*, anel, em português. Ainda que não apareça no *top* cinco, a palavra *tree* ainda é muito frequente, estando, dentre todos os substantivos, na posição 54 e *trees*, no plural, na posição 14.

Após saber, por meio de palavras do próprio autor e de outras fontes, a importância das árvores na literatura tolkieniana, e confirmarmos, por meio da ferramenta *keywords*, que a palavra é de fato bastante utilizada, veremos, agora, se os adjetivos são antepostos ou pospostos a ela, e se isso faz sentido quando analisamos o contexto original. Antes, porém, cabe informar que, segundo resultados da mesma ferramenta, a palavra *árvore* (aqui também considere sua forma no plural) ocorre 285 vezes, na T1; 287, na T2; e 324 vezes no TO. Curiosamente, o número, quando comparado entre traduções, é muito próximo, mas se afasta ao compararmos com o texto original. Vejamos agora quais adjetivos são marcados à direita ou à esquerda da palavra *árvore(s)*.

⁸⁷ No original: It would be difficult to overestimate the importance of trees in the writings of J. R. R. Tolkien (Dickerson, 2007, p. 678).

⁸⁸ Usei o *Corpus of Contemporary American English* como referência.

FIGURA 1 – Tabela com os adjetivos para a palavra
árvore(s)

ADJETIVOS	T1	T2	TO
À DIREITA	verde, iluminada, alta, onipresente, viva, baixa, conífera, estranha, grande, abominável, escura, inesperada, quieta, raquítica, branca, nua, velha, carbonizada, enorme, encolhida, maravilhosa, jovem, encantada, quebrada, baixa, cultivada, retorcida.	verde, iluminada, outonais, alta, escura, viva, densa, baixa, emaranhada, grande, desgraçada, mirrada, caída, velha, suspensa, densa, branca, nua, carbonizada, enorme, maravilhosa, altaneira, ramificada, encantada, quebrada, baixa, retorcida.	-
À ESQUERDA	grande, elaborada, alta, enorme, densa, velha, escura, menor.	alta, grande, velha, antiga.	green, illuminated, old, tall, great, autumn, sudden, large, woven, dark, living, thick, low, tangled, overhanging, strange, nameless, big, ancient, quiet, stunted, fallen, high, naked, twisted, charred, mighty, wizened, marvellous, grey, young, towering, white, branching, golden, enchanted, grey-skinned, broken, thrown.

Fonte: O autor deste texto (2024)

Um primeiro fator a ser pontuado é o número de adjetivos únicos em cada tradução: na T1 há 30 adjetivos únicos, enquanto na T2 há 28. Comentei acima que o número considerável de vezes que a palavra *árvore* aparece em inglês pode ser surpreendente quando comparado com as traduções. O motivo desse número ser quase 50% maior é facilmente detectável. Ora, a estrutura da língua inglesa permite, ou obriga, que sempre que nos referimos a algum elemento, parte, ou tipo de árvore, que citemos a palavra *árvore* novamente. É o caso de *tree-shadow*, *tree-root*, *tree-top*, *elm tree*, *alder-tree*, *fir-tree*, *oak-tree* etc. As traduções literais para essas palavras, em português, são, respectivamente: sombra (da árvore), raiz, copa (da árvore), ulmeiro, amieiro, abeto e carvalho. A primeira palavra entra na primeira categoria, um elemento; poderíamos dizer a sombra da árvore, ou apenas sombra, enquanto em inglês, ou melhor, Tolkien, prefere utilizar a expressão *tree-shadow*. A segunda e a terceira palavras pertencem à segunda categoria, de partes das árvores, no caso raiz e copa, que, em inglês, é preciso reforçar que as raízes e as copas são das árvores, porque são palavras hifenizadas. Por

último temos exemplos de tipos ou espécies de árvores. Isso justifica o número menor de ocorrências de traduções da palavra *tree*, pois, em muitos casos, essa palavra pode ser ocultada sem que haja uma perda semântica.

Também se nota que em nenhuma ocorrência da palavra *tree(s)* o adjetivo aparece à direita. Claro, há casos em que Tolkien (2014) descrevia como as árvores eram, então o adjetivo aparecia após o verbo conjugado. É o caso de “*the trees were thinner*” (p. 112); ou “*the trees were beautiful*” (p. 301), ou “*the bark of the trees is smooth and grey*” (p. 326).

Ainda olhando os resultados da tabela acima, pode-se observar que os adjetivos à esquerda são mais utilizados na T1 do que na T2, o que pode parecer contraditório, haja visto a declaração de Lopes de que as novas traduções de Tolkien no Brasil, incluindo a retradução de *O Senhor dos Anéis* traduziria, sempre que possível, “elemento por elemento” (2019, n.p). E isso é ainda mais curioso quando estamos falando da posição em que adjetivos são postos numa oração, uma vez que, em português, isso pode variar, isto é, não haveria grandes problemas em fazer essas trocas, ou ao menos do ponto de vista sintático; há diferenças do ponto de vista semântico-pragmático, o que pode explicar o caso.

Para tentar entender por que a estrutura original não foi mantida, proponho analisar alguns casos:

TO: “*And by the strand of Ilmarin there grew a golden Tree*” (Tolkien, 2014, p. 393).

T1: “Em Ilmarin dourando a praia uma Árvore crescia” (Tolkien, 2001, p. 397).

T2: “Junto à praia de Ilmarin, árvore d’ouro a medrar” (Tolkien, 2019, p. 525).

Nesse primeiro caso, o adjetivo *golden* não é traduzido em nenhuma das duas traduções⁸⁹, cabe, agora, analisarmos se a ausência desse adjetivo compromete a mensagem original. Para isso, vejamos o que cada um dos três segmentos entrega semanticamente: TO: a passagem explica que uma árvore dourada cresceu perto da praia de Ilmarin; A mensagem original aparece na T1, mas há acréscimos, uma vez que o comentário de que a praia havia ficado dourada não é mencionado; e, na T2, também temos a ideia central, ainda que *d’ouro* possa remeter que a árvore é feita de ouro, não que emana uma luminosidade dourada.

⁸⁹ Me refiro ao possível uso da palavra *dourada*, pois a tradução de *golden* é *dourar*, na T1, e *d’ouro*, na T2. Essa mudança na classe gramatical (de adjetivo para verbo e adjunto adnominal) é considerada uma *transposição*, segundo Aubert (1998), não mais uma *tradução literal*.

As mudanças relacionadas à escolha de palavras e à estrutura da frase são comuns e naturais, ainda mais em traduções literárias, pois, em muitos casos, o tradutor é o primeiro intérprete do texto, e as suas interpretações podem aparecer nos seus textos (é o caso da praia dourada). Nota-se, entretanto, que o rompimento com a fidelidade não está ligado à posição do adjetivo nas frases analisadas, mas pela opção em não traduzir o adjetivo por uma outra palavra de mesma classe gramatical.

Destaco, por último, que a fala acima analisada parte de Galadriel, uma Elfa. Na mitologia de Tolkien, os Elfos geralmente apresentam uma fala mais erudita, complexa, e, por vezes, arcaica⁹⁰. Vejamos agora o outro lado da moeda, o emprego da palavra *árvore* e os adjetivos que a sucedem em ambas as traduções, na fala de Sam Gangee, um Hobbit, cuja raça é conhecida por ter uma linguagem mais simples e pouco sofisticada:

TO: “*I don’t like this great big tree*” (Tolkien, 2014, p. 115).

T1: “Não gosto desta árvore grande” (Tolkien, 2001, p. 123).

T2: “Não gosto desta arvorezona grande” (Tolkien, 2019, p. 189).

Para contextualizar, no original, Sam, sozinho na mata, demonstrava um certo receio ou mesmo aversão a uma árvore em particular. Destaco que a sua preocupação era tanta que ele adjetivou o tamanho dela duas vezes, *a great [1] big [2] tree*. A T1 preserva o significado original, pois a fala da personagem segue indicando que a árvore é grande. Na T2, assim como na T1, é empregado o adjetivo *grande*, mas o substantivo *árvore* passa a ser *arvorezona*, destacando o segundo predicado que há no original e mantendo uma informalidade que naturalmente é associada aos Hobbits.

Neste momento, analisarei se os achados de Kullmann e Siepmann (2021) são verdadeiros também em português. Aqui serão analisados dois pontos importantes da escrita de Tolkien e que indicam a sua idiossincrasia. O primeiro é uma figura de linguagem comum na língua inglesa: o hipérbato (*inversion*, em inglês). No entanto, é importante deixar claro que há várias formas de fazer inversões, e Tolkien costuma usar da seguinte forma: o complemento do sujeito é seguido pelo verbo de ligação *to be* e depois o sujeito. Essa

⁹⁰ Segundo dados do AntConc, o TO conta com cinco ocorrências da palavra *thee* e *thy*, e três da palavra *thou* e *ye* – palavras que geralmente encontramos em textos do século XVI ou anteriores, quando ainda se falava o *Old English*, ou ainda o *Middle English*. Segundo Kullmann e Sipmann (2021) a escolha por essas palavras passa pelo período em que Tolkien passou traduzindo Beowulf, poema épico datado do ano 1000.

inversão enfatiza a qualidade ou o estado daquilo que está sendo descrito. Vejamos dois exemplos: “...and beautiful was its colour..., e So deep and narrow was that chasm that...” (Tolkien apud Kullmann e Sipmann, 2021, p. 81, grifo meu). No primeiro exemplo, *beautiful* é o complemento do sujeito, e ele é colocado no início da frase para, possivelmente, enfatizar a beleza da cor (ao invés do mais natural *the colour is beautiful*). Do mesmo modo, no segundo exemplo, *deep and narrow* enfatizam as características do abismo.

Vejamos como as traduções lidaram com os diversos hipérbatos encontrados nos textos de Tolkien e se essas estruturas foram mantidas ou não. Para isso, identifiquei, no AntConc, todas as vezes que a palavra *was* ocorre (2.484 vezes) e as vezes em que há a colocação ‘adjetivos + *was*’ (contei 19 ao longo de todo TO⁹¹). Vejamos um exemplo de como as traduções abordaram esse estilo:

TO: “*But the spell that was now laid upon him was different: less keen and lofty was the delight, but deeper and nearer to mortal heart*” (Tolkien, 2014, p. 121).

T1: “Mas o encanto que agora tomava conta dele era diferente: menos agudo e grandioso, mas mais profundo e próximo dos corações mortais” (Tolkien, 2001, p. 129).

T2: “Mas o feitiço que agora repousava sobre ele era diferente: menos incisivo e exaltado era o deleite, porém mais profundo e mais próximo do coração mortal” (Tolkien, 2019, p. 198).

O TO traz a seguinte inversão: “*less keen and loftily was the delight*”, observe que a estrutura mais natural seria: *the delight was less keen and lofty*, pois o sujeito é seguido por um verbo e depois do predicado. Como mencionado em outro momento, o objetivo para o uso de inversões é tanto para dar ênfase aos elementos referidos, no caso, à natureza menos aguda e grandiosa do deleite, mas também para criar um ritmo diferente e um efeito mais poético e literário ao texto.

⁹¹ Para fins de curiosidade, segue todos os achados, lembrando que as citações são do texto original de Tolkien (2014) “*sad and sweet was the sound of her voice*” (p. 363), “*less keen and lofty was the delight*” (p. 121), “*so magnificent was the invitation card*” (p. 28) “*holly was the token of the people*” (p. 295), “*dark was the danger*” (p. 369), “*fair was the music*” (p. 368), “*so fair was the grace of Goldberry*” (p. 129), “*silver was his habergeon*” (p. 227), “*so cunning was his questioning*” (p. 130), “*very queer he was*” (p. 170), “*so eager was he to come to Moria*” (p. 292), “*so overjoyed was I*” (p. 257), “*hard was my parting from Lothlórien*” (p. 393), “*so silent was it*” (p. 110), “*so bright was it*” (p. 355), “*so terrible was it*” (p. 355), “*sweet was her singing*” (p. 124), “*how rich and beautiful was its colour*” (p. 59), “*how perfect was its roundness*” (p. 59), e “*very bright was that sword*” (p. 269).

Notei que a T1 não segue o mesmo modelo sintático do original; a maior diferença estando no sujeito que é predicado: no original é *deleite*, na T1, como essa palavra é suprimida, os adjetivos passam a predicar o encanto. Os adjetivos da T2, por outro lado, modificam a palavra *deleite*, tal qual no original. Ainda assim, a ideia geral de que mudanças ocorreram é transmitida, pois deixaram de ser “agudo e grandioso” e passou a ser “profundo e próximo dos corações mortais”.

Para finalizar este subcapítulo, escolhi um caso em que não houve omissão do substantivo adjetivado, para que seja possível analisar se ainda houve inversões:

TO: “*Very bright was that sword when it was made whole again*” (Tolkien, 2014, p. 269).

T1: “Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada” (Tolkien, 2001, p. 294).

T2: “Era muito luzidia a espada quando se tornou inteira outra vez” (Tolkien, 2019, p. 394).

Um comentário inicial diz bastante sobre a questão do efeito. Ao usar o pretérito imperfeito, a T2 pode estar lembrando o leitor que o texto se trata de uma peça literária, isso porque essa construção é bastante frequentes nesses textos, um exemplo muito didático disso está na frase ‘era uma vez’ usada para começar histórias ou fábulas. O uso do pretérito perfeito pode causar outro efeito de sentido.

Voltando ao uso de hipérbatos, “*Bright was that sword*” é um exemplo, pois o mais comum seria *That sword was bright*. O caso é bastante parecido com o anterior: a qualidade (*bright*) é apresentada no início da frase, antes do sujeito (*the sword*). Nesse caso, assim como no anterior, também há uma sugestão de que a ênfase maior que o autor pretendia passar está mais concentrada na luminosidade da espada do que nela em si.

Sobre o significado original, acredito que ambas as traduções conseguem, de diferentes formas, transmiti-lo. Outro fator importante está no fato de a T2 traduzir o *was* da mesma forma que no caso anterior, o que pode ser um possível indicativo de *estrangeirização*. A T1, dessa vez, traduz para *ficou*, uma outra forma que também é válida nesse contexto. Sabemos que o significado foi preservado, mas precisamos ainda responder à pergunta feita momentos atrás: ocorreram inversões nas traduções? A resposta é sim para os dois casos, pois, a ordem natural seria, para a T1, *aquela espada ficou muito brilhante*, e, para a T2, *a espada era muito luzidia*.

O segundo ponto que destaco dentre os achados de Kullmann e Sipmann (2021) é o uso repetitivo do *existential there* no início de frases⁹². Ao pesquisar a palavra *there* no AntConc, descobri que 262 vezes a palavra que sucede é *was*; 119 vezes a palavra que sucede é *is*; 91 vezes *were*; e 82 vezes *are*. Todas conjugações do verbo *to be*, indicando que há algo em cena. Esse número expressivo (soma-se 554 vezes da expressão *there + to be*) reforça o comentário dos autores, de que, por ser algo tão corriqueiro, acaba se tornando uma marca literária do autor.

Para compreendermos se as expressões se repetem, seria necessária uma quantidade significativa de exemplos e, por ser uma tarefa mais trabalhosa, uma vez que a tradução da expressão *there + to be* pode se dar das mais diversas formas em português - o que dificultaria uma busca rápida no AntConc -, para este momento, analisarei apenas um, visando, novamente, se as traduções são semanticamente equivalentes (pois, como disse mais cedo, esses exemplos introdutórios servem para apresentar as ferramentas do AntConc ao leitor, porém, eles também serão levados em consideração e serão de extrema importância para fundamentar a dar volume à análise):

TO: “*There was a wide arch leading to a courtyard between the two wings, and on the left under the arch there was a large doorway reached by a few broad steps*” (Tolkien, 2014, p. 149)

T1: “Havia um grande arco pelo qual se chegava ao pátio entre os dois pavilhões e à esquerda sob o arco havia um grande saguão de entrada, precedido de alguns degraus largos” (Tolkien, 2001, p. 160).

T2: “Havia um amplo arco que abria para o pátio entre as duas alas, e à esquerda, sob o arco, havia um grande portal ao qual se subia por alguns degraus largos” (Tolkien, 2019, p. 234).

A explicação de Kullmann e Siepmann (2021) faz sentido e se aplica nesse caso. Tolkien, no exemplo acima, descreve a presença de um grande arco que conduz a um pátio; a passagem segue descrevendo a presença de uma grande entrada. Ambas as traduções preservam o conteúdo original e, para descrever o que há em cena, usam o *havia* que poderia ser facilmente substituído ou ocultado na segunda vez em que é mencionado para tornar o texto mais fluido.

⁹² Cf. capítulo 3.1.1 desta dissertação para uma explicação detalhada do conceito de *existential there*.

Embora escolham palavras diferentes, as duas traduções transmitem a mesma mensagem presente no original. Isso porque, em ambos os casos, o ambiente apresentado ao leitor é descrito com todos os detalhes do original. Outras implicações semânticas, como o uso de *pavilhões* para traduzir *wings*, termo que, no contexto arquitetônico, se refere às partes laterais de uma construção, não serão abordadas para não prolongarmos esta análise.

No entanto, com base no que temos até aqui, e isto pode ser corroborado ou refutado a partir de uma análise mais densa e mais bem fundamentada, pode-se afirmar que a T2 é mais *estrangeirizadora*, pois ela usa de recursos linguísticos para diferenciar as mais variadas raças que habitam a Terra-média. Perceber essa alteridade é perceber que os povos têm culturas e línguas diferentes. Assim, parece (nessa percepção inicial) que a T2 está mais preocupada em reforçar um respeito entre as raças, o que parece não acontecer na T1. De qualquer forma, mais exemplos são precisos antes de fazer qualquer afirmação, assim, as próximas seções buscam dar conta disso.

4.2 AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO NOS TEXTOS TRADUZIDOS

Vimos o papel que as MMT podem desempenhar em uma análise como esta no subcapítulo 2.5. Ainda assim, alguns comentários introdutórios serão feitos para refrescar a memória do leitor.

As MMT oferecem uma lente pela qual podemos identificar as diferentes abordagens dos tradutores. A partir de critérios de Aubert (1998), é possível saber se uma tradução é mais literal ao TO ou se ela opta por uma adaptação na língua de chegada. Faço a leitura de que, a partir disso, podemos associar as MMT às estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*.

Mais adiante, no subcapítulo 4.1, foi apresentado o número de palavras de cada obra e, por ser um número considerável, fazer uma análise que perpassasse todas seria, além de desgastante, pouco produtivo, uma vez que, de acordo com Biber (1993), com um número relativamente menor, é possível chegar a um resultado parecido.

Pensando nisso, a tabela que segue foi produzida a partir da análise dos primeiros 3044 itens lexicais da obra original, isto é, o início do capítulo 1, intitulado “*A long-expected party*”:

FIGURA 2 – MMT usadas nas traduções de *Lord of the Rings*

Classificação	Modalidade	T1	%	T2	%	Total	Geral
01°	Trad. Literal	2192	72,67	2517	84,06	5201	77,96
02°	Transposição	399	13,22	313	10,45	706	11,78
03°	Modulação	425	14,09	164	5,47	553	9,75
04°	Adaptação	123	4,07	121	4,04	244	4,03
05°	Empréstimo	27	0,89	29	0,96	56	0,92
06°	Decalque	31	1,02	25	0,83	56	0,92
07°	Acréscimo	35	1,16	06	0,20	41	0,67
08°	Erro	27	0,89	-	-	27	0,44
09°	Omissão	22	0,72	02	0,06	24	0,39
10°	(Ex)Implicitação	13	0,43	06	0,20	19	0,31
11°	Correção	05	0,16	-	-	05	0,08

Fonte: O autor deste texto (2024)

Em um primeiro momento é importante ressaltar que as modalidades de *transcrição* e *tradução intersemiótica* não constam na tabela acima pelo simples fato de não haver ocorrências dessas nos textos traduzidos analisados.

Outro importante fato versa sobre a forma como foi calculada a porcentagem do gráfico. O leitor deve ter em mente que o número total de palavras de cada texto analisado é a soma das modalidades: *tradução literal* + *transposição* + *modulação*. Isso porque a análise foi feita a partir de um fundamental critério: cada segmento (e, neste critério, um segmento consiste em frases que terminam em ponto final ou ponto e vírgula, e frases entre parênteses)

deve ser dividido entre essas modalidades⁹³. As demais são palavras ou frases soltas que, embora desempenhem outro papel, ainda estão dentro de um contexto macro que sempre recai naquelas três modalidades mencionadas. Dessa forma, as porcentagens foram calculadas a partir do número real de palavras, qual seja, 3016 para a T1 e 2994 para a T2.

Para os próximos parágrafos, trarei alguns comentários acerca da abordagem em si e de alguns fatos que, acredito, agregarão à análise. Por ‘abordagem em si’, me refiro a explicar algumas concessões que tive de fazer quando a ‘letra fria’ das modalidades pareciam rígidas demais. Veja, de acordo com Aubert (1998), é *transposição* tudo aquilo que foge da *tradução literal* e, segundo o item III que define essa modalidade, para ser literal uma tradução deve empregar as mesmas categorias gramaticais. Acontece que isso é, muitas vezes, impraticável, pois a estrutura da língua obriga que mudemos essas categorias.

Para exemplificar o que foi posto no parágrafo acima, proponho olharmos para os seguintes casos:

Exemplo 1

TO: “*The startled hobbits peered out of lamplit doors to gape at it*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “Os hobbits assustados espiavam de portas iluminadas com lamparinas para ver, embasbacados” (Tolkien, 2001, p. 25).

T2: “Os hobbits, espantados, espiavam pelas portas iluminadas por lanternas para olhá-lo com pasmo” (Tolkien, 2019, p. 68).

O verbo *to gape*, em inglês, significa olhar com surpresa para algo ou alguém, e, segundo o Cambridge Dictionary, geralmente de boca aberta. Por não termos um verbo tão descritivo e característico em português (algumas opções poderiam ser: apreciar, admirar, pasmar, mas nenhuma tão específica), a T1 optou por usar o verbo *ver* + o adjetivo *embasbacado*, o verbo não carregando consigo o mesmo valor semântico do original. O mesmo ocorre na T2: usa-se o verbo *olhar* + o adjunto adverbial *com pasmo*. Assim, para casos dessa natureza, mantive a categorização de *tradução literal*, embora pudesse ser interpretada como uma *transposição*.

⁹³ Uma possível crítica a essa metodologia está no fato de que, por dividir em segmentos, frases longas podem ser comprometidas, uma vez que nela pode haver mais de uma modalidade (para esses casos priorizei as modalidades de transposição e modulação, uma vez que são as que mais se destacam e destoam do original), mas essa abordagem foi a que se mostrou mais produtiva no final.

Assim como o verbo *to gape*, o adjetivo *bushy* também pode ser difícil de traduzir. Se o leitor conhece a estrutura do inglês deve ter reparado que, ao acrescer o sufixo -y em um substantivo terá um adjetivo. Isso acontece, por exemplo, em *rainy day*: *rain* significa chuva, com o sufixo passa a ser (dia) chuvoso. O caso a seguir, contudo, é mais problemático, pois o substantivo *bush* é geralmente traduzido para *arbusto*, *mata*, etc., porém, no contexto que segue, *bushy* implica a espessura das sobrancelhas da personagem:

Exemplo 2

TO: “*He had a long white beard and bushy eyebrows*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “Tinha uma longa barba e sobrancelhas densas” (Tolkien, 2001, p. 25).

T2: “Tinha uma longa barba branca e sobrancelhas frondosas” (Tolkien, 2019, p. 68).

Nesse caso também considerei a modalidade de *tradução literal* para ambas traduções. E não considero que a T1 tenha feito uma *adaptação* ou *modulação*, mas sim escolhido um sinônimo, ou melhor, a T2 escolheu sinônimo, pois a expressão *bushy eyebrows* já foi muitas vezes traduzida para *sobrancelhas espessas/grossas*⁹⁴.

Ainda sobre o último caso, em uma nota rápida, pois haverá um subcapítulo específico para debatermos isso, gostaria de falar sobre uma possível *estrangeirização* da T2. Como dito no parágrafo anterior, apesar da palavra *bush* remeter a mato, o valor semântico da expressão é outro: indicar que uma sobrancelha é grossa. Ainda assim, a T2 usa a palavra *frondosa*, que remete a algo coberto de folhas – uma árvore frondosa, por exemplo -, em um sentido figurado parecido ao que acontece no original. Isso seria uma forma estrangeirizante de *grosso*? Acredito que não, apenas uma outra forma de expressar a mesma mensagem. Recordemos que o objetivo final da *estrangeirização* é levar o leitor ao autor, pois bem, o autor apenas usou de uma expressão comum da língua inglesa para descrever a feição de alguém.

Para ajudar na visualização, proponho que invertamos o lado: imagine que um tradutor estado-unidense se depara com a expressão *entre a cruz e a espada*; em inglês, há uma expressão muito próxima: *between a rock and a hard place* (entre uma rocha e um lugar duro, em português). Uma tradução ao pé da letra seria mais *estrangeirizadora*? Parece-me que não,

⁹⁴ Essa afirmação é feita a partir de uma busca no Reverso, *corpus online*. Aproveito para destacar que ainda há mais uma opção de tradução, *sobrancelhas farfalhudas*, mas que, por ter um número inferior aos dois exemplos comentados, optei por trazer apenas como uma nota.

uma vez que a construção não parte do autor original (isso muda quando as expressões são criadas - cito Shakespeare, em inglês, e Guimarães Rosa, em português, autores cuja escrita era criativa e inventiva, abrindo margens para uma *domesticação*, quando o sentido seria repassado via *modulação*, ou *estrangeirização*, quando a nova expressão é respeitada e traduzida literalmente).

Outro ponto digno de atenção está na maneira como os verbos *to listen* e *to hear* são empregados em inglês. No português brasileiro, é comum que os verbos *escutar* e *ouvir* sejam usados como sinônimos, mas isso pode significar um comprometimento na mensagem final. Vejamos um caso em que isso aparece nos textos analisados:

Exemplo 3

TO: “*And he listens to all Mr Bilbo’s tales*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “E escuta todas as histórias do Sr. Bilbo” (Tolkien, 2001, p. 24).

T2: “E ouve todos os relatos do Sr. Bilbo” (Tolkien, 2019, p. 67).

O TO usa o verbo *to listen*, sugerindo uma ação ativa por parte da personagem. Isto é, ela não está apenas ouvindo, mas se dedicando a absorver as histórias de Bilbo. Essa dedicação pode se perder na T2, uma vez que a escolha da palavra *ouve* pode indicar uma escuta mais passiva.

Ainda assim, ambos os casos foram considerados *tradução literal*, pois considerei as duas palavras discutidas como sendo sinônimas, uma vez que transmitem elementos do significado original. A mesma modalidade foi aplicada em expressões traduzidas na forma singular ou plural. Vejamos um caso:

Exemplo 4

TO: “*Meaning no harm, mark you*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “Sem querer causar maldade, veja bem” (Tolkien, 2001, p. 24).

T2: “Não tem mal nisso, vejam bem” (Tolkien, 2019, p. 67).

O pronome pessoal *you* pode tanto ser traduzido para *você* quanto para *vocês*. A escolha do tradutor vai depender de como ele interpretou o texto. Nesse caso em específico,

havia mais de uma pessoa em cena, mas o orador poderia estar se dirigindo a uma pessoa apenas.

Falemos sobre os casos de *transposição*. O critério adotado foi marcar casos em que as mudanças foram mais explícitas, como o do exemplo a seguir:

Exemplo 5

TO: “*till he was drowned*” (Tolkien, 2014, p. 22).

T1: “até que morreu afogado” (Tolkien, 2001, p. 22).

T2: “até ele se afogar” (Tolkien, 2019, p. 65).

Aqui cada tradução usa uma modalidade diferente: enquanto a T1 é uma *tradução literal*, a T2 é uma *transposição*. Antes de justificar o motivo pelo qual elas foram classificadas assim, devo apontar que a T1 usa de outra modalidade, a saber, a de *acréscimo*, quando usa o *morreu*.

Assim, a T1 mantém a estrutura e a ordem das palavras⁹⁵, já a T2 representa um exemplo de *transposição*, pois há uma mudança na classe gramatical da palavra original *drowned*⁹⁶: No original está conjugado exerce a função de um adjetivo, na retradução passa a ser um verbo no infinitivo, mudando, assim, a estrutura gramatical da frase original.

Para casos de *modulação*, considere aqueles segmentos que, parafraseando Aubert (1998), embora tragam consigo o mesmo efeito geral de sentido, deslocam a estrutura semântica. Um exemplo disso é quando é explicado o parentesco de Frodo e Bilbo:

Exemplo 6

TO: “*So Mr. Frodo is his first **and** second cousin, once removed either way, as the saying is, if you follow me*” (Tolkien, 2014, p. 23, grifo do autor⁹⁷).

⁹⁵ Volto a frisar que a utilização ou não utilização de pronomes nunca foi considerado.

⁹⁶ A palavra *drowned* é um tanto arcaica, o uso mais comum nos dias atuais é *drown*, porém nenhuma tradução fez questão de buscar um equivalente ou explicar isso.

⁹⁷ No original, o grifo é em itálico, nesta dissertação, para seguir as normas ABNT, que pedem que as citações em outra língua sejam marcadas em itálico, destaquei a palavra em negrito.

T1: “Desse modo, o Sr. Frodo é filho dos primos do Sr. Bilbo em primeiro e segundo grau, e seu primo com intervalo de uma geração, você me entende?” (Tolkien, 2001, p. 23, grifo do autor).

T2: “Então o Sr. Frodo é primo dele em primeiro e segundo grau, com uma geração de diferença, como costumam dizer, se é que me entendem” (Tolkien, 2019, p. 65 e 66, grifo do autor).

Tanto o segmento da T1 quanto o da T2 são considerados *modulação*, porém, somente na T1 há também as modalidades de *acréscimo* em “filho dos primos do Sr. Bilbo”, e *omissão* em “*as the saying is*”.

Antes de seguir com a análise, vale destacar que, na T2, após a palavra *entendem*, segue uma nota de rodapé que diz: “O diálogo está reproduzido com a nomenclatura do original. Pela convenção corrente no Brasil, Bilbo e Frodo são primos em quarto grau pelo lado Bolseiro e em segundo pelo lado Túk” (Tolkien, 2019, p. 66).

A nota acima é válida e, em uma tradução mais *domesticadora*, acredito que poderia estar no próprio corpo do texto. Porém, o que vemos em ambos os casos é uma forma mais literal, embora modulante, de traduzir a expressão *cousin once removed*. Também importante notar que a T2 mantém o comentário “*as the saying is*”, embora não ocorra tal *saying* em português.

Antes de mudar de assunto, gostaria de trazer à luz um ponto que pude perceber ao reler e comparar os textos: o uso de aspas e travessão. Primeiramente já deixo registrado que isso também não foi levado em consideração durante a etapa de classificação de Modalidades, porém, a T1 sempre usa travessão para marcar o início de um discurso direto, já a T2 prioriza o uso das aspas. Isso pode ser um vestígio de *estrangeirização* da T2, uma vez que o uso de aspas, nesse caso, é comumente detectado em textos de línguas anglo-saxãs, como o inglês⁹⁸.

Sobre as modalidades de *omissão* e *acréscimo*, não considere casos em que alguma tradução acrescenta ou omite pronomes ou artigos antes de nomes próprios. Vejamos um caso:

⁹⁸ Caso o leitor queira se aprofundar, sugiro a leitura do texto “Por que a NewPOP não usa aspas para diálogos?”, artigo publicado no *blog* da editora, em que é explicado as motivações dessa escolha, apresentando um contexto histórico e cultural para corroborar a decisão. Segue o *link* da matéria: <https://www.newpop.com.br/por-que-a-newpop-nao-usa-aspas-para-dialogos/>

Exemplo 7

TO: “*As Mr. Baggins was generous with his money [...]*” (Tolkien, 2014, p. 21).

T1: “Como **o** Sr. Bolseiro era generoso com seu dinheiro [...]” (Tolkien, 2001, p. 21, grifo meu).

T2: “Como **o** Sr. Bolseiro era generoso com o dinheiro [...]” (Tolkien, 2019, p. 63, grifo meu).

O uso do artigo definido *o* (ou *a*) antes de nomes próprios, como em “o Sr. Bolseiro”, é uma característica gramatical do português que não tem uma correspondência direta no inglês, uma vez que nessa língua não é comum usar *the* antes de títulos honoríficos como *Mr.* ou *Mrs.* quando seguidos por um nome próprio. Por mais óbvio que isso possa parecer, fazer esse apontamento parece necessário uma vez que o número de palavras pode ser um indício de *estrangeirização*. Isso pode ser evidenciado ao analisarmos textos mais poéticos, em que uma métrica deve ser respeitada, mas isso não vem ao caso neste momento.

O uso de artigos também pode aparecer antes de substantivos, como podemos notar no caso abaixo:

Exemplo 8

TO: “*Boats are quite tricky*” (Tolkien, 2014, p. 23).

T1: “**Os** barcos são muito traiçoeiros” (Tolkien, 2001, p. 23, grifo meu).

T2: “**Um** barco já é bem traiçoeiro” (Tolkien, 2019, p. 64, grifo meu).

Nesse exemplo, o uso de artigo definido e indefinido vai mudar o sentido. Ao falar *um* barco, a T2 está se referindo especificamente aquele barco; Ao falar *os* barcos, a T1 está sendo mais fiel ao original, pois a afirmação vale para todos os barcos utilizados naquela região.

Quanto as *adaptações*, considere todos os nomes próprios, sejam de lugares ou pessoas, e *decalques* os nomes adaptados que mantiveram a estrutura do original, mas com algumas mudanças gráficas. São exemplos de *adaptações*: de Baggins para Bolseiro; de *Bag End* para Bolsão; de *Bywater* para Beirágua, dentre outros. E são exemplos de *decalques*: de

Gamgee para Gamgi; de Noakes para Noques; de Brandybuck para Brandebuque, de Brandywine para Brandevin, dentre outros⁹⁹.

Há muitos *empréstimos* em *O Senhor dos Anéis* – lembro que essa modalidade ocorre quando um segmento textual do texto original é reproduzido na tradução -, porém, dentre as três mil palavras iniciais, recorte analisado, considereei empréstimo somente a palavra Hobbit. A T2 parece ter mais ocorrências porque a tradução de *hobbit-children* (que aparece duas vezes no texto analisado), na T2, é *crianças-hobbit* e, por estar hifenizado, considereei duas palavras.

Finalmente, gostaria de justificar o que foi considerado *correção* e *erro*, uma vez que essas expressões podem soar mais impactantes do que realmente são, afinal, até mesmo o que é um *erro* para Aubert (1998) pode ser visto como uma simples escolha tradutória (ainda que ele deixe claro que a distorção é feita por engano, mas como saber o que é engano e o que é motivado?).

Comecemos pela *correção*. Os cinco casos apontados como correção são, na verdade, uma mesma palavra: anões. Tolkien sempre ficava irritado (cf. carta 138 em *The Letters of J. R. R. Tolkien*) quando os revisores corrigiam o que parecia ser um erro de digitação: *dwarves* para *dwarfs* (*dwarfs* sendo o plural padrão em inglês). Assim, como a T1 usa o plural padrão anões, considereei uma *correção*, sabendo que o próprio autor também considerava¹⁰⁰.

Outro caso que poderia ser considerado *correção*, mas não foi é o seguinte:

Exemplo 9

TO: “*Lanterns were hung on all its branches*” (Tolkien, 2014, p. 26).

T1: “Lanternas foram penduradas em todos os seus galhos” (Tolkien, 2001, p. 26).

T2: “Havia lanternas suspensas em todos os seus galhos” (Tolkien, 2019, p. 70).

Refiro-me ao uso do *havia*. Já destaquei os achados de Kullmann e Siepmann (2021) momentos atrás e, dentre eles, há o *existential there*. No caso acima, essa forma gramatical

⁹⁹ Percebendo que a maioria dos sobrenomes e adjetivos pátrios aparecem na forma de *adaptação* ou *decalque* em abas as traduções, me questioneei o motivo de Gorbadoque não tornar Gorbadoque, mas acredito que a resposta esteja, ou melhor, não esteja no *Guide to the Names in The Lord of the Rings*, uma vez que os tradutores se basearam nas recomendações do autor para traduzir os nomes.

¹⁰⁰ A T2 usa o plural menos convencional *Anãos*.

poderia ter sido usada, uma vez que o narrador está introduzindo novas informações. É possível que o tradutor, sabendo dessa particularidade da escrita de Tolkien, tenha decidido acrescentar um *havia* para manter um padrão de repetição. Também é possível que essa escolha tenha sido tomada por qualquer outro motivo, assim, não considero uma *correção*.

Apenas um segmento foi considerado erro, qual seja, quando o narrador, após apresentar Gandalf, comenta sobre os fogos de artifício que ele costumava soltar em um passado relativamente distante:

Exemplo 10

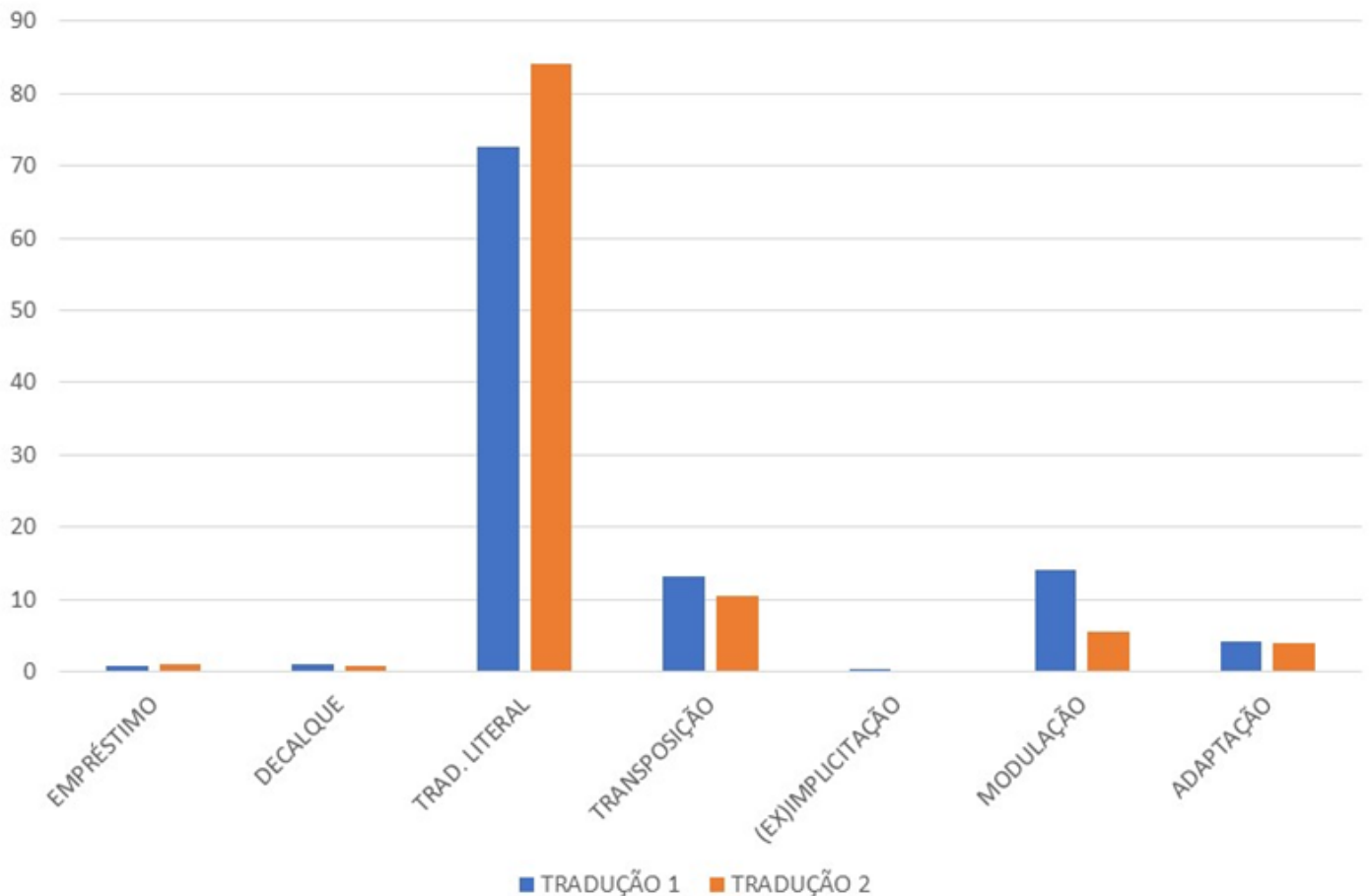
TO: “*But neither they nor any but the oldest of their elders had seen one of his firework displays – they now belong to a legendary past*” (Tolkien, 2014, p. 25).

T1: “Mas nem eles, nem os mais velhos dentre os mais velhos tinham visto uma de suas exibições de fogos de artifício – elas agora pertenciam a um passado lendário” (Tolkien, 2001, p. 25).

T2: “Mas nem eles nem algum dos seus ancestrais, exceto os mais velhos, haviam visto uma de suas exibições de fogos de artifício – essas agora pertenciam a um passado lendário” (Tolkien, 2019, p. 69).

O erro, como bem destacado na tabela apresentada, está na T1. O texto da T1 indica que ninguém, nem os mais jovens, nem os mais velhos viram os fogos. Isso, contudo, vai de encontro ao que o TO propõe.

Na seção em que discorro sobre as MMT, também prometo analisar em que medida essas podem ser usadas para que tenhamos uma noção maior quanto à *domesticação* ou *estrangeirização* das traduções. Assim, segue uma tabela para observarmos - lembrando que as quatro primeiras modalidades são consideradas, para Aubert (1988), traduções diretas, e as três finais, traduções indiretas:

FIGURA 3 – Gráfico sobre as MMT usadas nas traduções de *Lord of the Rings*

Fonte: O autor deste texto (2024)

O que Aubert (1998) chama de tradução direta e tradução indireta, chamarei de tradução *estrangeirizadora* e tradução *domesticadora*, porque, embora os termos não estejam paralelamente ligados, como comentei mais cedo, há muitas aproximações que permitem essa generalização. Tendo isso em mente, os próximos parágrafos são uma proposta de análise dos dados do gráfico acima.

As MMT vinculadas à tradução direta são: *empréstimo*, *decalque*, *tradução literal* e *transposição*. Apesar do baixo número de ocorrências, a T2 apresenta um número levemente maior de *empréstimos* e levemente menor de *decalques*. As modalidades de *tradução literal* e *transposição*, por outro lado, são mais frequentes e, nessas, a T2 é bastante superior na primeira e um pouco inferior na segunda.

Ao observar os três últimos dados da tabela, que trata das traduções indiretas, concluímos que a T1 foi mais vezes indireta por usar a modalidade de *explicitação* ou

implicitação mais vezes e por modular um número expressivo de segmentos em comparação à retradução. O número de *adaptações* é bastante próximo, há uma variação de 0,04% favorável à T1.

Com isso, é possível confirmar as falas de Lopes (2019), quando afirmava a busca por uma retradução *estrangeirizadora*, pois, ainda que a T1 tenha mais *decalques*, nas demais modalidades a divisão ficou bastante evidente, enquanto a T1 tem mais casos de uso de MMT consideradas traduções indiretas, a T2 tem mais casos relacionados às traduções diretas.

4.2.1 Além das Modalidades de Tradução

Para finalizar este subcapítulo, abro esta nova seção para apresentar alguns pontos que destaquei durante a leitura dos textos, mas que não foram mencionados até o momento devido à dificuldade em encaixá-los às análises.

O primeiro ponto é o uso de palavras mais arcaicas para descrever algo. Durante a etapa de categorização, essas palavras foram consideradas sinônimos; portanto, uma *tradução literal*. No entanto, ainda que uma tradução *estrangeirizadora* não se limite a isso, quando pensamos na premissa de levar o leitor ao autor, também estamos pensando em entregar ao leitor uma palavra que cause a mesma estranheza do original.

Lembro que isso não apareceu até então porque a preocupação de Aubert (1998) era outra, mas podemos nos aproveitar disso para termos uma noção mais ampla das traduções. De toda forma, vejamos alguns casos de ‘sinônimos’ que podem gerar um efeito estrangeirizante ao texto:

TO: “*The flowers glowed red and golden: snap-dragons and sunflowers, and **nasturtians** trailing all over the turf walls*” (Tolkien, 2014, p. 25, grifo meu).

T1: “As flores brilhavam, vermelhas e douradas: bocas-de-leão e girassóis e **nastúrcios** que subiam pelas paredes verdes” (Tolkien, 2001, p. 25, grifo meu).

T2: “As flores brilhavam em vermelho e dourado: bocas-de-leão, girassóis e **capuchinhas** se espalhando pelos muros de relva” (Tolkien, 2019, p. 69, grifo meu).

Aqui vemos que as traduções têm sentidos diferentes. A T1 pode ser entendida como: as flores vermelhas e douradas, e somente essas, brilham; enquanto a T2 pode ser entendida como: as flores, independentemente de sua cor, brilham nas cores vermelhas e douradas.

Nesse sentido, a T2 é mais fiel ao sentido original, pois o original fala em como as flores brilham em tons avermelhados e dourados. A cena é descrita após o narrador explicar que já era quase noite e o sol estava se pondo.

Gostaria, agora, de comentar sobre a escolha das palavras destacadas em negrito. A palavra *nasturtians* também foi erroneamente corrigida pelos primeiros revisores de *O Senhor dos Anéis* para *nasturtium*. Como podemos ver na citação a seguir:

Na produção desse primeiro volume, Tolkien experimentou o que para ele se tornou um problema contínuo: erros de impressão e enganos de composição, incluindo bem-intencionadas “correções” de seus usos às vezes idiossincráticos. Essas “correções” incluem a alteração de *dwarves* para *dwarfs*, *elvish* para *elfish*, *further* para *farther*, *nasturtians* para *nasturtiums*, *try and say* para *try to say* e (“pior de tudo” para Tolkien) *eleven* para *elfin*” (Anderson *apud* Tolkien, 2019, p. 15, grifos do autor).

No entanto, diferentemente do caso do *dwarves*, passando a ser Anões na T2, a palavra em questão é traduzida para *nastúrcio*, não fazendo nenhuma alusão à palavra original nem tampouco *estrangeirizando-a*, pelo contrário, usa de uma opção mais corriqueira, não se atentando ao caráter mais científico que o original carrega.

Logo, aparentemente, a T1 estaria *estrangeirizando*, pois a palavra escolhida está mais próxima ao original, ou ao menos tem a mesma raiz. Também sabemos que essa estratégia não passa por apenas usar palavras mais desconhecidas. E esse nem é o caso, segundo pude apurar, existem três formas de esse referir a essa planta em inglês: *nasturtium*, *indian cress* e *monk’s cress*. Após buscar essas opções no Sketch Engine, descobri que o termo mais comum é o mesmo usado pelo autor (com a grafia corrigida, pois não há resultados se buscar tal qual no original). Assim, qualquer que fosse o termo escolhido para a tradução estaria adequado, uma vez que o objetivo inicial não era falar de uma espécie rara ou usar um termo arcaico, ou rebuscado para uma espécie bem conhecida¹⁰¹.

Adianto ao leitor que haverá uma seção em que será abordada a escolha de palavras arcaicas para dar nome a lugares ou para traduzir substantivos comuns, porém, trouxe o exemplo acima pois foi um caso que encontrei entre os três mil itens lexicais iniciais e para que fique de exemplo aquilo que não trarei mais: casos em que as palavras são sinônimas e

¹⁰¹ Caso o leitor tenha interesse, de acordo com o artigo *Tropaeolum majus*, do Wikipedia, “a espécie é conhecida por diversos nomes comuns, entre os quais cinco-chagas, capuchinha, bico-de-papagaio, capuchinho, mastruço-do-peru, flor-de-chagas, nastúrcio, agrião-do-méxico, chaguinha, agrião-da-índia e mastruço” (2024, n.p.).

não há motivações estrangeirizantes. Contudo, gostaria de mostrar, ainda neste mesmo recorte, outros dois casos de sinônimos em uma mesma frase, vejamos:

TO: “A *draught* of cooks, from every inn and *eating-house* for miles around, arrived” (Tolkien, 2014, p. 26, grifos meus).

T1: “Um **batalhão** de cozinheiros, de todas as hospedarias e **restaurantes** num raio de milhas, chegou” (Tolkien, 2001, p. 26 e 27, grifos meus).

T2: “Um **enxame** de cozinheiros, de todas as tavernas e **tascas** a milhas de distância, chegou” (Tolkien, 2019, p. 70, grifos meus).

A primeira palavra, *draught*¹⁰², é usada para indicar que um grupo de cozinheiros chegou ao Condado para a festa de Bilbo, porém, há nessa palavra um algo a mais que gostaria de apontar. Para começar, é bom deixar claro que essa palavra é extremamente polissêmica, mas, no contexto dado, pode ser entendida como um sinônimo de recrutamento/convocação. Esse uso ainda é bastante comum no inglês moderno em determinadas situações, como no recrutamento militar (*the draft*) e em esportes, mas, da forma como foi empregada por Tolkien, pelo que pude apurar (a partir de sites de *corpus online*), essa expressão parece não ter vencido o teste do tempo.

Outro possível significado de *draught* é “o ato de puxar ou recolher uma rede (Draft, 2024, n.p, tradução minha)¹⁰³”. Esse significado ficou conhecido pelo seu uso na *Bíblia*, com o milagre conhecido, em inglês, por *the miraculous draught of fishes*¹⁰⁴. Se esse uso for considerado, então Tolkien usou o termo em um sentido figurado, em que os cozinheiros teriam sido puxados como peixes em uma rede.

Assim, apesar de nenhuma das duas traduções usarem o sentido de necessidade e obrigação, foi mantida a ideia de que muitos cozinheiros se deslocaram ao local. Para considerar esse aspecto da palavra, a tradução teria possivelmente de rearranjar a frase, ficando, por exemplo: ‘os cozinheiros *convocados* [...] chegaram’, ou, em uma tradução mais *domesticadora*, ‘um batalhão de cozinheiros chegou para ajudar com os preparativos [...]’.

¹⁰² Caso o leitor esteja mais acostumado com a grafia estado-unidense, saiba que *draught* é a variante britânica para *draft*.

¹⁰³ No original: the act of drawing or pulling in a net (Draft, 2024, n.p.).

¹⁰⁴ Para contextualizar o leitor: neste milagre Jesus pede aos apóstolos que, após uma longa tentativa fracassada de pesca, que voltem a lançar a rede ao mar; dessa vez eles são recompensados.

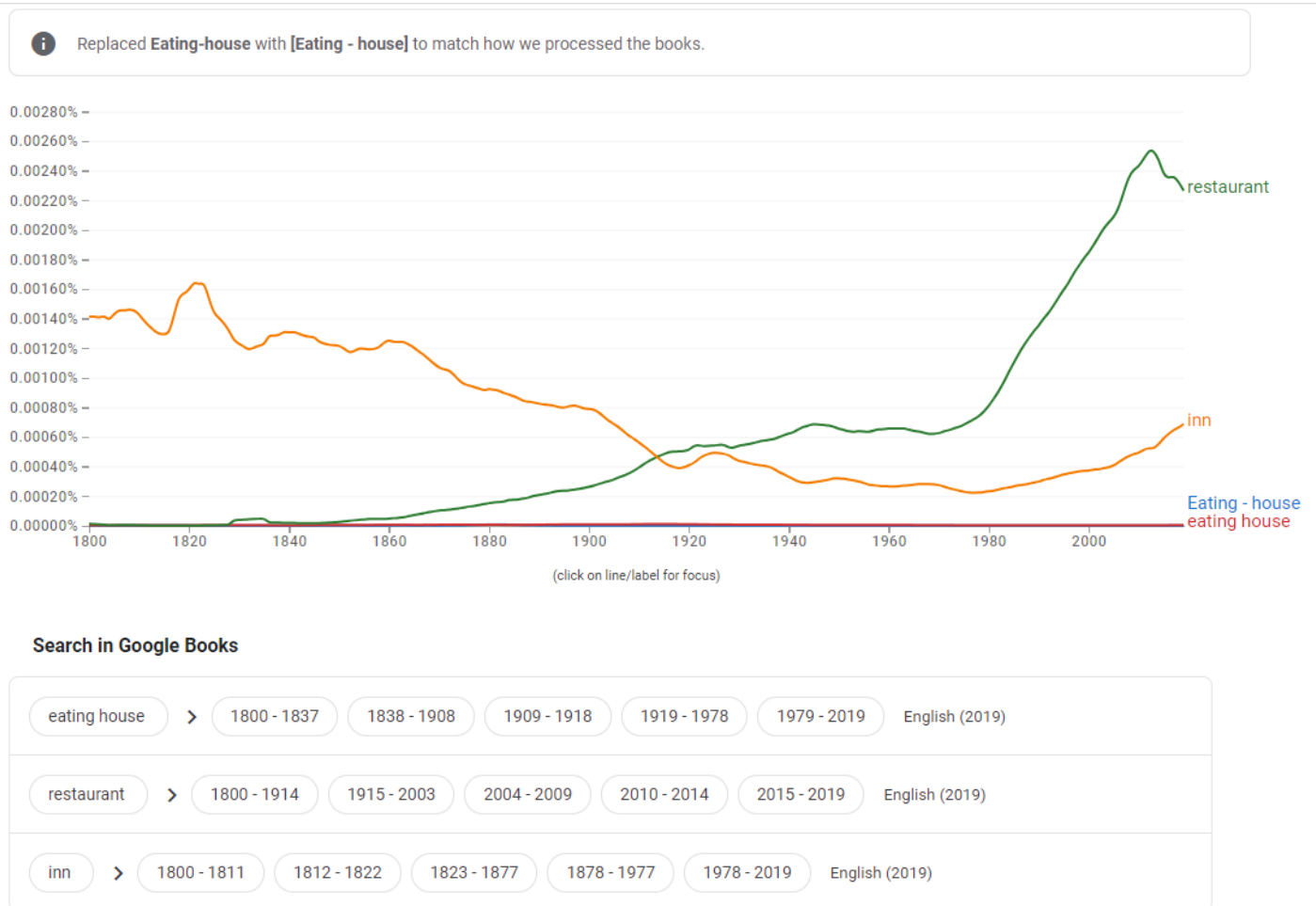
O segundo sinônimo, no TO, aparece como *eating-house*, termo que designa “um lugar onde são servidos alimentos preparados; geralmente são mais baratos ou inferiores a restaurantes” (Eating-house, 2024, n.p, tradução minha)¹⁰⁵. Segundo o mesmo dicionário que usei para definir o termo, a palavra é oriunda do *Middle English etinge house*.

Observando as duas escolhas tradutórias, *restaurantes* e *tascas*, parece que a T2 buscou um equivalente mais fiel. Enquanto a T1 usa a palavra que estamos mais acostumados, a retradução prefere uma opção que pode ser mais arcaica. Digo ‘pode ser’ porque, segundo a definição do Dicionário Online de Português, *tasca* significa “casa onde se comercializa bebidas a varejo; taberna, tasco, baiuca, botequim” (Tasca, 2024, n.p.); porém, em Portugal, a mesma palavra significa “restaurante rústico que vende cafés, comidas à mesa, lanches” (Ibidem).

Além disso, ainda que a palavra possa ser entendida como um sinônimo mais arcaico de restaurante, destaco a frequência de uso dessas palavras a partir do gráfico abaixo (utilizei o Google Books Ngram Viewer¹⁰⁶, que, ao buscar termos específicos, apresenta, a partir de um *corpus* de livros do Google, quantas vezes essas palavras ocorreram ao longo dos anos selecionados):

¹⁰⁵ No original: a place Where cooked food is served; often: a cheap or inferior restaurant (Eating-house, 2024, n.p.).

¹⁰⁶ Pode ser acessado por meio deste *link*: books.google.com/ngrams/.

FIGURA 4 – Ngram de *restaurant*, *inn* e *eating-house*

Fonte: Google Books Ngram Viewer (2024)

O gráfico acima não deixa claro que o termo era mais usado antigamente, porém, é nitidamente muito menos utilizado do que os outros termos considerados sinônimos diretos. Infelizmente, até o presente momento, o Google Books Ngram Viewer não conta com um *corpus* em português, assim, uma comparação se torna mais difícil.

Vejamos, agora, alguns casos de inversões, que, como bem destacaram Kullmann e Sipmann (2021), são parte de um todo que forma a idiossincrasia de Tolkien. Assim, espera-se que uma tradução *estrangeirizadora* mantenha as inversões (quando possível) para que o leitor seja levado ao autor:

TO: “*Baggins is his name*” (Tolkien, 2014, p. 22).

T1: “O seu nome é Bolseiro” (Tolkien, 2001, p. 22).

T2: “Bolseiro ele se chama” (Tolkien, 2014, p. 65).

Aqui temos um caso em que cada uma das traduções foi classificada de forma diferente: a T1 sendo uma *transposição* e a T2 uma *tradução literal*. Nesse momento fiquei com a impressão de que, a partir do recorte analisado e de leituras passadas, as inversões são priorizadas em falas de personagens, não nas falas do narrador, o que faria sentido, a partir do que aponta Venuti (2018). Isso, contudo, não aparece no exemplo seguinte, em que a T2 não segue a mesma ordem do TO:

TO: “*If half the tales be true*” (Tolkien, 2014, p. 22).

T1: “Se metade das histórias for verdade” (Tolkien, 2001, p. 22).

T2: “Se for verdade metade das histórias” (Tolkien, 2019, p. 65).

Também há espaço para discutirmos sobre aquela ideia de traduzir palavra por palavra, ou manter o mesmo número de palavras. Claro, reforço que, naquele contexto, Lopes (2019) está falando com um possível público-consumidor e, também, menos técnico, por isso acredito se tratar de uma hipérbole. Ainda assim, separei dois casos para refletirmos:

TO: “‘*Run away now!*’ said Gandalf” (Tolkien, 2014, p. 25).

T1: “— Saiam agora! — disse Gandalf” (Tolkien, 2001, p. 25).

T2: “Agora vão correndo!”, disse Gandalf” (Tolkien, 2019, p. 69).

A expressão *to run away* significa exatamente o que traz a T1. A T2 busca uma literalidade traduzindo o verbo *run* para correr, mas, para além disso, pode estar buscando manter o mesmo número de palavras, enquanto a T1 optou por traduzir o *phrasal verb* para uma única palavra: *saiam*. Curiosamente, isso não acontece no exemplo a seguir:

TO: “‘*We shall see,*’ said Bilbo” (Tolkien, 2014, p. 25).

T1: “— Veremos — disse Bilbo” (Tolkien, 2001, p. 26).

T2: “Veremos”, respondeu Bilbo” (Tolkien, 2019, p. 69).

No caso acima, manter o mesmo número de palavras do TO não parece difícil. Em “*we shall see*”, o tradutor poderia ter usado *nós vamos ver*. A opção por não fazer essa

escolha pode ser um indicativo que aquela frase de Lopes (2019) tanto comentada não passa, realmente, de uma simplificação e de um exagero em uma tentativa de explicar outros pontos que realmente apareceram e devem aparecer mais vezes, a saber, a preocupação para com a forma com que diferentes raças se comunicam.

O próximo caso trata apenas de uma escolha tradutória: o uso de pronomes e a escolha da palavra *jogar*:

TO: “*And I heard she pushed him in, and he pulled her in after him*” (Tolkien, 2014, p. 23, grifo do autor).

T1: “E *eu* ouvi que ela o empurrou, e ele a puxou para dentro da água depois que ele tinha caído” (Tolkien, 2001, p. 23, grifo do autor).

T2: “E *eu* ouvi dizer que ela jogou ele na água, e ele a puxou depois” (Tolkien, 2019, p. 66, grifo do autor).

Para começar, destaco que os segmentos são *traduções literais*, porém usam de *acréscimos* ao destacar que ele a puxou “para dentro da água” ou “na água”. De qualquer forma, a expressão traduzida é *to push someone in*, significando que alguém foi empurrado. A escolha da palavra *jogar* (na T2) faz sentido e é, sem dúvidas, uma opção válida de tradução, porém, ao escolhê-la, seria esperado que o tradutor a mantivesse na frase seguinte:

TO: “*There isn't no call to go talking of pushing and pulling*” (Tolkien, 2014, p. 23).

T1: “Não tem sentido ficar falando sobre empurrar e puxar” (Tolkien, 2001, p. 23).

T2: “Não é necessário ficar falando de empurrar e puxar” (Tolkien, 2019, p. 66).

Finalmente, gostaria de comentar sobre as notas de rodapé, geralmente notas do tradutor, que aparecem na T2. O primeiro caso que chama a atenção é a palavra *quartilho*, como podemos ver a seguir:

TO: “*There's some not far away that wouldn't offer a pint of beer to a friend*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “Tem gente não muito longe daqui que não oferecia uma caneca de cerveja a um amigo” (Tolkien, 2001, p. 24).

T2: “Tem gente não muito longe daqui que não serviria um quartilho de cerveja a um amigo” (Tolkien, 2019, p. 68).

Em *quartilho*, há uma nota que diz: “Medida líquida equivalente a 568 milímetros” (Tolkien, 2019, p. 68). Essa informação, bem como outras que aparecem ao longo de toda obra traduzida em forma de notas de rodapé são, a meu ver, parte da tradução, não complemento. Também é válido ressaltar que a opção por manter a unidade de medida exata é um caso de *estrangeirização* que há na T2, haja vista a fala de Venuti (2018) de que se deve “resistir contra o etnocentrismo e o racismo¹⁰⁷” (Venuti, 2018, p. 16, tradução minha). Assim, embora haja uma nítida preferência no relato do autor, a *domesticação* da T1 pode ser um indício de violência etnocêntrica que sofre a tradução.

Os subcapítulos que seguem conversam mais diretamente com os trechos que evidenciam a *domesticação* ou *estrangeirização*, ou a predominância de determinada estratégia, nas traduções de *A Sociedade do Anel*. Embora as MMT tenham dado um norte e apontado para um resultado, estamos falando de um processo quase que artístico de tradução, assim, teremos mais discussões pautadas nas escolhas lexicais, em um nível mais criterioso do que foi pincelado nesta seção (pois aqui o critério foi estar dentre os primeiros três mil itens lexicais), sobre as questões culturais e como cada raça age e se expressa (linguisticamente) de formas diferentes.

4.3 ESCOLHAS LEXICAIS

O ofício de tradutor obriga que o profissional tome decisões o tempo todo. Entre escolher uma palavra em detrimento de outra, a concepção daquilo que está sendo dito pode ser completamente diferente. Diante disso, neste subcapítulo veremos como as escolhas tradutórias têm a capacidade de - inevitavelmente - transformar, ou adaptar, o texto original e como a definição de sinônimo (de que palavras têm significados idênticos) é falaciosa.

Ainda neste subcapítulo, será investigado o *Guide to the Names in The Lord of the Rings*, livro anteriormente comentado; serão retomadas as descobertas de Kullmann e Sipmann (2021); dentre outros pontos que pude perceber ao reler as obras.

¹⁰⁷ No original: [foreignizing translation in English] can be a form of resistance against ethnocentrism and racism (Venuti, 2018, p. 16).

4.3.1 O Guia de nomenclaturas de Tolkien

No capítulo dois, ao revisitarmos a história da Tradução, vimos que a *Bíblia* pode ser considerada um dos primeiros textos traduzidos. No entanto, ainda que os primeiros tradutores quisessem encontrar equivalentes para todas as palavras, algumas foram mantidas, como *amém* ou *aleluia* (as mudanças sendo apenas gráficas).

O mesmo ocorreu com nomes próprios. Krašovec (2012) traz alguns exemplos, mas cito alguns, a começar com o nome hebreu para Deus: *yhwh* (Yahweh, ou Javé). Outros nomes próprios, no entanto, perderam parte do simbolismo ao serem traduzidos: *Mastema*, por exemplo, significa hostilidade ou inimizade em hebraico, o que provavelmente não será entendido pelo leitor do texto traduzido. Isso não vale apenas para *Mastema*, mas para a maioria dos anjos, pois seus nomes são um retrato daquilo que eles são/executam (nesse sentido, *Mastema* seria o Anjo do Mal/Hostilidade).

Trouxe essa breve contextualização, pois os tradutores de Tolkien encontraram um problema parecido: os nomes próprios e de lugares, que sempre foram importantes, mas poderiam passar despercebidos. Gostaria, antes de comentar sobre o Guia em si, de apresentar ao leitor um trecho de uma entrevista que Tolkien concedeu a Daphne Castell, em 1966:

Nada me deu mais prazer do que o louvor daqueles que gostam dos meus livros por causa dos meus nomes [...] existe [...] a feiura de palavras e nomes como forma secundária de arte, na qual quase ninguém pensa, e que menos ainda praticam. Poucas pessoas têm, por talento ou educação, a experiência para tanto. Têm pouco senso da textura sonora e da estrutura de sua língua nativa [...] não teriam idéia de como iniciar a feiura de um grupo de nomes, ou supostas palavras estrangeiras que pertencem (e têm a sensação e o aspecto de pertencerem) a uma língua real com seu próprio caráter definido (Tolkien *apud* Kyrmse, 2003, p. 150).

A dedicação e a importância atribuídas à criação de línguas fictícias e de nomes ficam explícitas na citação acima. Estudar essa “feiura de palavras” é evidenciar que, diferente do que muitos achavam ou ainda acham, essa forma de arte está sendo valorizada.

A Tolkien Compass é um compêndio de textos sobre a literatura tolkieniana editado por Jared Lobdell. O último capítulo desse livro, entretanto, não foi escrito por nenhum estudioso do autor, senão ele próprio. Trata-se de um texto “para auxiliar os tradutores de outras línguas. Estas notas foram feitas quando apenas as traduções sueca e holandesa haviam

sido publicadas. Elas foram revisadas para publicação por Christopher Tolkien” (Lobdell, p. 153, 1975, tradução minha)¹⁰⁸.

Neste momento, apresentarei as principais recomendações do autor. Após, veremos como cada tradutor de Tolkien no Brasil seguiu as recomendações, pois sabemos, pelas falas deles, que ambos acataram as instruções. Antes, porém, gostaria de deixar claro que as palavras desse Guia não são para traduzir as línguas criadas, mas para traduzir a *common speech* (fala comum) ou *westron*, que representam uma espécie de língua franca da Terra-média, no original sendo o inglês.

A primeira recomendação autoriza que todos os nomes próprios escritos em inglês sejam traduzidos, os demais, especialmente aqueles escritos em *sindarin*, devem ser mantidos como estão. No entanto, por estar contando uma suposta história antiga, “em alguns casos, o autor, traduz nomes élficos [...] para uma fala comum” (Tolkien *apud* Lobdell, p. 156, 1975, tradução minha)¹⁰⁹. A ideia de Tolkien é presar por “um estilo familiar de inglês, mesmo que não ocorra na Inglaterra” (*ibidem*, tradução minha)¹¹⁰.

Isto é, para esses nomes, os tradutores de outras línguas deveriam, segundo recomendação do próprio escritor, traduzir aqueles nomes élficos que aparecem (pseudo)traduzidos no original de forma com que pareçam autênticos nomes na língua-alvo. Permitirei trazer um exemplo para que isso fique bastante claro ao leitor, ainda que não se trata de uma pseudotradução, mas o conceito segue sendo o mesmo. Lembro, no entanto, que o próprio autor traz um exemplo em seu texto, ao apresentar Rivendell – porém, já comentei esse caso momentos atrás (cf. capítulo 3.1.1 desta dissertação).

Nas primeiras páginas de *A Sociedade do Anel* o narrador apresenta as várias famílias que povoam o Condado; atento para um nome traduzido em específico: *Justa-correias*. *Bracegirdles* é o termo usado em inglês. Não é o caso de uma pseudotradução porque, em primeiro lugar, não é um nome de origem élfica, mas também porque é um sobrenome que realmente existe, tendo origem inglesa. Ainda assim, prezando por um tom autêntico e seguindo as recomendações do autor, as traduções escolheram usar um sobrenome também

¹⁰⁸ No original: [...] to assist translators of the book into other languages. They were composed when only the Swedish and Dutch translations had appeared. They have been revised for publication by Christopher Tolkien (Lobdell, p. 153, 1975)”.

¹⁰⁹ No original: In a few cases the author, acting as a translator of Elvish [...] to produce a Common Speech (Tolkien *apud* Lobdell, p. 156, 1975).

¹¹⁰ No original: [...] familiar English style, even if it does not actually occur in England (*ibidem*).

comum no Brasil, Correia, mas mantendo a ideia de algo apertado, no caso usando o adjetivo *justa*.

Importante ressaltar que, durante o processo de pseudotraduzir, Tolkien usou de palavras obsoletas ou de origem escandinava ou germânica, então, segundo o autor, “é desejável que os tradutores conheçam a terminologia de sobrenomes e locais nas línguas para as quais vão traduzir, e das palavras que nelas ocorrem e que são obsoletas, ou preservadas regionalmente, em suas formas atuais (Tolkien *apud* Lobdell, p. 156, 1975, tradução minha)¹¹¹”.

O caso de Rivendell (Valfenda, em português), comentado alguns parágrafos atrás, é um dentre vários que segue uma regra: os nomes em westron são (pseudo)traduções de nomes mais antigos “como *Valfenda*, *Fontegris*, *Veio-de-Prata*, *Praia-corrompida*, *O Inimigo*, *a Torre Sombria*” (Tolkien, 2019c, p. 1616).

Não vou comentar sobre *Valfenda* de novo para não tornar o texto muito repetitivo, mas vejamos rapidamente um dos casos que aparece na citação: *Fontegris: Hoarwell*, em inglês, é o nome de um rio da Terra-média. Do mesmo modo que aconteceu com *Valfenda*, precisamos separar essa palavra em duas para entender o seu significado. *Hoar*, em *Old English*, é um adjetivo que significa cinza, ou esbranquiçado, enquanto *well* se refere à nascente de um rio. Conhecendo o contexto do original, fica fácil entender o pensamento dos tradutores, a única mudança estando na inversão que é feita. O Inimigo é uma tradução literal de *The Enemy*, e Torre Sombria é uma tradução literal de *Dark Tower*, não havendo muito o que comentar a respeito (*Veio-de-Prata* e *Praia-corrompida* não são citadas em *A Sociedade do Anel*, por isso não comentarei sobre elas).

Em seguida, Tolkien passa nome a nome, local a local, como cada termo deve ser empregado. Penso em fazer o mesmo aqui, ou pelo menos sempre que essas palavras tiverem ocorrência em *The Fellowship of the Ring*. Porém, desta vez não será possível analisar as escolhas tradutórias a partir das MMT de Aubert (1998), pois aquelas MMT anteriormente apontadas como *estrangeirizadoras* ou *domesticadoras* deixam de fazer sentido. Explico: ao analisar um texto mais longo podemos ter uma ideia de qual tradução é mais *direta* ou *indireta* (para usar a mesma terminologia do autor), porém, como estamos estudando, agora,

¹¹¹ No original: It is desirable that translators should have some knowledge of the nomenclature of persons and places in the languages used in translation, and of words that occur in them that are obsolete in the current forms of those languages, or only preserved locally (Tolkien *apud* Lobdell, p. 156, 1975).

palavras de forma isolada, é importante que consideremos o princípio inicial das estratégias - qual seja, de levar o leitor ao autor ou vice-versa, para Schleiermacher (2010), e de respeitar as culturas de cada povo, para Venuti (2018). Assim, uma *adaptação* não é necessariamente uma *domesticação*, uma vez que, para além de ser um pedido direto do autor, o que deve ser considerado é o emprego de arcaísmos ou vestígios de línguas antigas, como o latim, uma vez que, no original, é fácil de encontrar partículas (como prefixos e sufixos) do anglo-saxão.

Em ordem alfabética, as indicações começam com Appledore, que, na obra, é usada como um sobrenome, mas que, na realidade, é uma forma antiga de dizer *apple-tree* (macieira). Tolkien sugere que as traduções também escolham

uma palavra dialetal ou arcaica de mesmo significado. Em línguas germânicas pode-se usar uma palavra de mesma origem: por exemplo: *aphalter*, em alemão (alto-alemão médio); *apuldur*, em islandês; e *apald*, em norueguês e sueco antigo (Tolkien *apud* Lobdell, p. 160, 1975, tradução minha, grifos do autor)¹¹².

Tanto a T1 quanto a T2 traduziram o sobrenome para Macieira. O uso de uma forma mais moderna da palavra pode ter se dado a partir da falta de um equivalente arcaico – embora haja alternativas, como escrever a mesma palavra com a grafia ligeiramente diferente, *maçã*¹¹³, ou *pêro*, que, por mais que seja usado para definir uma variedade de maçã, a saber, a “maçã oblonga como uma *pêra*” (Nascentes, 2003, p. 574, grifo do autor), há relatos em que essa distinção não é feita¹¹⁴, e, por ser comumente usada em textos antigos, principalmente novecentistas, a sugestão parece válida. Apesar disso, ambas as traduções *adaptam* o original.

Baggins, sobrenome da família de Bilbo, é provavelmente um dos nomes mais reconhecíveis da história. *Bag* (saco) é a parte mais importante dessa palavra, pois vai remeter a *Bag End*, nome da casa de Bilbo que fica em um *pudding-bag* (beco sem saída). Para Tolkien, o elemento *bag* deveria aparecer em uma tradução ideal, e isso acontece em ambas as traduções, que traduzem Baggins para Bolseiro e Bag End para Bolsão.

Diferentemente da primeira tradução de *The Fellowship of the Ring* (traduzido para *A Irmandade do Anel*), que não traduz Baggins, mas passa a chamar Bag End de Fundo do Saco, nas mais recentes traduções podemos ver o mesmo radical, *bols* em ambas palavras,

¹¹² No original: [...] by a dialectal or archaic word of the same meaning. In Germanic languages this may be a word of the same origin: for example, German (Middle High German) *aphalter*; Icelandic *apuldur*; Norwegian, Old Swedish *apald* (Tolkien *apud* Lobdell, p. 160, 1975).

¹¹³ O verbete com essa grafia pode ser encontrado na página 86 do *Diccionario da Lingua Brasileira* (1832), disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>.

¹¹⁴ Um caso está em *Cozinheiro Imperial*, de 1887 (disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3828>), em que, na página 12, na seção de sopas, fala-se sobre o preparo da “sôpa de pêros camôezes”.

podendo ser associado a bolsa. Contudo, não é possível que o leitor pressuponha o jogo de palavras do original, que remete a beco sem saída, como o autor gostaria que acontecesse. De qualquer forma, ambos termos são *adaptações* segundo o que propõe a descrição das MMT.

Na verdade, Bilbo é uma exceção, porque tanto nomes quanto sobrenomes de Hobbits são, na maior parte, “apelidos jocosos, de topônimos ou – especialmente em Bri – de nomes de plantas e árvores” (Tolkien, 2019c, p. 1617). Assim, a tradução acaba sendo um pouco mais fácil, uma vez que não é muito difícil encontrar uma palavra equivalente. Claro que também há casos em que os nomes não têm um significado, são apenas nomes próprios. Tolkien comenta isso na seguinte passagem:

Às meninas, os Hobbits costumavam dar nomes de flores ou joias. Aos meninos, usualmente davam nomes que não tinham nenhum significado na língua cotidiana; e alguns de seus nomes femininos eram semelhantes. São desse tipo Bilbo, Bungo, Polo, Lotho, Tanta, Nina e assim por diante” (Tolkien, 2019c, p. 1617).

Assim, o trabalho do tradutor (principalmente *estrangeirizador*) resume-se a aporuguesar casos em que a grafia pede - em nomes terminados em -ee para -i, por exemplo-, ou manter os nomes tal qual aparecem no TO. Um exemplo disso é o nome Noakes, em que o autor sugere que o tradutor “adapte para a língua de tradução ou substitua para um nome mais adequado e de estilo semelhante” (Tolkien *apud* Lobdell, p. 170, 1975, tradução minha)¹¹⁵. No caso, ambas traduções adaptaram para Noques, aporuguesando a grafia, mas mantendo a pronúncia, de certa forma.

Ao invés de comentar palavra por palavra, acredito que seja mais eficiente analisarmos uma tabela em que a definição de Tolkien é discriminada e, ao lado, as traduções. Importante: as palavras selecionadas estão em ordem alfabética conforme o Guia, porém, somente estão inclusas aquelas que aparecem em *A Sociedade do Anel* (o Guia foi feito pensando na trilogia); também não aparecem aquelas palavras anteriormente comentadas, nem as palavras que o autor sugere uma tradução literal (para casos em que possa haver dúvidas se o nome deve ou não ser traduzido).

¹¹⁵ No original: Adapt this to the language of translation or substitute some suitable name in it of similar style (Tolkien *apud* Lobdell, p. 170, 1975).

FIGURA 5 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 1)

ORIGINAL	RECOMENDAÇÃO	TRADUÇÕES
Brandybuck	Um raro nome Inglês. Contém a palavra 'buck' (animal): podendo se referir a um 'cervo macho' (Old English)	Brandebuque
Buckland	Também contém o mesmo nome animal, embora Buckland, em inglês, seja associada a 'book-land', terra de registros	Terra dos Buques (T1) Terra-dos-Buques (T2)
Butterbur	Se a tradução mantiver um nome equivalente a 'manteiga' (butter), melhor. Caso contrário, use outro nome de planta contendo 'manteiga' (como Butterblume, em alemão, ou Boterbloeme, em holandês)	Carrapicho
Chubb	Um sobrenome real inglês. Remete ao adjetivo 'chubby', redondo e gordo	Roliços
Fairbairns	Sobrenome inglês. Uma variante do norte Fairchild. No inglês moderno, 'fair' também significa loiro, mas, embora essa associação tenha sido feita para estar nas mentes dos leitores ingleses, ela não precisa aparecer nas traduções	Lindofilhos

Fonte: O autor deste texto (2024)

Nos casos acima, *buck* foi o único que não foi traduzido conforme a orientação, ainda que o autor tenha comentado que o nome pode ou não se referir ao animal (abro este parêntese para comparar as traduções analisadas com uma tradução em espanhol, que traduz Brandybuck para Brandigamo, em que *gamo* significa cervo).

Os demais casos devem ser traduzidos de forma mais literal, mas o autor fez questão de explicar possíveis confusões. Na última, por exemplo, é informado que *bairn*, na verdade, é um termo do norte da Inglaterra, e da Escócia que significa *child*, criança. Na penúltima, é

explicado que o nome é uma simplificação do adjetivo *chubby*, gordinho. Na antepenúltima fala-se sobre Butterbur, um sobrenome que remete à planta de mesmo nome. O nome dessa planta, em português, é *petasites*, mas a intenção do autor era usar alguma espécie que remetesse à manteiga, pois as folhas dessa planta, em um uso tradicional, eram usadas para envolver manteigas para manter a temperatura constante. O autor sugere possíveis traduções para esse sobrenome em alemão e holandês, mas, de fato, é difícil pensar em alguma tradução para o português. Assim, Carrapicho leva em consideração apenas a primeira parte do desafio, de pensar em uma planta, mas falha no segundo. Seguimos, agora, com mais nomes:

FIGURA 6 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 2)

ORIGINAL	RECOMENDAÇÃO	TRADUÇÕES
Fallohide	Deve, se possível, ser traduzido. Fallow + hide (cognatos do alemão <i>falb</i> e <i>Haut</i>), significando 'pele pálida'. É um termo arcaico porque <i>fallow</i> não está mais em uso	Cascalva
Goatleaf	Sobrenome de tipo botânico. É uma forma antiga de dizer <i>lonicera</i> (<i>honeysuckle</i>) ou <i>trepadeira</i> (<i>woodbine</i>)	Barba-de-Bode
Grubb	Sobrenome de hobbit. Deve, se possível, traduzir o sentido preservando o som. O nome deve lembrar o verbo inglês 'grub', cavar, enraizar no solo.	Fossadores
Halfling	Apelido para os hobbits. Não é realmente uma palavra em inglês. O sentido é 'meio-homem'. Traduzir de forma inventiva usando um equivalente da palavra 'half' na língua de tradução	Pequeno
Hayward	Funcionário que inspeciona cercas e evita que o gado se perca. A palavra é obsoleta e deriva de <i>hay</i> 'fence' (cerca, não grama) + 'guard'	Pastores (T1) Guarda-cercas (T2)

Fonte: O autor deste texto (2024)

A continuação mostra o nome Fallohide, uma combinação das palavras alemãs *falb* (palavra arcaica para pálido), e *haut* (pele). O nome Cascalva, segue as recomendações, pois a pele, do original, passa a ser casca e a palavra arcaica que encontraram para representar a qualidade pálida das pessoas dessa família foi *alva*. Não que *alvo* seja uma palavra arcaica, mas é menos popular do que pálido ou outros possíveis sinônimos¹¹⁶.

Barba-de-bode é o nome de uma espécie de erva e funciona como uma tradução literal do inglês, apesar de o nome original fazer alusão a outra planta. Fossadores, apesar de não manter o som do original, respeita a recomendação por conseguir extrair o sentido objetivado. Pequenos, entretanto, é uma adaptação que, apesar de preservar o significado original, não segue estritamente os conselhos do autor. Para ele, a tradução deveria contemplar a palavra *half* (meio(a), metade).

Até agora, a maioria dos nomes da T1 foram reaproveitados na T2, mas *Hayward* é uma exceção. O termo designa uma profissão antiga, mas comum no Reino Unido durante a Idade Média. Também chamado de *hedge warden*, o profissional ficava encarregado da manutenção de cercas, mas também pastoreava gados e outros animais que pastavam em áreas públicas, para proteger as plantações.

Antes de seguir com o restante dos nomes da lista devo comentar que nomes do tipo botânico, como *Carrapicho* e *Barba-de-bode* aparecem em bastante quantidade, por isso, me permitirei pular esses, uma vez que a recomendação é sempre de traduzir de forma literal.

¹¹⁶ A afirmação foi feita após consultar alguns *corpus online* de língua portuguesa.

FIGURA 7 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 3)

ORIGINAL	RECOMENDAÇÃO	TRADUÇÕES
Neekerbreakers	Nome de inseto inventado. A tradução deve inventar uma onomatopeia que lembre o som de um grilo	Crique-craques (T1) Niquebriques (T2)
Orc	É uma tradução para a Fala Comum. Orc parece um bom nome para essas criaturas. Deveria ser mantido	Orc (T1) Orque (T2)
Puddifoots	Traduzir. Significa puddle (poça) + foot (pé)	Poçapés
Sackville-Baggins	Sackville é um nome real. Na obra está ligada aos Baggins por causa do sack (saco). Na tradução de haver elementos que signifiquem (mais ou menos) o equivalente a saco (saco)/ bag (bolsa)	Sacola-bolseiros (T1) Sacola-Bolseiros (T2)
Shadowfax	Do Old English Scaedu-faex: que tem crina (e pelagem) cinza sombreado. Pode ser mantido, embora a forma simplificada seja melhor: Scadufax	Scadufax

Fonte: O autor deste texto (2024)

O primeiro caso é um tanto quando peculiar, o autor pede para que o tradutor crie uma onomatopeia. Os nomes *Crique-craques* e *Niquebriques* são tentativas de capturar o som-essência, não esquecendo de que os nomes devem parecer reais, isto é, deve haver certa sonoridade e coerência com a fonologia portuguesa.

Dessa forma, temos a T1, que usou a onomatopeia mais popular no português brasileiro para se referir ao cantar do grilo (cri, cri). Enquanto temos a T2, que preserva a invenção original, mas aportunuguesando-a.

Sobre os *orcs*, Tolkien, após recomendar que não fosse traduzido (porque em alguns casos o termo era substituído para *goblins*), comentou sobre a grafia. Segundo ele, a sua inspiração parte de *Beowulf*, que tem uma palavra de escrita idêntica, e “deve ser escrito *ork* (assim está na tradução holandesa) em línguas germânicas” (Tolkien *apud* Lobdell, p. 171, 1975, tradução minha)¹¹⁷.

Apesar de escrever em inglês, língua de origem germânica, Tolkien diz ter hesitado em escrever dessa forma, apesar de escrever a forma adjetivada com *k*, *orkish* (nas traduções escreve-se *órquico*). De qualquer forma, apesar de não indicar explicitamente que a grafia, em uma tradução ideal, deveria ser alterada conforme a língua de chegada, ao apontar de forma elogiosa a tradução holandesa, nota-se certa preferência pela mudança, favorecendo a T2.

Puddifoots e *Sackville-Baggins* são casos bastante diretos, exemplos típicos de uma tradução literal, não havendo muitos comentários a serem feitos; porém, gostaria de comentar brevemente sobre *Shadowfax*. Ambas traduções aderem à recomendação de usar uma forma simplificada da palavra original, *Scadufax*. No entanto, o autor comenta, momentos depois, que *fax* pode ser traduzido para *pelo* em línguas germânicas. Claro que não seria o caso do português, mas já vimos casos em que as recomendações não foram totalmente acatadas, poderia ser o caso de termos uma escolha diferente¹¹⁸.

¹¹⁷ No original: It should be spelt *ork* (so the Dutch translation) in a Germanic language (Tolkien *apud* Lobdell, p. 171, 1975).

¹¹⁸ Digo isso, pois a primeira tradução para o português europeu (*A Irmandade do Anel*, traduzido por Fernanda Pinto Rodrigues, em 1981) traduz para Facho de Sombra, mas não vou me estender nisso pois não estamos analisando essa tradução.

FIGURA 8 – O guia para (sobre)nomes de pessoas em *O Senhor dos Anéis* (Parte 4)

ORIGINAL	RECOMENDAÇÃO	TRADUÇÕES
Shelob	É a união de duas palavras: She (ela) e lob (palavra dialetal que significa aranha). A versão holandesa mantém Shelob, mas a sueca traduziu para o fraco Honmonstret	Laracna
Shirriff	Forma obsoleta de xerife, em inglês, shire-officer, usado para fazer conexão com Shire. Não é necessário traduzi-la, no entanto, ela deve se assemelhar com a palavra usada para representar o Shire	Condestáveis
Stoors	Inglês arcaico para stor (grande ou forte). Por ser uma palavra hobbit, não da Fala Comum, não precisa ser traduzida, podendo apenas adequar grafia para ficar de acordo com a fonética da língua de tradução; mas uma palavra arcaica ou dialetal também seria aceitável	Grados
Took	Deve ser mantido e escrito foneticamente de acordo com a língua de tradução.	Túk (T1) Tòk (T2)

Fonte: O autor deste texto (2024)

Shelob, primeiro caso da tabela acima, é o nome próprio de uma importante personagem de *O Senhor dos Anéis*, mas que, ressalto, não aparece em *A Sociedade do Anel*, e sim no livro seguinte, no qual recebe, inclusive, um capítulo inteiro dedicado: “A Toca da Laracna”. Trago aqui, no entanto, porque esse nome aparece na T2 na seção “Nota sobre o texto”, escrito por Douglas A. Anderson, em maio de 2004, e que, desde a data referida, vem aparecendo em quase todas as novas traduções ou reedições do clássico.

Feita essa ressalva, saliento que Tolkien parece preferir a tradução holandesa, em que o nome da aranha não é traduzido, à tradução sueca, em que ele a descreve como *feeble* (fraca). Na verdade, acredito que isso acontece devido à imprecisão na tradução, pois ao invés do ela (*she*) + aranha (*lob*), a tradução traz: ela (*hon*) + o monstro (*monstret*¹¹⁹).

Dessa forma, apesar de não explicitar se sua vontade era a permanência ou a adaptação, fica evidenciado que, antes de mudar o significado, que deixe como está. Não foi isso que aconteceu nas traduções brasileiras, pois o significado original foi mantido, ficando: (E)La + Aracna, abreviação de aracnídeo.

A segunda palavra, Condestáveis, foi uma opção visando manter o radical de *Condado*, já que, no original, a palavra é usada dessa forma¹²⁰. Já a orientação para traduzir o sobrenome Took é parecido com outros casos que vimos: manter a pronúncia, dentro do possível, mesmo que isso implique em mudar a grafia. Curiosamente, cada tradutor escolheu acentuar de uma forma diferente, a primeira com o acento agudo, a segunda com o acento circunflexo.

Faltou falarmos de *Stoors*, nome pensado a partir de *stor*, palavra antiga que significa grande ou forte. A opção da T1, mantida na T2, foi Grados. Aqui é interessante notar o uso da palavra *grado*, pois é comum que falemos que algo foi feito de bom grado ou de mau grado - implicando a vontade/desejo do orador -, ou, para os matemáticos, um grado é uma unidade de medida. Contudo, para além desses significados, a palavra grado(a) também significa algo grande/graúdo, como podemos ver no exemplo a seguir: ‘a construção era grada e imponente’.

Ao usar essa palavra menos corriqueira no português contemporâneo, ainda que seja usada com mais frequência em escritas literárias, as traduções parecem ter encontrado um equivalente ao *stor*, palavra também pouco usada pelos ingleses segundo relatos do próprio autor.

O Guia segue não mais voltado aos nomes ou sobrenomes das personagens de *O Senhor dos Anéis*, mas aos lugares, sejam nomes de cidades, vilas, florestas etc. No entanto, acredito que continuar nessa discussão não seria muito proveitoso, uma vez que ambos os

¹¹⁹ Em sueco, o artigo aparece como sufixo: -et ou -em, diferentemente do português ou inglês, que usam um artigo definido separado. Assim, a palavra *monstret* pode ser entendida como o monstro, ou simplesmente monstro.

¹²⁰ Na tradução de Rodrigues (1981), que mencionei em outra nota de rodapé, o nome Shire foi mantido, e, portanto, também se manteve o *sherriff*, uma vez que traduzir para *xerife* não dialogaria com a escolha anteriormente feita.

autores consultaram as mesmas recomendações para tomar suas escolhas tradutórias e, das poucas mudanças vistas, não há muito o que comentar sobre as estratégias de tradução que estamos estudando.

Finalizo esta seção considerando que ambas as traduções fizeram um trabalho dentro do esperado, pois ambas seguiram as sugestões do autor. Essas sugestões implicam em continuar o trabalho de pseudotradução que o próprio escritor vinha fazendo, visto que há casos em que os nomes são oriundos de línguas antigas, principalmente o *Old English* (mas também línguas criadas, como o élfico).

Sobre a questão *estrangeirizante* ou *domesticadora*, pelo menos nessa seção, fica subjetivo ou inconclusivo. Explico: por terem de seguir ordens (nem sempre) estritas, os tradutores não tiveram tanta margem para adaptar o original, sempre fazendo traduções mais ‘fiéis’¹²¹. Há, porém, dois casos em que acredito haver *estrangeirização* (e um terceiro caso que gostaria de fazer um comentário final):

1. Hayward: Pastores foi a tradução da T1, profissão exercida até os dias de hoje em regiões mais rurais, onde a criação de gado, ovelhas, dentre outros animais, é uma prática comum. Porém, a profissão que Tolkien tinha em mente, como bem relatado em seu Guia, é, digamos, uma subcategoria da profissão, em que o profissional, para além de pastorear os gados, também era encarregado de cuidar de cercas e cercados. Assim, Guarda-cercas parece uma opção mais *estrangeirizadora*, pois, ainda que possa parecer uma profissão (pelo uso de *guarda*), é algo mais distante e estrangeiro¹²².
2. Neekerbreekers: Para este nome, Tolkien pede para que o tradutor invente um nome para um inseto que lembre o som de um grilo. A T1 faz exatamente isso, embora, para Aubert (1998), ela esteja *adaptando* o texto, isto é, *domesticando*. A T2 não acata as sugestões do autor, pois a tradução para Niquebriques em nada lembra o canto dos grilos. Ainda assim, essa tradução pode ser considerada *estrangeirizadora* pelo mesmo motivo da anterior, de parecer algo estrangeiro (novamente, indo contra o que

¹²¹ Lembro que isso nem sempre ocorre, haja vista o caso de Brandybuck, em que o *buck* não é traduzido, embora pudesse; Halfling, em que Tolkien pede para que se use um equivalente ao *half* na língua de tradução (o que não é feito).

¹²² Ao usar *guarda* para indicar ser uma profissão, estamos mostrando ao leitor que a cultura daquele povo é organizada de uma forma (possivelmente) distinta daquela que ele está habituado. Isso está em conformidade com as preocupações de Venuti (2018) sobre a *estrangeirização*, como já foi destaque em outro momento.

acontece no original; o nome do inseto é um apelido divertido que Sam cria, e que os nativos de língua inglesa deveriam perceber).

3. Orc: Assim como no caso anterior, a T2 de novo vai de encontro ao recomendado. Numa tradução ideal, para o autor, esse nome não deveria ser traduzido. É verdade que a T2 não traduz, mas fez uma mudança gráfica para sintonizar com a fonética da palavra, o que, conforme o autor, apenas deveria ser feita nos casos por ele pontuado¹²³. Logo, a T1, que manteve, usa a Modalidade de *empréstimo*, enquanto a T2 a de *decalque*. Assim, apesar das diferenças, ambas traduções têm elementos *estrangeirizantes*, mas apenas uma está de acordo com as recomendações do Guia.

Ainda sobre esse último nome, Lopes (2019b), mesmo autor anteriormente mencionado e tradutor de Tolkien, justifica a escolha:

Quanto a “Orc”, nunca tivemos uma palavra que sequer se aproximasse em sentido ou tom no nosso idioma. A opção mais lógica é abraçá-las com neologismos – desde que a adaptação fonética necessária seja feita. Aliás, no caso de “Orc” a adaptação fica na fronteira entre o fonético e o gráfico. Ou você conhece algum brasileiro que pronunciasse “Orc” de um jeito que não soasse como “Orque” (aliás, “orqui”, né)? (Lopes, 2019b, n.p).

A escolha é muito mais estética e filosófica do que *estrangeirizadora*, e a justificativa de que neologismos sempre sofrem adaptações fonéticas não se sustenta. No mesmo texto em que recortei a citação acima, Lopes (2019b) menciona *futebol* e *upar* como exemplos de neologismos. Ficarei ainda na informática para trazer outros exemplos: hiperlink: verdade que a pronúncia em português brasileiro é bastante diferente do que um falante nativo de inglês pronunciaria, porém, não me recordo de encontrar essa palavra escrita como (h)iperlinque; chip: o fonema *ch* passa a ter som de *s*; e a lista pode se alongar: update, layout, internet. Porém, ainda que interessante, essa discussão não é tão produtiva para responder à questão que propus no início desta dissertação, assim, encerramos este subcapítulo aqui.

4.3.2 Diferentes falas em diferentes raças

Quando Venuti (2018) fala sobre resistir ao etnocentrismo e ao racismo, fala, em última instância, sobre elementos em uma obra literária também. Explico: a resistência ao racismo está relacionada, no contexto original, à maneira como obras de outros países chegam aos Estados Unidos, qual seja, simplificando e desaparecendo com a cultura do outro, seja

¹²³ Um caso parecido aparece nas novas traduções de *O Hobbit*. No original, há casos em que Orc é substituído ou usado como sinônimo de Goblin. Esses nomes foram mantidos nas primeiras traduções, mas a mais recente, também da HarperCollins, adaptou para Orque e Gobelín.

pela simples opção de adaptação ou por um (voluntário ou não) ato de racismo ou etnocentrismo. No caso de *O Senhor dos Anéis*, e podemos ampliar isso a todo o *legendarium*, o leitor do texto original consegue facilmente perceber quando diferentes raças estão em cena não apenas pela descrição fenotípica, mas ao ler diálogos em que eles conversam entre si e entre outros.

Por querer criar um folclore com base na realidade inglesa e sendo um conceituado filólogo, Tolkien replica aquilo que acontece no mundo real. Assim, tribos ou raças que moram em regiões mais afastadas preservam uma língua mais arcaica, isto é, não há tantas mudanças quando comparado às civilizações maiores e mais globalizadas. Sabendo dessas diferenças, este subcapítulo buscará, por meio de excertos extraídos de ambas obras traduzidas, analisar as vezes em que as marcas linguísticas que destoam e criam uma linguagem única para cada povo são respeitadas e não ocultadas.

Vale mencionar que esses excertos mencionados acima são de falas em *westron*, pois há (raros) momentos em que as personagens se comunicam em suas línguas (fictícias) nativas. A busca por esses excertos se dará a partir de uma leitura cautelosa de diálogos entre personagens de mesma raça ou não, nestes casos será mais fácil evidenciar a diferença entre as falas, ou ao menos no original.

Segundo Tolkien, a fala comum, a partir de um determinado momento (mais precisamente na Terceira Era¹²⁴), se tornou a língua nativa da maioria dos povos das Terras Ocidentais da Terra-média, com exceção dos Elfos. Para estes, e para outras raças mais afastadas, como os Rohirrim ou outros Homens Selvagens, que seguiam se comunicando em suas línguas próprias, o *westron* era usado “como segunda língua de intercâmbio” (Tolkien, p. 1605, 2019c).

Ainda acredito ser válido mencionar a pesquisa de Koravos (2003), que explica, a partir dos dados e datas fornecidos nos livros de Tolkien, a impossibilidade de haver uma língua em comum entre os povos. Em um dos exemplos ele afirma que os Hobbits perderam contato com o povo de Gondor por centenas de anos, e isso deveria ser motivo o suficiente para crer que uma comunicação seria bastante problemática e cheia de ruídos.

¹²⁴ A divisão das Eras é mais detalhada em *O Silmarillion*, outra obra do autor (publicada postumamente e concluída por seu filho, Christopher Tolkien). Assim, recomendo ao leitor que deseja se aprofundar nesse tema que leia o primeiro capítulo desse livro, bem como meu texto intitulado *O mito de origem de Tolkien: a criação da Terra-média em “Ainulindalë”*, (cf. Flores 2024).

Apesar disso, existem explicações linguísticas/filológicas e literárias (estas explicadas por Tolkien) que apontam para uma justificativa lógica para a existência dessa Fala Comum. Essa língua franca era usada por todas as “raças ‘boas’ da Terra-média, tais como: Elfos, Anãos, Hobbits e Humanos” (Koravos, p. 39, 2003, tradução minha)¹²⁵. Porém, as raças ‘más’ também se comunicam nessa mesma língua. É o caso dos Orques que, apesar de se comunicarem com Sauron na *black speech*¹²⁶, quando encontram outras raças da Terra-média conseguem se expressar, ainda que não de forma muito eloquente.

Como ou por que os Orques aprenderam a Fala Comum é incerto, isso nunca foi comentado pelo autor (ou, a maioria dos grupos de Orques, pois há uma explicação sobre os Uruk-hai); Koravos (2003) traz a hipótese de que eles podem ter aprendido com os humanos prisioneiros que mantinham escravizados, embora ele próprio considere essa hipótese fraca, uma vez que “não teria motivos para os Orques adotarem a língua-dos-escravos” (Koravos, p. 39, 2003, tradução minha)¹²⁷. Outra hipótese levantada pelo autor é a de que apenas os Orques de maior hierarquia dominavam a língua, uma vez que, como representantes de Sauron, seria esperado que eles pudessem se comunicar com as demais raças.

Seja um furo de roteiro, ou algo planejado que está nas entrelinhas, algo que Koravos (2003) supôs ou outra hipótese, fato é que tanto aquelas raças comentadas mais cedo como os Orques falam a Fala Comum. Assim, as próximas seções darão conta de analisar as diferenças linguísticas apresentadas por cada povo ao falar a língua franca da Terra-média (dando ênfase na fala dos Hobbits e dos Elfos; a justificativa para isso será apresentada em seguida).

4.3.2.1 A fala dos Hobbits

Já foi comentado em outro momento que os Hobbits podem ser considerados um povo interiorano de fala simples (de poucas palavras, não confundir com uma fala errada, este é o caso dos Orques¹²⁸) e coloquial.

¹²⁵ No original: [...] ‘good’ races of Middle-earth. These races, Elves, Dwarves, Hobbits and Humans (Koravos, p. 39, 2003).

¹²⁶ Como não vou entrar em detalhes sobre a *black speech* neste texto, deixo aqui uma nota para o leitor curioso que não conhece a língua. Não diferente das demais, essa também foi criada por Tolkien e, na sua mitologia, ela é criada por Sauron e falada pelos Orques até a sua primeira derrota; após, seguiu sendo falada apenas pelos Nazgûl e, quando se reergueu, ela ganhou forças de novo, sendo a língua oficial de Barad-dûr (Para mais detalhes, cf. Tolkien, 2019c).

¹²⁷ No original: There would be no motivation for the orcs to adopt ‘slave-language’ (Koravos, p. 39, 2003).

¹²⁸ Citando o próprio autor, “os Orques e os Trols falavam como queriam, sem apreço pelas palavras nem pelas coisas; [...] mais ou menos o mesmo tipo de fala pode ser encontrada entre os que têm espírito-órquico: monótona e repetitiva com ódio e desprezo, afastada do bem há demasiado tempo para ter até mesmo o vigor verbal” (Tolkien, 2019c, p. 1616).

A palavra Hobbit foi mantida em ambas as traduções (MMT de *empréstimo*), mas cabe lembrar, já que ainda não fiz isso até o dado momento, que esse é o nome que o povo do Condado usa para se referir a si próprios. “Os Homens os chamavam de *Pequenos*, e os Elfos, de *Periannath*” (Tolkien, 2019c, p. 1610, grifos do autor). Quanto à origem da palavra, o autor deixa certa incerteza no ar, mas afirma que ela pode ser “uma forma degradada da palavra mais plenamente preservada em Rohan: *holbytla*, escavador-de-tocas” (Ibidem, grifo do autor).

No princípio, os Hobbits, ou seus ancestrais, uma vez que essa palavra é usada para se referir ao povo do Condado, era um povo nômade e, por terem convivido entre os Homens durante um momento dessa época, acabaram adotando “depressa a fala comum depois de entrarem em Eriador e, na época em que se estabeleceram em Bri, já haviam começado a esquecer seu idioma anterior¹²⁹” (Tolkien, 2019c, p. 1610).

Por ser um povo errante e por terem feito contato com várias raças, eles acabaram adquirindo palavras de línguas diferentes. Por exemplo, os antepassados dos Hobbits, “os Pés-Peludos tinham muitos contatos com os Anãos, [...] *enquanto* os Cascalvas [...] tinham mais amizades com os Elfos que os demais Hobbits e eram mais habilidosos em línguas e canções que em ofícios manuais” (Tolkien, 2019, p. 40 e 41, grifo meu). Apesar de tudo, eles mantiveram algumas palavras oriundas das suas línguas passadas, como *mathom* e *smial*.

Mathom está ligado a cultura deles: Os Hobbits têm o costume de trocar presente com as visitas, mas esses presentes geralmente são produtos artesanais, lembrancinhas, dentre outras bugigangas que não tem um uso imediato, mas que eles custavam jogar fora¹³⁰. A outra palavra mantida, *smials*, são “túneis extensos e ramificados” (Tolkien, 2019, p. 44). Lembrando que as tocas Hobbits são basicamente túneis no chão. Destaco, finalmente, que ambas palavras foram mantidas nas traduções, usando, assim, a MMT de *empréstimo*.

Voltando ao modo como eles se comunicavam, gostaria de apresentar uma citação sobre o tema: “usavam-na à sua própria maneira, livre e despreocupadamente; porém, os mais eruditos entre eles ainda dominavam um idioma mais formal quando a ocasião exigia” (Tolkien, 2019c, p. 1609 e 1610). Em outro momento é dito que, “na verdade, os Hobbits

¹²⁹ Apesar de adquirir rapidamente a língua dos Homens, eles falavam “à sua própria maneira, e gostavam e desgostavam mais ou menos das mesmas coisas que os Homens” (Tolkien, 2019, p. 39).

¹³⁰ Cf. p. 43 e 44 de *A Sociedade do Anel*.

falavam mormente um dialeto rústico, enquanto que em Gondor e Rohan se usava uma língua mais antiquada, mais formal e mais concisa” (Tolkien, 2019c, p. 1614).

Essas variações linguísticas, se respeitadas forem (e a palavra respeito aqui não implica em nenhum julgamento moral ou de qualidade à tradução, trata-se apenas de um termo usado para designar uma tradução *estrangeirizadora*), devem ser visualizadas nos trechos das traduções a seguir:

TO: “*But I reckon it was a nasty shock*” (Tolkien 2014, p. 23).

T1: “Mas acho que esse foi um golpe duro” (Tolkien, 2001, p. 23).

T2: “Mas calculo que foi um golpe brabo” (Tolkien, 2019, p. 66).

Ambas traduções preservam o sentido original da mensagem: um choque surpreendente, talvez desagradável. *Nasty*, por sua vez, é uma expressão coloquial de língua inglesa e, embora *golpe duro* não seja uma expressão formal (diria neutra), *golpe brabo* parece ser uma opção que evidencia a coloquialidade da conversa (isso não poderia acontecer caso estivéssemos analisando uma conversa entre Elfos, pois, como veremos adiante, as falas deles sempre são mais formais – ou melhor, formais aos nossos ouvidos).

TO: “*Queer things you do hear these days, to be sure*” (Tolkien 2014, p. 43).

T1: “A gente anda escutando coisas estranhas ultimamente” (Tolkien, 2001, p. 45).

T2: “Coisas esquisitas a gente ouve esses dias, com certeza” (Tolkien, 2019, p. 94).

Seja por um uso literário da língua ou por um modo de fala Hobbit, aqui vemos um trecho em que, no original, a construção de frase e vocabulário pode parecer um pouco mais arcaica. Talvez a natureza *domesticadora* da T1 tenha influenciado uma escrita mais coloquial (que, ironicamente, estaria em conformidade com a fala Hobbit), porém, há uma *omissão* de “*to be sure*”.

Muitos são os fatores que levam um tradutor a omitir algo, e isso, segundo Aubert (1998) não deve ser definitivo sobre a literalidade ou não de um texto, porém, diz respeito à qualidade da tradução, que será

sugerida indiretamente, pela maior ou menor incidência das categorias *omissão* e *erro*, sem, no entanto, determinar a maior ou menor relevância da tradução de cada

palavra, frase ou oração omitida ou contendo erros referenciais, e, portanto, sem medir o efetivo alcance de tais problemas sobre a percepção do texto traduzido como um todo (Aubert, 1998, p. 125, grifos do autor).

A omissão na T1 parece não afetar o significado geral da frase. A expressão original é usada para enfatizar a certeza daquilo dito anteriormente, no entanto, a *omissão* não altera o sentido da frase. Porém, se somado esse com outros possíveis casos, então a qualidade da tradução seria inferior, pelo menos na visão do autor.

Para avançarmos, gostaria de apresentar a fala de Sam, a começar com a sua ‘gramática própria’ (o que dialoga com a afirmação de Tolkien, de que os Hobbits falam à sua maneira):

TO: “*There are some, even in these parts, as know the Fair Folk and get news of them*” (Tolkien 2014, p. 44).

T1: “Existem alguns, mesmo por essas partes” (Tolkien, 2001, p. 46).

T2: “Tem alguns, mesmo por aqui, que conhecem o Belo Povo e têm notícias dele” (Tolkien, 2019, p. 96).

Gostaria de comentar um pouco sobre o uso peculiar do pronome relativo *as*; essa construção gramatical não é das mais populares em países de língua inglesa, talvez em áreas mais rurais. Quando Sam diz “*as* (ao invés de *who* ou *that*) *know the Fair Folk*”, percebe-se que ele possui um *background* linguístico diferente, o que cria uma autenticidade e verossimilhança com aquilo planejado pelo autor.

Ao procurar como isso aparece nas traduções, fui surpreendido com a significativa *omissão* da T1. A T2 se mantém mais fiel ao conteúdo e à estrutura da frase original, porém não usa nenhuma alternativa para enfatizar a originalidade da fala de Sam. De qualquer forma, fica evidente que a T2 é muito mais próxima do original, uma vez que a T1 simplifica de tal forma que perde parte do conteúdo original.

Dada a impossibilidade de comparar as traduções (porém acredito ser importante trazer ao trabalho, uma vez que o uso sistemático de *omissões* pode determinar a qualidade de uma tradução) vejamos um caso parecido:

TO: “*It was Mr. Bilbo as taught me my letters*” (Tolkien 2014, p. 181).

T1: “Foi ele que me ensinou a ler” (Tolkien, 2001, p. 197).

T2: “Foi o Sr. Bilbo que me ensinou a ler” (Tolkien, 2019, p. 278).

A forma mais usual seria dizer *it was Mr. Bilbo who taught me my letters*. Isso não se reflete em nenhuma das duas traduções. Seria esperado, em uma tradução que considerasse as variantes, uma escolha que enfatizasse tanto essa peculiaridade linguística quanto a coloquialidade da frase. Ainda ressaltar a *omissão*, ou melhor, a substituição de Sr. Bilbo para *ele*, uma vez que, anteriormente, o nome se repete. Seria o caso de uma *correção*?

Um outro uso da língua que denota coloquialidade é a dupla negação, como podemos ver abaixo:

TO: “*I never heard no good of such folk*” (Tolkien 2014, p. 162).

T1: “Nunca ouvi falar bem de pessoas desse tipo” (Tolkien, 2001, p. 176).

T2: “Nunca ouvi falar bem de gente assim” (Tolkien, 2019, p. 252).

A dupla negação é um recurso gramatical comum no inglês coloquial. No TO, vemos uma dupla negação em *never* e *no*, duas palavras negativas. Nesse caso, é esperado que a tradução elimine uma das negações, uma vez que em português isso não é comum.

No entanto, para manter o tom informal, peculiar na fala de Sam e de outros Hobbits, o tradutor-estrangeirizador que tem essa preocupação poderia: ou manter a dupla negação (afinal, estaria mais próximo do autor), ou adicionar ênfase na negação, ou utilizar uma construção mais informal. A escolha para a T2 parece ter sido a última opção, pois, ao traduzir “*such folk*” para “gente assim” (ao invés de “pessoas desse tipo”), nota-se, intuitivamente, uma informalidade na fala.

Há, ainda nas falas de Sam, outras palavras ou expressões coloquiais - como: “*Lor bless you*” (Tolkien 2014, p. 62), no qual a T1 traduz para “abençoado seja” (Tolkien, 2001, p. 65) e a T2 para “bendito seja” (Tolkien, 2019, p. 119) – bem como o que parece ser neologismos (nunca é tarde para lembrar que a obra é uma pseudotradução) – como “*Busier than badgers*” (Tolkien 2014, p. 307), ambas as traduções traduziram literalmente, mantendo tanto o (possível) significado original quanto a estrutura.

Com o próximo e último caso desta seção, será mais fácil encontrar o contraste entre as falas de personagens de culturas diferentes, pois elas estão se intercomunicando. Lembro que isso não deve acontecer sempre, mas, “os mais eruditos e hábeis dentre os Hobbits tinham algum conhecimento da ‘linguagem livresca’, como a chamavam no Condado” (Tolkien, 2019c, p. 1615), o que possibilita com que eles façam uso do *code-switching*¹³¹ quando se encontram com não-Hobbits.

Dentre os “Hobbits eruditos” o que mais se destaca, justamente por ser o protagonista da trama, é Frodo. No seu primeiro encontro com os Elfos, por exemplo, enquanto Pippin e Sam ficam entusiasmados e sem palavras, Frodo diz “*Elen síla lúmenn’ omentielvo*, uma estrela brilha sobre a hora de nosso encontro” (Tolkien, 2019, p. 141 e 142, grifos do autor). Ao vermos sua fluência em élfico, também supomos a possibilidade de ele poder fazer uso do *code-switching* para alternar não apenas entre línguas, mas entre tons: formal e informal.

Essa suposição se mostra assertiva quando Frodo encontra Faramir, e, além da longa e impressionante apresentação, também se despede deixando uma boa imagem. Vejamos como isso aconteceu:

TO: “*Farewell! [...] We would go with you, if we halfling folk could hope to serve you, such doughty men and strong as you seem, and if my errand permitted it. May the light shine on your swords!*” (Tolkien 2014b, p. 644).

T1: “Irámos com vocês se nós, Pequenos, pudéssemos ter esperança de ajudá-los, homens que parecem ser tão fortes e valorosos, e se minha missão o permitisse. Que a luz brilhe em suas espadas!” (Tolkien, 2001b, p. 272).

T2: “Irámos convosco se nós, Pequenos, tivéssemos esperança de vos servir, homens robustos e fortes como pareceis ser, e se minha missão o permitisse. Que a luz brilhe sobre vossas espadas!” (Tolkien, 2019b, p. 945).

Assim como há uma exceção para toda regra, aqui não poderia ser diferente. Quebro a regra que coloquei, de analisar apenas *A Sociedade do Anel*, para trazer a citação acima, presente em *As Duas Torres*, segundo livro da trilogia. Faço isso apenas para mostrar a versatilidade e a proficiência de Frodo, justamente para comprovar a fala do autor. Ainda que

¹³¹ *Code-switching* vem sendo definido de muitas maneiras, não havendo, dentro da academia, uma única definição do conceito; porém, uma definição bem aceita diz ser “a alteração de duas ou mais línguas dentro de um discurso, ou frase” (Poplack *apud* Flores, 2021, p. 11, tradução minha).

possa haver falas dessa natureza no primeiro livro, este caso se destaca por espantar e causar uma boa primeira impressão em Faramir¹³².

No original, Frodo usa palavras pouco frequentes e que podem ser consideradas arcaicas, como *doughty*, *errand* e *permitted*. Para manter essa formalidade, a T2 usou o mesmo tom adotado nas falas élficas, fazendo uma distinção nos pronomes da segunda pessoa.

A seção seguinte buscará dar conta de analisar esse uso de pronomes, bem como outras formas de arcaizar a língua para respeitar o falar élfico.

4.3.2.2 A fala dos Elfos

Como vimos a pouco, os Elfos foram um dos poucos grupos que não falam o westron de forma nativa. Isso acontece porque eles foram uma das primeiras raças a habitar as Terras Ocidentais, mas também porque vivem isolados.

As línguas nativas dos Elfos são o sindarin, falada especialmente pelos Elfos-do-Leste, que são muito mais representativos do que os Elfos-do-Oeste, que falam o quenya. Esta última, também chamada de alto-élfico, “era uma antiga língua de Eldamar além do Mar, a primeira a ser registrada por escrito. [...] Ainda usada para cerimônias e para elevados temas de saber e canção pelos Altos Elfos” (Tolkien, 2019c, p. 1606).

Os Dúnedain, dentre todas as raças dos Homens, são os únicos proficientes nas falas-élficas, “pois seus antepassados haviam aprendido o idioma sindarin, e eles repassaram aos filhos como tema de saber” (Tolkien, 2019c, p. 1607). Ainda assim, a grande maioria desse povo somente fala sua língua nativa, o adúnaico, com exceção dos “poucos que ainda se atinham à antiga amizade com os Eldar” (Tolkien, 2019c, p. 1608).

Isso não aconteceu com o khuzdul, língua nativa dos Anões. Foram pouquíssimos os que aprenderam fora do centro de convívio deles. Inclusive, “seus próprios nomes secretos e ‘internos’, seus nomes verdadeiros, os Anões jamais revelaram a ninguém de outra raça. Nem mesmo os inscrevem em seus túmulos” (Tolkien, 2019c, p. 1614).

No subcapítulo 2.4 trouxe uma citação do tradutor da T2 em que ele afirma que “agora, o pronome de tratamento corriqueiro é tu. Os Hobbits, um povo rural, se tratam por

¹³² Na verdade, Kullmann e Siepmann (2021) vão afirmar que, assim como Frodo e Faramir, todos os membros da Sociedade falam de maneira distinta e característica de acordo com o contexto em que estão.

‘você’. Mas se referem aos elfos como ‘vós’” (Kyrmse, 2019, n.p). Essa nova concepção vai ao encontro do que explica Tolkien, ao comentar que “a língua westron fazia uma distinção nos pronomes da segunda pessoa (e muitas vezes também nos da terceira), independentemente do número, entre formas ‘familiares’ e ‘respeitosas’” (Tolkien, 2019c, p. 1614 e 1615). A forma como Kyrmse lidou com esse problema foi contrastar essa distinção usando os pronomes *você* e *tu/vós*. Vejamos alguns exemplos disso comparando com a T1:

TO: “*Who are you, and who is your lord?*” (Tolkien 2014, p. 43).

T1: “Quem são vocês, e quem é o seu senhor?” (Tolkien, 2001, p. 82).

T2: “Quem sois vós, e quem é vosso senhor?” (Tolkien, 2019, p. 141).

Essa pergunta parte de Frodo, um Hobbit, e, cabe lembrar que Tolkien afirmou que, no Condado, “as formas respeitadas haviam caído em desuso coloquial” (2019c, p. 1615). Porém, “Hobbits como Frodo [...] nem sempre usam o mesmo estilo. Isso é proposital. Os mais eruditos e hábeis dentre os Hobbits tinham algum conhecimento da ‘linguagem livresca’, como a chamavam no Condado” (Ibidem), que seria a forma referida pelo autor mais cedo, em que há uma distinção entre os pronomes.

Destaco que Esteves também traduziu o apêndice em que isso é comentado, como podemos ver a seguir: “Ver-se-á que hobbits como Frodo [...] nem sempre empregam o mesmo estilo. Isso é proposital. Os mais eruditos e capazes dentre os hobbits tinham alguns conhecimentos de ‘linguagem livresca’, como se dizia no Condado” (Tolkien, 2001c, p. 426). Em nota de rodapé, Tolkien justifica o (ocasional) uso de *thou* e *thee* para substituir o mais convencional *you*, mas, em outro momento, também comenta a dificuldade de representar isso em inglês. Uma facilidade maior acontece em línguas como o alemão, o espanhol, e, também, o português, uma vez que poderíamos usar o *tu* como uma forma familiar e o *vós* como o deferente.

Em uma última avaliação, é preciso considerar que o uso de diferentes pronomes não acontece consistentemente no original, logo, é temerário que o tradutor tome decisões equivocadas (na concepção original do autor) quanto às vezes em que toma a decisão de usar o *tu* ou o *vós*. Essa pode ser uma das razões que fez com que Esteves não usasse em nenhum momento o *vós* (e, nem o *tu*, quase sempre se usa *você*).

Sabemos que a estratégia de *estrangeirização* parte da premissa de que se deve levar o leitor ao autor, mas seria dar um passo muito além imaginar que isso deveria ocorrer a partir de um possível pensamento não registrado do autor. É um exercício hermenêutico pouco eficaz. E, veja, não quero descredibilizar a tentativa da T2, nem condenar a T1, mas a análise de textos tolkienianos (ou pseudotraduções de línguas inventadas) certamente não estava nos planos de Venuti (2018), tampouco de Schleiermacher (2010).

Acredito que a dificuldade de tradução tenha ficado clara, é difícil para o tradutor decidir quando as relações progridem a ponto de que o pronome familiar possa ser usado. De qualquer forma, seguimos com mais exemplos, dessa vez de falas de Elfos:

TO: “*Be careful, friends!*” (Tolkien 2014, p. 43).

T1: “Tenham cuidado, amigos” (Tolkien, 2001, p. 83).

T2: “Acautelai-vos, amigos!” (Tolkien, 2019, p. 142).

Gildor, um Elfo, termina a fala rindo, buscando trazer leveza à situação. Ambas as traduções transmitem a mensagem original, mas de forma completamente diferente. De acordo com *sites* especializados em *corpus* (consultei o Linguee¹³³ e o Reverso¹³⁴), a forma mais comum de se traduzir *be careful* é *ter (tenha) cuidado* (seguido de *tomar (tome) cuidado*). Falando especificamente de *careful*, um adjetivo, em inglês, passa a ser, na T1 um substantivo e na T2 um verbo (no imperativo). Ambas são exemplos de *transposição*, porém, *cuidado*, quando comparado com *acautelar*, ou mesmo *cautela*, para usarmos palavras de mesma classe, é significativamente mais frequente. Veja abaixo:

No site ‘corpusdoportugues.org’, a palavra *cuidado*, figura no número 63.462; *acautelar*, 1.814, e *cautela*, embora não tenha sido usada, mas para fins comparativos, 15.358. *Cuidado* é uma palavra, arredondando para baixo, quatro vezes mais frequente do que *cautela* e trinta vezes mais frequente que *acautelar*.

Se estivéssemos analisando qualquer outro texto que não este, poderíamos dizer que a T2 estaria adaptando demasiadamente o texto ou caindo no erro apontado por Britto (2022), em que um tradutor *estrangeirizador*, em sua sanha por querer aproximar o leitor ao autor, acaba *estrangeirizando* algo onde nada há de estrangeiro. Porém, aqui há de se colocar a

¹³³ Disponível em: linguee.com.br, acesso em junho de 2024.

¹³⁴ Disponível em: context.reverso.net/traducao/, acesso em junho de 2024.

vírgula das possíveis intenções de Tolkien que, embora não apareçam no original pela escassez de opções que há na língua inglesa, seria uma alternativa fazer essas escolhas em um sistema em que isso é possível.

Vejamos outro exemplo:

TO: “*Come! Now is the time for speech and merriment*” (Tolkien 2014, p. 43).

T1: “Agora é hora de conversar e de se divertir” (Tolkien, 2001, p. 84).

T2: “Vinde! É hora de conversação e divertimento” (Tolkien, 2019, p. 142).

Primeiro apontamento é a tradução de *come*, para *vinde*. Embora o verbo seja o mesmo, a escolha de usar a segunda pessoa do plural dialoga com a discussão que propus momentos atrás; na T1, temos outro caso de *omissão* – uma possível opção de tradução seria *venha(m)*.

Também comentei há pouco sobre a impossibilidade de saber as intenções do autor em quando usar o *tu/vós*, já que no original, devido ao sistema linguístico do inglês, ele próprio foi impossibilitado de usar tais recursos. No entanto, embora o Elfo da fala acima esteja sendo cortês e gentil, as palavras escolhidas denotam uma fala mais formal e até arcaica em comparação com alternativas mais contemporâneas. Vejamos os casos nos parágrafos abaixo:

Speech: essa palavra se refere à habilidade de falar com ou para alguém e ainda é muito utilizada nos dias de hoje (geralmente no sentido de *para* alguém; em um uso contemporâneo, traduzir-se-ia para *discurso*, *pronunciamento*, ou algo de sentido próximo). Porém, em situações mais cotidianas ou em conversas informais, seria mais natural ouvirmos algo como *have a talk* ou *conversation*.

Merriment: *to be merry* é uma expressão que significa estar alegre, contente. A palavra *merry* é, resumidamente, uma forma antiga de dizer *happy* (a expressão foi preservada em casos como *Merry Christmas*, que falamos no natal. No contexto dado, a palavra é um adjetivo, porém, na citação acima, *merriment* é um substantivo. Essa tentativa de explicar o significado de *merry* foi feita para que o leitor, assim como eu, visualize a partir do seguinte ponto de vista: por ser uma palavra pouco comum em inglês (ainda que compreensível), e por se tratar de uma escolha deliberada do autor - uma vez que termos como *amusement*, *jollity* ou até mesmo *laughter* seriam opções mais costumeiras e contemporâneas -, seria esperado que a

T2 tivesse alguma palavra de uso parecido, isto é, uma palavra que seja semanticamente semelhante, mas que causasse estranheza no leitor.

Mas será que *divertimento* não causa essa estranheza? Bem, em mim, confesso que não causou, mas usar da minha percepção e interpretação de leitura como parâmetro pode levar a conclusões equivocadas e, uma vez que também estamos trabalhando com LC, dêmos uma olhada no que o ‘corpusdoportugues.org’ tem a nos dizer: a palavra em questão aparece na posição 1.520 do *corpus*, enquanto a opção usada na T1 aparece na de 10.708. Os dados mostram que a escolha da T2 realmente é menos frequente; me pergunto, porém, por que não usar outra opção que também aparece nessa tradução, qual seja, *regozijo*? Ora, a palavra é muito menos frequente (aparece na posição 603 do *corpus*) e de um caráter muito mais literário. Admito que esse último comentário é apenas uma questão particular que cogitei durante a análise.

Isso significa que a T2 *estrangeirou* mais, enquanto a T1 *domesticou* mais? Nesse caso, sim, pois os fatores *formalidade* e *arcaísmo* aparecem apenas na T2 e, por estarem no TO, é importante, na visão de Venuti (2018), que eles apareçam no texto traduzido para dar voz àquele povo; a identidade deles é perdida na T1 (e aqui levo em consideração um contexto maior, esse caso é apenas uma soma do que já vimos, seria bastante complicado fazer tal afirmação a partir desse excerto).

Poderia trazer um número finito de casos aqui para sustentar ainda mais a análise, porém, acredito que fazer isso não seria mais produtivo, uma vez que temos uma quantia considerável e suficiente para o proposto. Antes de avançar para o próximo subcapítulo, no entanto, gostaria de escrever um breve parágrafo sobre outra particularidade dos Elfos. Confira abaixo:

Em *A Natureza da Terra-média*, livro lançado recentemente, tanto no original quanto na tradução, há um capítulo intitulado “Gênero e Sexo”, em que é possível observar outras particularidades das línguas criadas por Tolkien. É dito, por exemplo, que as línguas élficas não faziam distinção gramatical entre masculino e feminino, com exceção de coisas ou seres animados e inanimados. Assim, se fosse se referir a alguma espécie de animal ou a outros seres humanos, usariam o pronome *se*, élfico para ele/ela. Já antecipando como seria uma tradução do élfico para alguma outra língua, Tolkien explica que “em frases como: ‘A mente de A era sábia/boa, ela raramente errava’, *ela* seria *se* (animado), e não faria diferença para o

sentido caso essa palavra fosse traduzida como ‘ele’ e considerada como uma referência a A” (Tolkien, 2021, p. 206, grifos do autor).

Ainda que as diferenças possam parecer de pouca relevância, segundo o próprio autor, seria interessante uma análise detalhada sobre como as diferentes traduções abordam o tema. Não será o caso aqui, pois acredito que ainda há outros temas tão relevantes quanto para investigarmos.

Assim, sigamos para o último subcapítulo deste capítulo: as questões culturais.

4.4 QUESTÕES CULTURAIS

Já foi destacado anteriormente como os conceitos língua e cultura estão interligados, e como cada povo fala de forma diferente. Destaco, agora, o poder da tradução *estrangeirizadora* em aproximar culturas. Uma tradução preocupada com esses aspectos influencia na compreensão do texto, mas também refletem a identidade e os valores de uma sociedade. Para introduzir a discussão, vejamos um caso peculiar:

TO: “*This I will have as weregild for my father, and my brother*” (Tolkien 2014, p. 237).

T1: “Levo isto como compensação pela morte de meu pai e de meu irmão” (Tolkien, 2001, p. 258).

T2: “Guardarei isto como veregildo por meu pai e meu irmão” (Tolkien, 2019, p. 351).

Antes de mais nada, aviso que na T2 há uma nota de rodapé que diz: “O veregildo (em inglês *weregild*) era, na lei teutônica e anglo-saxã, o preço atribuído a uma pessoa, de acordo com sua condição, a ser pago pelo culpado como compensação, em caso de homicídio, à família que, de outra forma, teria direito à vingança” (Kyrmse *apud* Tolkien, 2019, p. 351, grifo do autor).

O termo usado no TO está enraizado na cultura germânica. Escolher *estrangeirizar* o termo poderá acarretar uma leitura em que o leitor brasileiro identifique se tratar de algo distante; há sempre a opção de *domesticar*, em que a mensagem final é transmitida, mas de forma distinta. No caso da T1, a tradutora escolhe a palavra *compensação*, abordagem mais explicativa e facilitadora.

Evidenciada a importância de manter uma terminologia mais próxima do original, ainda que essa importância seja potenciada (não diria única) nas traduções *estrangeirizadoras*, as próximas seções darão conta de comentar, a partir de excertos, sobre a tradução de unidades de medidas e de corpos celestes.

4.4.1 Unidades de medidas

A delicada escolha de converter ou não milhas para quilômetros, libras para quilogramas, ou Fahrenheit para Celsius implica mais do que apenas uma questão numérica. A decisão por converter ou traduzir pode alterar a percepção do leitor sobre a realidade apresentada no texto.

Além das medidas destacadas acima, traduzir nomes de alimentos ou bebidas que não são tão comuns na cultura para a qual o texto está sendo traduzido, também pode resultar naquela violência que Venuti (2018) comenta e que tanto reforcei ao longo deste texto. O mesmo vale para equivalentes em mitologia/religiões - adaptando, por exemplo: Allah para Deus, Torá para Bíblia -, e referências históricas – não usar Guerra Civil Espanhola, mas sim, Guerra Civil Americana, por exemplo.

Voltando a falar sobre as medidas, adianto que já comentei sobre um caso, por isso não vou voltar nele. Trata-se do *quartilho*¹³⁵, unidade de medida para líquidos (outras unidades mais comuns são: litro, mililitro, galão etc). No entanto, a maioria dos casos em que houve *domesticação* em português foi em medidas de altura. Vejamos um exemplo:

TO: “*The blade was indeed broken a foot below the hilt*” (Tolkien 2014, p. 168).

T1: “A lâmina estava de fato quebrada, trinta centímetros abaixo do cabo” (Tolkien, 2001, p. 182).

T2: “A lâmina de fato estava partida um pé abaixo do punho” (Tolkien, 2019, p. 259).

Ambas as traduções descrevem com fidelidade a distância da parte quebrada em relação ao punho. Entretanto, apenas a T2 usa a mesma medida, pé, do TO. Usar o sistema métrico é, inevitavelmente, uma opção *domesticadora*: ela é mais acessível para o público brasileiro, mas acaba ‘violentando’ como diria Venuti (2018), a cultura primária.

¹³⁵ Cf. seção 4.1.1 desta dissertação.

Podemos encontrar casos, no entanto, em que ambas as traduções mantêm a unidade de medida original:

TO: “*Walking seven yards to a stride, if it was an inch*” (Tolkien 2014, p. 43).

T1: “Avançava sete jardas a cada passo, como se fosse uma polegada” (Tolkien, 2001, p. 46).

T2: “Andava sete jardas em cada passo, nem uma polegada a menos” (Tolkien, 2019, p. 95).

Nesse segmento, ambas traduções *estrangeirizam*, pois traduzem *yards* para jardas, tradução literal. Uma tradução mais facilitadora poderia usar metros ou mesmo quilômetros, claro que, nesse caso, não seriam sete, mas sim o equivalente após feita a conversão.

Na T1 pode haver um caso de *correção*. Me refiro ao uso de *avançava* em detrimento a *andava* (*walking*). Isso porque a citação completa fica assim: “Mas esse era grande como um olmo, e estava andando - avançava sete jardas a cada passo, como se fosse uma polegada” (Tolkien, 2001, p. 46). O original sendo “*but this one was as big as an elm tree, and walking - walking seven yards to a stride, if it was an inch*” (Tolkien 2014, p. 43).

Assim, como a repetição pode não ser vista com bons olhos, a T1 pode ter optado por usar um sinônimo justamente para melhorar, ou *corrigir*, o TO. Claro que isso é apenas uma suposição. De toda forma, vejamos como cada tradução traduziu a unidade de medida *fathoms*:

TO: “*They saw before them a low cliff, some five fathoms high*” (Tolkien 2014, p. 293).

T1: “Eles viram adiante um penhasco baixo, de uns dez metros de altura” (Tolkien, 2001, p. 319).

T2: “Viram diante de si um penhasco baixo, de umas cinco braças de altura” (Tolkien, 2019, p. 426).

Fathom ou braça é uma unidade de medida pouco usada no português brasileiro que mede a profundidade da água. A T2 manteve uma tradução *estrangeirizadora*, enquanto a T1 *domesticou*. Uma observação é que o tradutor escreve uma nota de rodapé após a unidade de medida que diz: “A braça equivale a 2 jardas, ou aproximadamente 1,8 metro” (Kyrmse *apud* Tolkien, 2019, p. 426).

Vejamos, agora, um caso peculiar, em que nenhuma das duas traduções usa a mesma unidade de medida do TO:

TO: “*But they had not gone more than a furlong when the storm returned with fresh fury*” (Tolkien 2014, p. 281).

T1: “Mas não tinham avançado mais que duzentos metros quando a tempestade retornou, com fúria renovada” (Tolkien, 2001, p. 307).

T2: “Mas não haviam percorrido mais que um oitavo de milha quando a tempestade voltou com fúria renovada” (Tolkien, 2019, p. 410).

O TO descreve uma distância percorrida em *furlongs*, unidade de comprimento do sistema imperial de medidas. O nome deriva das palavras do *Old English furh* (*furrow*, no inglês moderno, e sulco, em português¹³⁶) e *lang* (longo), equivalendo a 201,168 metros¹³⁷.

A T1 faz aquilo que é esperado em uma tradução *domesticadora* e utiliza uma unidade de medida amplamente compreendida pelo público brasileiro. A T2 usa a milha, unidade imperial raramente utilizada no português brasileiro, o que poderia ser considerado um caso de *estrangeirização* - e de fato o é, uma vez que a premissa dessa estratégia é causar estranheza -, porém, já que o tradutor optou por utilizar uma unidade de medida menos óbvia para o leitor brasileiro, por que não empregar o termo original (seguido por uma nota de rodapé explicando os valores convertidos) e não violentar o original?

Para finalizar proponho a análise de uma medida raramente usada nos dias de hoje:

TO: “*He gave a party in honour of Bilbo’s hundred-and-twelfth birthday, which he called Hundred-weight Feast*” (Tolkien 2014, p. 41).

T1: “Deu uma festa em homenagem ao centésimo décimo segundo aniversário de Bilbo, que chamou de Banquete do Um Um Dois” (Tolkien, 2001, p. 43).

T2: “Deu uma festa em homenagem ao centésimo décimo segundo aniversário de Bilbo, que chamou de Banquete do Quintal” (Tolkien, 2019, p. 91).

¹³⁶ Neste contexto, *sulcos* são as linhas que ficam na superfície da terra arada. Os sulcos são importantes para o cultivo de plantas, fornecendo espaço para que as raízes cresçam. Cada *furlong* equivale ao comprimento de um sulco em um acre de campo aberto arado.

¹³⁷ Informações extraídas do artigo *Furlong*, do Wikipedia (cf. *Furlong*, 2024, n.p.).

O trecho do TO fala sobre a festa de aniversário de Bilbo, que estava completando cento e doze anos, chamada de *hundred-weight feast*. O *hundred* (cem) não se refere à idade de Bilbo; *hundredweight* é, na verdade, uma unidade de medida para peso (*weight*). E Kyrmse sabia disso, haja vista a nota de rodapé que segue o termo: “o quintal é uma antiga unidade de medida de peso equivalente a 112 libras (ou cerca de 51 quilogramas)” (Kyrmse *apud* Tolkien, 2019, p. 91, grifo do autor).

Quando Esteves usa “Banquete do Um Um Dois” há uma clara referência ao número cento e doze, que podemos conectar à idade de Bilbo. Essa referência é um gesto *domesticador*, pois o sentido original do texto foi completamente adaptado.

Concluindo esta seção, sumário os achados: há casos em que ambas traduções *estrangeirizaram* (no caso em que aparece *yards* e *inches*), há casos em que apenas uma *estrangeiriza* (o primeiro, com *foot*, por exemplo), há casos (como a tradução de *fathoms*) que a *estrangeirização* é contestada.

Sabemos, pelos comentários de Britto (2022), que, ao menos atualmente, o mais provável é que uma tradução utilize, em diferentes momentos, um pouco de cada estratégia, ora *estrangeirizando* mais, ora *domesticando* mais. Nos casos acima vemos uma clara tendência *domesticadora* na T1, embora também use da outra estratégia, e o inverso na T2.

A seção que segue será o último desta dissertação, e nela será abordado mais sobre como os povos fictícios (e, portanto, reais, uma vez que Tolkien sempre prezava por uma verossimilhança e por se tratar de uma pseudotradução), por terem culturas diferentes, chamam os corpos astrais de formas também diferentes.

4.4.2 O sexo dos Astros

São três os pontos principais a serem abordados nesta etapa final da análise: a dificuldade na tradução de palavras com gêneros, o sexo dos Astros, e as traduções em si, isto é, sobre a *domesticação* e a *estrangeirização*.

Dessa forma, abaixo segue três seções divididas conforme explicado no parágrafo anterior:

4.4.2.1 *Gendered Languages* e como traduzi-las

Para introduzir esta seção, gostaria de voltar a um assunto previamente comentado, mas que considero importante o bastante para repetir aqui, então o leitor terá essa perspectiva fresca na mente e fará a leitura de forma a perceber de onde parti.

Não é novidade que línguas diferentes usam palavras diferentes para se referir a um mesmo conceito, contudo, a organização gramatical delas também pode ser diferente. Além disso, considerando as influências culturais, quem fala línguas diferentes, em geral, pensa diferente, logo, isso interferem no modo como os falantes de determinada língua pensam e se relacionam¹³⁸. Assim, antes de analisar a tradução dos Astros em *A Sociedade do Anel*, é necessário que conheçamos o contexto enunciativo do texto-fonte para que o mínimo de significado semântico seja perdido no processo de tradução.

Para falar especificamente sobre as ‘diferentes organizações’ que comentei, é preciso identificarmos, primeiro, quais são as *gendered languages* - ou línguas que possuem gêneros gramaticais - e como elas afetam o modo como pensamos. As línguas portuguesa, espanhola, francesa, entre outras, compartilham uma mesma ‘organização’, isto é, todas categorizam os substantivos por gêneros, masculino ou feminino. Em português, por exemplo, a palavra *árvore* é feminina (a árvore), enquanto em espanhol é masculina (*el árbol*). O inglês, por outro lado, é uma língua que não classifica os substantivos por gêneros, assim sendo, *árvore* passa a ser somente (*the*) *tree*, não se encaixando em nenhum desses paradigmas.

Naturalmente, essa é uma condição que trará dilemas para o tradutor, afinal, como saber, em uma frase fora de contexto, que *the teacher* se trata de um professor ou de uma professora? Além disso, é possível que o autor do texto original não esteja pensando em um(uma) professor(a) em específico, mas sim no profissional que leciona, pois as pessoas pensam diferente conforme a língua que falam e a cultura a que pertencem; o que para um é uma informação essencial, para outro poderá ser irrelevante. Sobre isso, afirma Jakobson:

[...] porque a informação requerida pelos sistemas gramaticais do russo e do inglês é dessemelhante, achamo-nos confrontados com conjuntos completamente diferentes de escolhas binárias; é por isso que uma série de traduções sucessivas de uma mesma frase isolada, do inglês para o russo e vice-versa, poderia acabar privando completamente tal mensagem de seu conteúdo inicial (Jakobson, 1970, p. 69).

¹³⁸ Cf. Claire Kramshé, *Language and culture*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2014.

Para trazer outro exemplo, vejamos um caso famoso e que virou motivo de *meme* nas redes sociais: o título do último filme da saga Guerra nas Estrelas, *The Last Jedi*. Quando o título foi anunciado para os países anglófonos, perto da data de estreia, no final de 2017, houve muitas especulações sobre quem poderia ser o *last* (último) jedi, poderia ser Luke - protagonista dos primeiros filmes - ou poderia ser Rey, estrela do penúltimo filme. Diante disso, os tradutores das *gendered languages* tiveram um grande desafio: traduzir o artigo definido *the*. A pedido da produtora, foi feita uma revelação um tanto precoce que acabou sanando as dúvidas dos fãs, afinal, não se tratava de um último ou de uma última jedi, mas sim de ambos, pois a frase estava no plural. O título chegou às bilheteria brasileiras como *Star Wars: os últimos Jedi*¹³⁹.

Exemplos como esses são facilmente encontrados em vários textos, uma vez que títulos, como Jedi, outras profissões ou substantivos em geral precisam ser flexionados na tradução. Selecionei alguns exemplos extraídos das traduções de *A Sociedade do Anel* para analisar como isso é abordado pelos tradutores antes de vermos sobre o sexo dos Astros.

Para melhor compreender o exemplo a seguir, é importante que fique claro o significado da palavra inglesa *ostler*. Segundo o *Cambridge Dictionary*, trata-se de uma profissão antiga que corresponde àquele que cuida dos cavalos dos clientes de uma estalagem. Vale lembrar que essa palavra, na obra analisada, aparece em meio a um poema, e isso, por si só, já é uma discussão a parte, pois “poucos temas têm sido tão discutidos, e têm levado à adoção de posturas tão radicalmente opostas, quanto a tradução de poesia” (Britto, 2022, p. 119) e poemas. Vejamos as traduções:

TO: “*The ostler has a tipsy cat*” (Tolkien, 2014, p. 155).

T1: “O dono tem um gato alcoólatra” (Tolkien, 2001, p. 242).

T2: “O gato ébrio do estribeiro” (Tolkien, 2019, p. 167).

A T1, mais uma vez, parece tentar adequar os termos menos populares ao leitor brasileiro, ao passo que a T2 opta por manter um vocabulário próximo ao original. Afirmando isso baseado nos achados feitos, novamente, no corpusdoportugues.org: alcoólatra (incluindo a palavra grifada sem o acento agudo e suas formas no plural) registram 1.215 ocorrências, enquanto ébrio apenas 94. Essas informações pouco seriam úteis se não conhecêssemos a

¹³⁹ A palavra Jedi é referente à Ordem Jedi, uma organização galáctica, por isso a palavra, além de não ter flexão de gênero, também não tem plural.

frequência da palavra usada no original, por isso busquei no Sketch Engine por ela: *tipsy*: 0.27 *hits per million*; busquei outros sinônimos para comparação: *drunk*: 12.28 *hits per million*; *stoned*: 1.32 *hits per million*. O resultado final é apresentado de formas distintas entre as duas plataformas, mas fica provado que *tipsy*, a partir do que diz o *corpus* consultado, tem um número consideravelmente abaixo dos sinônimos diretos.

Vale destacar que o início do poema descreve o ambiente da narrativa como sendo uma estalagem (*inn*, em inglês) e, ao usar a palavra *dono*, a tradutora está, possivelmente, se referindo a outra personagem, o(a) estalajadeiro(a). Também é curioso analisar que a palavra *inn* é omitida na T1, como podemos ver a seguir:

TO: “*There is an inn, a merry old inn*” (Tolkien, 2014, p. 155).

T1: “Existe um lugar, alegre e antigo” (Tolkien, 2001, p. 242).

T2: “Numa estalagem, velha estalagem” (Tolkien, 2019, p. 167).

Outro fator a ser considerado é que, este lugar onde eles “*brew a beer so brown*” (Tolkien, 2014, p. 155), pode também remeter a algum bar qualquer, e o ambiente deixa de ser um lugar para viajantes e passa a ter uma característica de pertencimento a uma comunidade.

Contudo, voltemos ao *ostler* e como esse nome foi traduzido: *dono* e *estribeiro*. Duas palavras do gênero masculino. Ainda que em determinado momento do poema surja a palavra *landlord* para se referir à mesma pessoa, esse substantivo também é de gênero neutro. Assim, pode-se afirmar que os dois tradutores assumiram que a personagem se tratava de um homem, possivelmente porque historicamente esses ambientes eram frequentados e comandados por homens.

O que cabe a esta análise é, no entanto, levantar o questionamento sobre se isso comprometeria a compreensão do leitor sobre a história contada e, caso compromettesse, quais as possíveis formas de atenuar isso. Obviamente, não há apenas uma resposta para essa questão, como bem diz Jakobson: “se eu perguntar ao enunciador da sentença em inglês se o operário é homem ou mulher, êle poderá julgar minha pergunta não-pertinente ou indiscreta” (1970, p. 69).

Naturalmente, a pergunta seria vista como não pertinente, pois, por ser nativo de uma língua com sistemas diferentes, para ele a pergunta não faria sentido e ele provavelmente nem teria pensado em uma resposta a essa pergunta quando escreveu o texto.

O exemplo acima é apenas um dos vários encontrados. Na seção seguinte, buscarei investigar como os diferentes tradutores lidaram com um mesmo problema de tradução: o sexo dos Astros.

4.4.2.2 Os Astros e seus sexos: Uma análise cultural

Tolkien se inspirou em várias mitologias reais para criar seu *legendarium*. Aqui analisarei apenas uma de suas inspirações, o uso do gênero feminino para referir o Sol.

Sabe-se que uma das principais fontes de inspiração do autor é a mitologia nórdica¹⁴⁰, e isso não está limitado aos mitos; Gandalf, por exemplo, é esteticamente muito parecido com Odin (ou Pai de Todos). Ainda na mitologia nórdica, por Sól (ou Sigel) ser a deusa do Sol, muitas religiões neopagãs germânicas veem o Sol representado por um ser feminino. Sabendo disso, Tolkien traz esse elemento cultural para suas obras também.

O título desta seção, O sexo dos Astros, é homônimo ao capítulo XI do livro *Antropologia estrutural II*, de Lévi-Strauss. No livro, o autor afirma haver línguas que usam um só termo para designar o Sol e a Lua, outras têm o sol e o *sol noturno*, e ainda há aquelas que distinguem os dois astros pela luminosidade (chamando o sol de *luminária do dia* e a lua de *luminária da noite*) ou pelo calor (chamando a lua de *sol frio*).

Há ainda povos que entendem o sol como a forma espectral de um Deus. É o caso dos yanomami, que veem Omama, uma espécie de demiurgo da tribo, em vários espíritos diferentes como, “o ser sol, Moth okari, o ser onça, Iramari, e o ser maléfico, Omamari” (Kopenawa, 2021, p. 615).

Outros povos reconhecem a sexualidade dos astros, ou seja, o sol passa a ser chamado de *a sol*, e a lua, de *o lua*. Segundo Lévi-Strauss, “apesar da distância geográfica, os Emok-Toba, do Chaco, têm ideias incrivelmente próximas das dos Cubeo. Nos dois grupos, a lua é um deus masculino, deflorador de virgens e responsável pela menstruação” (1993, p. 221).

¹⁴⁰ O leitor que quiser se aprofundar no assunto pode consultar o trabalho de Akbari e Moosavinia (2019).

Dessa forma, mesmo que inconscientemente, a lua passa a desempenhar um papel mais importante do que o sol, para eles. Isso corrobora a hipótese de que pessoas que falam línguas diferentes pensam diferente e, a partir do momento em que estudamos e conhecemos novas línguas, é possível que mais exemplos sejam incorporados a essa hipótese.

Em todas as obras de Tolkien, cada raça criada tem uma cultura própria. Por ser filólogo e conhecedor de várias línguas, o autor teria primeiro inventado as línguas dos diversos povos para depois criar e desenvolver suas personagens. Um exemplo desse minucioso trabalho está nos Elfos. Em determinado momento da história da Terra-média, grupos de Elfos que viviam unidos se separam, e, anos depois, percebe-se essa divisão pela língua: elas evoluíram de forma diferente em cada grupo.

Claro, como somos uma espécie que evoluiu em grupo, é quase intuitivo imaginar que nossas ideias e crenças têm uma fundação muito sólida: nossa sociedade. Maffesoli vai afirmar que “o que nos parece ser uma opinião individual é, de fato, a opinião de tal ou qual grupo ao qual pertencemos” (1998, p. 106). Assim, quando crescemos usando uma língua que se refere ao sol como um ser masculino, teremos um entendimento de mundo diferente daqueles que o entendem como um ser feminino, por exemplo.

Ainda cabe lembrar que, já que a língua reflete o modo como pensamos, um tradutor também precisa conhecer, como dito anteriormente, o contexto enunciativo da obra a ser traduzida, como, por exemplo: quem escreve, de onde escreve, quando escreve - como forma de preservar ao máximo o sentido do texto-fonte.

Tolkien, por sua vez, em uma das várias formas de apresentar ao leitor que as diferentes raças pensam diferente (por ocasionalidade das diferentes línguas ou não), explica que o sol é entendido como um ser feminino para os Elfos e para os Hobbits, ao passo que as demais raças se referem a esse Astro como sendo masculino.

Com isso, finalmente chegamos à mitologia tolkieniana. Vejamos, agora, como o sexo dos Astros é entendido na Terra-média. Não entrarei em detalhes sobre o mito de criação do mundo em *O Senhor dos Anéis*, mas vale destacar um pequeno comentário sobre Arda (nome dado ao planeta Terra), cuja história é dividida em três eras: os anos das Lamparinas, os anos das Árvores, e os anos do Sol. Não é essencial entender sobre a primeira era para o que se propõe esta investigação, portanto, comentarei apenas sobre as duas árvores reluzentes, Telperion e Laurelin, sobre o Sol, e as influências disso no dia a dia dos povos que lá moram.

Resumidamente, em meio a uma guerra, as Lamparinas que iluminavam todo o mundo foram destruídas e, nos anos das Árvores, para iluminar a Terra-média, que vivia em meio à escuridão, foram criadas Telperion e Laurelin, duas árvores reluzentes, uma prateada e outra dourada, respectivamente. Em outro conflito, as árvores também são destruídas, porém, com o último fruto de Laurelin (árvore dourada), os Valar (subordinados ao Deus de Arda) criam o Sol, e com a última flor de Telperion, eles criam a Lua, pondo assim um fim aos anos das Árvores¹⁴¹.

Uma possível leitura disso é que o fruto de Laurelin, foi levado ao céu por Arien (uma Maia¹⁴² feminina), enquanto a flor de Telperion foi levada por Tilion (um Maia masculino). Os Elfos, por serem seres que vivem muito mais e, em vista disso seriam muito mais cultos e sábios, tinham acesso a essa informação e possivelmente associavam os astros aos Maiar, já as outras raças não eram capazes de fazer essa associação.

Com base no que foi visto até aqui, analisarei a seguir como as traduções lidaram com essas informações para, então, tentarmos entender os princípios orientadores de cada edição traduzida.

4.4.2.3 Os Astros traduzidos em *A Sociedade do Anel*

Embora no *Old English* a palavra *sol* seja masculina, no *legendarium* ela é referida como feminina não só pelos Elfos, como visto anteriormente, mas também pelos Hobbits. A fim de compreender essa variação de gênero do termo *sol*, serão analisados os seguintes trechos:

TO: “*The Sun could not watch me there*” (Tolkien, 2014, p. 53).

T1: “O sol não poderia me olhar ali” (Tolkien, 2001, p. 55).

T2: “A Sol não pode me vigiar lá” (Tolkien, 2019, p. 107).

As citações acima aparecem no capítulo dois, do livro um, “A Sombra do Passado”. Nele é contada a história de Gollum que, em determinado momento, cogita ficar em um lugar fresco e sombreado.

¹⁴¹ C.f *O Silmarillion* - capítulo XI: Do Sol, da Lua e da Ocultação de Valinor.

¹⁴² Maiar (Maia no singular) são seres sobrenaturais e angelicais que ajudam a governar Arda.

Na T2 a palavra *Sol* ganha uma nota de rodapé conforme segue: “segundo o saber dos Elfos e Hobbits, o Sol é uma figura feminina, e a Lua, masculina” (Tolkien, 2019, p. 107). Por algum motivo, no entanto, a T1 opta por não utilizar o gênero mais adequado à mitologia de Tolkien. Importante ressaltar que a escolha tradutória é uma decisão da tradutora (ou de alguém responsável pela tradução). Seria impossível defender que a tradutora desconhecia a mitologia (afirmando, por exemplo, que isso só é aprofundado em detalhes em outros livros - como *O Silmarillion* - que só viriam a ser traduzidos posteriormente) pois, no capítulo três, do livro dois, “O Anel Vai para o Sul”, em uma fala de Legolas, o seguinte comentário é proferido:

TO: “*I have not brought the Sun. She is walking in the blue fields of the South [...]*” (Tolkien, 2014, p. 285).

T1: “Eu não trouxe o sol. Ele está andando nos campos azuis do Sul [...]

T2: “Eu não trouxe a Sol. Ela caminha nos campos azuis do Sul [...]

Nesse trecho, é usado o pronome pessoal ela (*she*) e, ainda assim, a T1 traduz para *ele*. Pode-se afirmar, portanto, que a escolha foi arbitrária, mas é impossível explicitar os motivos que levaram a tradutora a tomar tal decisão. Possivelmente, ela pretendia tornar o texto mais compreensível aos leitores brasileiros, adaptando a cultura dos Hobbits e Elfos à cultura brasileira.

A mesma inversão, como mencionado anteriormente, acontece com a Lua, que passa a ser o Lua. Em uma das muitas ocorrências dessa palavra, escolhi o exemplo em que Merry, um Hobbit, avisa que:

TO: “*The Moon is rising: it must be getting late*” (Tolkien, 2014, p. 190).

T1: “A Lua está subindo: deve estar ficando tarde” (Tolkien, 2001, p. 206).

T2: “O Lua está nascendo: deve estar ficando tarde” (Tolkien, 2019, p. 289).

É possível que a T1 esteja mantendo a forma como o substantivo *lua* é empregado no Brasil, considerando a possibilidade de que nem todos os brasileiros conheçam a mitologia

tolkieniana, enquanto a T2 mantém-se ‘fiel’ à obra original. Ainda ressalto a capitalização¹⁴³ da palavra *Lua* em ambas as traduções. O mesmo não ocorre com *Sol*, em que só a T2 capitaliza.

A partir do que foi visto neste subcapítulo, destaco que a T1 preza por atualizar alguns termos mais arcaicos, ou menos usuais (*domestica*), ao passo que a T2 busca sempre expressar a forma do original o mais fidedignamente possível (*estrangeiriza*).

Nunca é tarde para explicar que ambas estratégias são aceitáveis e uma vai ser mais recomendada do que outra conforme o projeto do tradutor e conforme o possível público-leitor. Mesmo estando em um estágio avançado da análise, algum leitor pode pensar que a T2 é de qualidade inferior¹⁴⁴, uma vez que a leitura pode ser considerada mais difícil, ou menos atrativa aos olhos dos leitores nativos, por usar um vocabulário mais arcaico e uma estrutura um tanto quanto idiossincrática, transmitindo uma sensação de estranho ou estrangeiro. Isso vai desde manter a ordem não natural das palavras em uma frase, até as escolhas lexicais, como no caso de *ostler*, anteriormente analisado.

Isso tudo foi dito para afirmar a impossibilidade de rotular uma tradução como certa ou errada, melhor ou pior. Esses valores subjetivos pouco contribuiriam aos Estudos da Tradução, pois é possível que um mesmo texto-fonte tenha várias traduções de alta qualidade indiferente da estratégia de tradução abordada, como foi o caso aqui (em que pese as várias *omissões* da T1).

4.5 REFLEXÃO SOBRE A TEORIZAÇÃO DA TRADUÇÃO

O tradutor é um tomador de decisão. Desde reformular uma frase até identificar qual gênero gramatical é mais adequado a um contexto são funções e responsabilidades desse profissional. Apesar disso, muitos autores – vide Wagner (2010), em *Can Theory Help Translators* -, defendem que as teorias ou as estratégias de tradução não são dignas de estudos ou, mesmo que sejam, não chegam à superfície, ficando concentradas em uma torre de marfim.

¹⁴³ Por capitalização me refiro ao ato de escrever uma palavra com a primeira letra em maiúscula ou em caixa alta.

¹⁴⁴ Os achados desta dissertação apontam para o exato oposto. A T1 tende a ser rotulada como de menor qualidade por ter uma quantidade muito maior de *omissões*, indicação de Aubert (1998) previamente explicada.

Este trabalho não se propôs a analisar a relevância de se estudar Tradução, isso foi uma premissa tomada como verdadeira. No entanto, a partir das análises feitas, compreendemos que as estratégias de *domesticação* e *estrangeirização* têm a capacidade de moldar um texto.

Após analisar alguns casos em *A Sociedade do Anel*, é possível notar que os objetivos de cada tradução são diferentes. Enquanto uma é mais reducionista, possivelmente projetando tornar a obra mais acessível, a segunda é mais ‘fiel’ ao texto original, fazendo com que o leitor, muitas vezes, recorra a outras fontes para entender algumas palavras ou tenha problemas na compreensão do texto em sua totalidade, visto que são comuns inversões na ordem natural das palavras em determinados trechos.

Ressalto que, a depender do público-alvo, da função textual, do estilo de texto pretendido, da época de publicação, do tom da linguagem etc., o texto penderá mais para algum dos dois lados, ou será *domesticador*, ou *estrangeirizador*, mesmo que o tradutor não perceba isso em um primeiro momento.

O restante deste subcapítulo será dedicado a apresentar argumentos (selecionados após terminar a análise proposta) sobre como as estratégias de tradução - e os Estudos da Tradução como um todo - podem servir de facilitadores para profissionais da área.

Pelo currículo dos dois tradutores, apresentado no subcapítulo 3.2, vimos que apenas Esteves, hoje Pisetta, tradutora da T1, tem qualificação na área das Letras. É presumível, portanto, que sua formação acadêmica tenha ajudado na maneira como ela enfrenta os problemas tradutórios, pois ela se mostrou conhecedora da natureza sistêmica das línguas e da intradutibilidade dessas¹⁴⁵.

Embora a Tradução não venha acompanhando Kyrmse desde o início de sua trajetória profissional, a partir da leitura de seus textos traduzidos fica evidenciado um denso conhecimento dos Estudos da Tradução e um profundo respeito tanto com as línguas quanto com a literatura de Tolkien.

Este subcapítulo foi pensado, inicialmente, para validar este estudo como um todo. Ora, se há ainda muitos questionamentos sobre a importância dos Estudos da Tradução como disciplina, por que eu deveria continuar estudando? Os resultados aqui podem parecer parcial ou tendencioso, uma vez que estou trabalhando com textos de dois excelentes tradutores e que

¹⁴⁵ Ao usar a palavra *intradutibilidade*, me refiro ao termo *tradutível*, de Sobral (2008), apresentado no subcapítulo 2.2 desta dissertação.

detêm conhecimento na área. Uma resposta mais precisa poderia ser alcançada caso alguém analisasse comparativamente dois textos traduzidos: um sendo feito por um tradutor profissional ou um entusiasta de tradução pouco conhecedor das estratégias de tradução (sejam elas quais forem), e o outro sendo feito por alguém mais estudioso. Inclusive, fica aqui registrado meu incentivo e encorajamento para que esse trabalho seja feito.

De qualquer forma, mesmo parecendo tendencioso (também lembro que o objetivo-geral é analisar os efeitos das estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*; esses resultados constarão nas considerações finais), gostaria de comentar um pouco sobre a importância dessa disciplina nos parágrafos seguintes, com base no que foi observado nos textos analisados.

Ao longo de todo o capítulo 2, foi comentado sobre a importância de entendermos o contexto da tradução antes mesmo de começarmos a executá-la. Essa premissa parece óbvia, pois é consenso para tradutores profissionais e teóricos que isso deve ser pensado¹⁴⁶. Ao imaginar a persona que estará lendo, muitos problemas tradutórios devem ser resolvidos ou abordados mais facilmente. Trago um exemplo recém abordado, que ainda deve estar fresco na mente do leitor, para ajudar nessa observação. *Tipsy*, adjetivo usado em um poema de *A Sociedade do Anel*, foi traduzido para *alcoólico* e *ébrio*. Ao estabelecer que o público-leitor da T1 seria mais amplo, é preferível usar uma palavra mais comum e facilmente compreendida; o contrário vale para a T2, por querer preservar a fidelidade do original, embora isso possa comprometer a acessibilidade, um termo menos frequente no vocabulário brasileiro foi escolhido.

Essas escolhas tradutórias conferem identidade ao texto e, possivelmente, impactará na experiência do leitor. Se considerarmos que as obras de Tolkien são *best-sellers* e muito populares entre os leitores mais jovens, que ainda não desenvolveram um vocabulário mais extenso e rebuscado, imagina-se certa dificuldade em ler a T2, por exemplo.

Quero voltar a outro tema comentado: não existem sinônimos perfeitos. Se a pouco eu disse que a escolha entre *alcoólatra* e *ébrio* impactam na leitura do leitor, é natural que eu pense que sinônimos não podem ser definidos como algo equivalente. Esse debate não é recente, vamos ver isso ser explorado, por exemplo, no CLG, de Saussure, durante a fala sobre a arbitrariedade das línguas.

¹⁴⁶ Cf. o comentário de Wagner (2010) no subcapítulo 2.2 desta dissertação.

Nesse respeito, Flores afirma que “as diferenças entre as línguas e a existência de línguas diferentes evidenciam a ausência de motivação do elo que une significante e significado” (2021, p. 121). Isso significa que o tradutor deve traduzir um valor arbitrário por outro e isso pode ser conflituoso, pois a má escolha de um termo pode gerar dúvidas e confusões ao leitor do texto traduzido.

Estes signos únicos são tanto termos técnicos de uma área específica, ou termos que uma comunidade linguística em específico usa. E isso está presente na nossa linguagem do dia a dia, e é justamente por estar em todos os lugares que dificulta o trabalho de um tradutor. Como traduzir símbolos tradicionais gaúchos para outra língua, por exemplo? O que são bombachas? O que é chimarrão? Esses termos nem sempre poderão ser traduzidos para uma palavra apenas. Jakobson vai dizer que “será necessário recorrer a tóda uma série de signos linguísticos se se quiser fazer compreender uma palavra nova (1970, p. 64)”.

Ainda a respeito dos valores linguísticos, Saussure (2007) compara a diferença do valor em línguas diferentes. Para o autor, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra¹⁴⁷.

Outro fator a ter em mente, relativo ao modo como as línguas são faladas, está nas relações sintagmáticas, ou “relações baseadas no caráter linear da língua” (Saussure, 2007, p. 142). A língua é formada por elementos que se sucedem um após outro, linearmente. Essa relação entre os elementos¹⁴⁸ que se sucedem são chamados de sintagmas, ou seja, as combinações existentes dentro de um contexto discursivo.

Isso pode tanto valer para uma única palavra quanto para uma frase mais elaborada e complexa. No caso de uma palavra, analisando o próprio exemplo usado no CLG, temos a palavra *re-ler*. *Re-ler* é um sintagma porque o prefixo *re* e o verbo *ler* se sucedem, formando, assim, duas unidades consecutivas que, quando postas nessa ordem em específico, ganham um valor. Flores avalia essa questão ao afirmar que “em qualquer língua o valor de um

¹⁴⁷ Isso é comentado a partir da página 134 do CLG.

¹⁴⁸ Saussure usa o termo *unidades consecutivas*.

elemento depende do que o rodeia” (2021, p. 43). Em suma, o termo adquire valor pela oposição ao seu antecessor e ao seu sucessor¹⁴⁹.

Assim, é importante que o tradutor saiba que o valor de uma palavra pode ser perdido ou alterado caso haja um preciosismo ao traduzir a ordem de elementos que aparecem em uma oração. Isso pode parecer óbvio, mas é comum que esse tipo de tradução aconteça em duas situações: 1. Um tradutor iniciante quer mostrar que todo o texto está sendo traduzido; 2. Um tradutor-estrangeirizador acaba prezando demais pela forma, em detrimento da compreensão.

Dei essa longa volta, e trouxe esses outros autores, para corroborar aquilo que entendi após o término desta análise: para traduzir um texto de maneira satisfatória é necessário, para além de dominar o par de línguas trabalhado, ter um conhecimento mais amplo sobre língua(gem), evitando, assim, que o tradutor não incorra no erro de trair a sua língua a partir de uma tradutibilidade impossível.

Acredito que o assunto da tradutibilidade já tenha ficado claro, mas reforço, uma última vez, que *tudo* pode ser traduzido. Contudo a tradução não deve se manter *literal*¹⁵⁰, mas *transpondo*, isto é, o que era um termo no original passa a ser dois, três, uma frase; o que era um substantivo passa a ser um verbo ou adjetivo, e assim por diante.

O brasileiro cresceu e fixou em sua mente que o português é a única língua que consegue expressar o sentimento de saudade. Podemos, então, concluir que é impossível falar ‘tenho saudade dos meus pais’ em outras línguas? Evidentemente que não. Mas a classe gramatical pode sofrer mudanças; no inglês, por exemplo, essa mesma frase ficaria: *I miss my parents*.

Podem ainda contestar essa afirmação alegando que *saudade* é uma expressão mais ampla, não significando apenas o sentimento de ausência/falta, como no exemplo acima, mas de distância, nostalgia, melancolia, anseio. Mas isso jamais foi negado. Contudo, é esperado que um bom tradutor conheça a natureza polissêmica das palavras, sejam essas portuguesas

¹⁴⁹ Outro exemplo seria os tempos verbais que existem em certas línguas, mas em outras não. É o caso do *present perfect*, em inglês, ou o *pretérito perfecto compuesto*, em espanhol. A forma como cada verbo está conjugado, ou disposto em uma oração, vai alterar seu valor linguístico naquele contexto.

¹⁵⁰ Conforme Aubert (1998).

ou inglesas, e traduza conforme o contexto. Uma palavra não significa nada sem um contexto¹⁵¹.

Assim, acredito ser indispensável que os tradutores conheçam minimamente sobre esses temas, seja por Saussure, fonte principal comentada há pouco - ao falar sobre as línguas serem diferentes por terem signos linguísticos diferentes ou ao falar sobre a natureza intradutível das línguas causada pelo valor linguístico -, ou seja por autores contemporâneos, como foi o caso de Flores (2021), que também trouxe a pouco.

Finalizo lembrando que nem o signo, nem o significado, nem o significante, representam uma palavra. Assim, imaginar que uma tradução se resume a trocas de palavras de uma língua para outra, seria uma ingenuidade. Ao traduzir, buscamos equivalências, ou seja, se um conceito bem definido em uma língua não existe na outra, buscar elementos para que a mensagem seja transferida sem que muito da carga semântica seja perdida. Isso parece acontecer em ambas traduções, embora a T2 almeje uma proximidade maior - concessões são feitas para que o significado prevaleça, não a forma.

Assim, além de salientar a importância de um conhecimento razoável sobre língua e linguagem, também é possível que o tradutor-acadêmico (ou o tradutor-técnico com formação continuada) tenha mais facilidade ou encontre atalhos na medida que conhece as estratégias de Baker (2001) e as modalidades de Aubert (1998), uma vez que as pesquisas da autora refletem ou evidenciam aquilo que tradutores antigos já vêm fazendo, lembrando que seus estudos são feitos a partir da LC.

Sobre a relevância e outros assuntos relativos às estratégias de *domesticação* e *estrangueirização*, recomendo que o leitor siga a leitura e confira os resultados no próximo e último capítulo.

¹⁵¹ Um exemplo claro disso é a tradução forense. O tradutor que trabalha com textos jurídicos, no Brasil, frequentemente vai ter problemas em encontrar equivalentes ou mesmo compreender a mensagem transmitida. O chamado *juridiquês* é conhecido por ser um estilo marcado por “termos obscuros, estruturas textuais e orais complexas, por vezes desconexas e sem coesão (Frohlich e Gonçalves, 2015, p. 93). Para traduzir isso certamente haverá rearranjos e adaptações, seja para encontrar equivalentes usados no sistema jurídico da língua-alvo, seja para tornar o texto mais fluido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Domesticar ou *estrangeirizar* um texto são reflexões importantíssimas que um tradutor toma – conscientemente ou não – antes de começar o processo tradutório. Escolher uma estratégia em detrimento de outra certamente impactará na experiência do leitor final. No entanto, gostaria de iniciar este momento final lembrando o objetivo geral deste trabalho que estabeleci na introdução: “o objetivo geral seria analisar as traduções de *A Sociedade do Anel*, de forma a observar os efeitos de sentidos das estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*”.

Ainda na introdução comento sobre os objetivos específicos que precisariam ser superados para que eu pudesse alcançar uma conclusão embasada e fundamentada. Esses são: 1. Apresentar a evolução da tradução ao longo dos séculos; 2. Definir os conceitos de *domesticação* e *estrangeirização*; e, 3. Listar e apresentar as MMT.

Dessa forma, convido ao leitor que lembre os caminhos traçados para que, depois, reflitamos sobre o objeto geral. O primeiro objetivo específico foi, de fato, o primeiro a ser resolvido. Vimos um apanhado sobre a história da Tradução, passando desde os primórdios, onde se acredita que começou, até os autores mais contemporâneos. Conhecer essa história, ainda que minimamente, é saber que, embora a disciplina dos Estudos da Tradução seja relativamente nova, o ofício de tradutor remonta a séculos e, como tradutores, devemos respeito a essa longa trajetória que nos antecede. Um olhar histórico enriquece nossa prática profissional contemporânea, uma vez que muitos dos problemas de tradução que enfrentamos hoje já foram debatidos e criticados no passado.

O segundo objetivo foi importante para entendermos como as estratégias são definidas e como elas evoluíram com o passar dos anos. No mesmo momento em que apresentei as estratégias, também apontei uma das premissas deste trabalho: a T2 é mais *estrangeirizadora*. Faço a apresentação, mas sempre deixando claro que a falta de evidência impossibilita afirmar a natureza da tradução, isso poderia ser confirmado, e foi, ao longo do capítulo da análise.

Em seguida, Aubert (1998) vai falar das Modalidades que foram exaustivamente trabalhadas nesta dissertação, uma vez que o autor foi pioneiro em categorizar e qualificar a natureza direta ou indireta de uma tradução. Com ele, pude verificar que a T1 é mais *domesticadora* do que a T2, que, sim, pode ser considerada uma tradução *estrangeirizadora*, como afirmam os próprios tradutores.

Ao analisar os primeiros três mil itens lexicais da obra original e o equivalente disso nas traduções, foi possível fazer um recorte que se provou bastante profícuo. Tão logo introduzo o subcapítulo 4.2., já podemos ver exemplos desse recorte. Os primeiros cinco casos versam sobre o uso das MMT de *transposição* e *tradução literal*. No ‘exemplo 1’ ambas traduções usam da *transposição*; no ‘exemplo 2’ ambas da *tradução literal*. Já o ‘exemplo 3’ é um caso diferente: nele eu comento sobre como o verbo *to listen* é entendido e porque, embora eu tenha assinalado ambas traduções como *tradução literal*, semanticamente, a T1 parece estar mais próxima do significado original. O ‘exemplo 4’ serviu para explicar que casos em que o tradutor escolhe por uma opção no singular ou plural será avaliada da mesma maneira. No ‘exemplo 5’, comento sobre a tradução de “*till he was drowned*” (Tolkien, 2014, p. 22), em que a T1 é apontada como uma *tradução literal*, apesar de fazer um *acréscimo*, e a T2 uma *transposição*.

Sigo a análise comentando os casos de *modulação*, e, ao apresentar o primeiro (‘exemplo 6’), podemos ver que, apesar de ambas serem moduladoras, apenas a T1 também faz uso de *acréscimo* e *omissão*. Aproveitei o ensejo, já que recém havia comentado sobre o caso de *omissão*, para explicar casos em que há a eliminação de termos ou itens lexicais, mas que, por determinadas razões, escolhi não considerar como uma *omissão* (um caso é o ‘exemplo 7’); o mesmo vale para a modalidade de *acréscimo* (ver ‘exemplo 8’).

O ‘exemplo 9 e 10’ são, respectivamente, sobre as modalidades de *correção* e *erro*. O caso de *correção* não é algo tão cristalino e não deveria ser levado em consideração para o resultado final da análise, porém, de qualquer forma, aqui é um caso em que a T2 foi menos literal, uma vez que o verbo *were* aparece como *havia* em uma posição distinta quando comparado ao TO. Já o erro é mais nítido: a T1 distorce, seja por uma escolha própria ou por uma confusão, o TO.

A partir disso vemos que nos quatro primeiro exemplos selecionados (mais o ‘exemplo 6’), ambas as traduções usam das mesmas MMT; o ‘exemplo 5’ vemos que cada tradução usa de uma MMT diferente, porém, ambas sendo vinculadas à tradução direta; além de a T1 ser mais indireta na maioria dos casos, em quatro das dez traduções analisadas, a T1 usa de MMT que alteram a forma original, a partir de *acréscimos*, *omissões* e *erro*. O ‘exemplo 9’ é um caso em que pode haver *correção* na T2, se não for o caso, passa a ser uma *modulação*, que também significa ser um trecho mais indireto.

Assim, a T1 se mostrou uma tradução indireta mais vezes do que a T2, isto é, a T1 foi mais *domesticadora*, enquanto a T2 foi mais *estrangeirizadora*. Apesar disso, nem sempre a opção de *estrangeirizar* resultou em uma proximidade semântica, haja visto o ‘exemplo 3’. Após, apresento uma tabela em que é possível ver a quantidade de vezes que cada MMT foi usada em cada tradução, e, a partir disso, aquilo que os exemplos selecionados mostraram foi ressaltado e evidenciado como verdadeiro em um parâmetro maior.

Começo na seção 4.2.1, mas principalmente na 4.3, a destacar e analisar com um critério mais rigoroso as escolhas lexicais. Passamos pelo Guia de Tolkien, em que ele explica qual e como traduzir cada nome em *O Senhor dos Anéis*.

Como a T1 já tinha escolhido a maioria dos nomes baseado no Guia, a T2 manteve a grande maioria dos nomes na retradução (seria interessante, para futuros estudos, comparar com a tradução portuguesa - que parece não ter partido do Guia para fazer as escolhas -, ainda mais antiga do que a T1¹⁵²). Pode-se pontuar algumas exceções em que houve mudanças: como o nome Hayward, traduzido inicialmente para Pastores, e retraduzido para Guardacercas; Neekerbrekers, traduzido para Crique-craques e retraduzido para Niquebriques; Orc, que não foi traduzido na T1 e foi morfológicamente adaptada na T2, ficando Orque¹⁵³.

Ao final dessa seção, explico que a T2 foi mais *estrangeirizadora* nos dois primeiros casos; o terceiro caso é um tanto particular, porque, embora a T2 não siga as recomendações do Guia, tanto a opção pelo *decalque* quanto a opção pelo *empréstimo* (essa usada na T1) são consideradas, de acordo com Aubert (1998), traduções diretas, ou, para o que se propõe este trabalho, *estrangeirizadoras*.

Quase na reta final da análise, na seção 4.3.2, foi detalhado sobre a fala dos Hobbits e dos Elfos. Na maioria dos casos, a T2 se mostrou mais *estrangeirizadora*, enquanto a T1 usava de recursos mais domesticadores – também devo destacar que houve um caso em que grande parte do conteúdo foi omitido, o que raramente é aconselhável.

O mesmo ocorre no capítulo 4.4, em que as questões culturais são debatidas (concentro o debate para as unidades de medidas e a tradução dos gêneros das palavras). Salvo algumas exceções, a T2 sempre *estrangeiriza*, trazendo os termos mais distantes,

¹⁵² TOLKIEN, J. R. R. **A Irmandade do Anel**. Sintra: Publicações Europa-América, 1981. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues.

¹⁵³ Também temos o caso Brandybuck, em que uma mudança poderia ter sido feita para abraçar um outro significado que Tolkien (1975) explica em seu texto.

enquanto a T1 facilita a leitura, mostrando, por exemplo, unidades de medidas frequentemente usadas no português brasileiro.

Voltando ao objetivo geral, quais efeitos de sentido são observáveis a partir da escolha de uma das estratégias? É possível afirmar que a T2 é mais fiel ao sentido original do que a T1? No contexto geral, não; em alguns casos específicos, sim, outros não. Digo no contexto geral não porque as duas abordagens são tentativas de respeitar a essência do original, mesmo usando métodos diferentes. Mas em casos específicos sim, porque, ao longo desta dissertação, vimos vários casos de *omissão* (e alguns de *acréscimos*) na T1, o que a torna menos fiel. Também pode-se dizer que a *domesticação* não permitiu que o leitor encontrasse as variantes linguísticas do original, o que também soma nesta equação.

A mudança no estilo e no tom não foram as únicas *estrangeirizações* da T2. Também vimos uma preocupação para com as unidades de medidas (salvo uma exceção), o que demonstra respeito aos falantes daquela língua. Também há uma literalidade maior quanto à disposição de palavras em uma frase, seguindo os critérios de Aubert (1998).

Sobre essa disposição, gostaria de acrescentar algo que só foi percebido por uma leitura rápida e menos criteriosa, e que nunca foi aberto para discussão nesta dissertação – aliás, deixo, de antemão, uma recomendação de pesquisa para os leitores que gostaram do tema. Refiro-me aos vários poemas encontrados em *A Sociedade do Anel*.

Trouxe, em outro momento, a fala de Britto (2022) destacando a dificuldade de traduzir poesias e poemas. Acredito que o mesmo valha para outras traduções criativas, como a tradução de músicas, pois, assim como os estilos citados, na música também deve-se seguir uma métrica, um tempo e uma melodia.

A tradução de músicas ou musicais é comumente vista em aberturas de desenhos animados, filmes infantis, etc. A principal característica ou recomendação é que o tradutor reescreva essas composições de forma com que a nova versão pareça ter sido escrita originalmente na língua-alvo, ou seja, *domesticar* o original.

Esse preâmbulo foi feito para lembrar que *O Senhor dos Anéis* é uma pseudotradução, e os poemas (dentre outros textos em que a literalidade extrapola os níveis da narrativa prosaica) que nele aparecem são pseudotraduções de textos do *Old English*. Assim, há casos em que as rimas são feitas conforme a literatura anglo-saxônica, isto é, com rimas

aliterativas em que a repetição de sons ou fonemas não aparece no final de cada verso, mas no início ou, em alguns casos, no meio. Uma tradução *estrangeirizadora* deveria respeitar essas características, uma *domesticadora*, não necessariamente.

Além dessa possível pesquisa, gostaria de sugerir outra: com a rápida crescente das IA (inteligências artificiais), muitas agências têm menos demandas de traduções e mais de AIHT (*AI-Powered Human Translation*)¹⁵⁴, revisão e edição de textos traduzidos por IA, etc¹⁵⁵. As estratégias de *domesticação* e *estrangeirização*, entretanto, apontam para um trabalho mais manual, quase que artesanal da tradução, demandando uma qualificação e uma atenção que, em um primeiro momento, acredito ser menos provável de ser feito por máquinas. Definitivamente, porém, seria interessante ver os resultados de uma tradução feita por IA, a partir de *prompts* específicos, quando comparada com a versão de um tradutor profissional.

Claro que, ao falar dessa nova demanda no mercado da tradução, e da estratégia de *estrangeirização*, defendida por Venuti (2018), eu não poderia deixar de falar da perspectiva marxista de se analisar isso. Todo mundo deve concordar que as novas tecnologias substituíram ou acabaram com várias profissões específicas. Bem, nessa visão, entende-se que a IA não é um problema *per se*, ela passa a ser um problema por estar inserida em um sistema produtivo pelo qual o desenvolvimento tecnológico não serve às pessoas.

Para Karl Marx, o desenvolvimento tecnológico, no sistema capitalista, não serve à classe trabalhadora¹⁵⁶. Isso, de forma alguma, significa que ele fosse contra as novas tecnologias, pelo contrário. Mas tanto a industrialização que acontecia em seu período, quanto as IAs que estão surgindo, deveriam ser aproveitadas a benefício das pessoas – reduzindo carga de trabalho, por exemplo (o mesmo avanço tecnológico pode ser usado para mitigar ou aumentar a exploração do homem pelo homem). Essa problemática também é um assunto interessante de se estudar: o valor/hora que o tradutor recebe(ia) aumentou ou diminuiu com a nova demanda de AIHT?

¹⁵⁴ Antigamente chamado de MTPE (*Machine Translation Post-Editing*).

¹⁵⁵ Essa afirmação é feita a partir de experiências própria, e após consultar colegas e sites especializados, como o proz.com.

¹⁵⁶ Essa conclusão é muito bem argumentada e abordada no capítulo treze d'O Capital, intitulado "A maquinaria e indústria moderna", ao qual recomendo que o leitor interessado leia para entender a visão do autor. Cf. Marx (2013). Outro texto do autor que dialoga com o tema é o "Fragmento sobre as Máquinas", publicado no *Grundrisse*. Cf. Marx (2011). Nele, é comentado sobre a hipótese de que o sistema capitalista poderia desenvolver uma forma de produção em que a criação de riqueza não passaria mais pelas jornadas de trabalhos, mas pela capacidade dos trabalhadores e pela aplicação da ciência e da tecnologia à produção.

Voltando ao que foi pauta desta pesquisa, e finalizando esta dissertação, pontuo que, a partir das investigações e análises, é possível afirmar que as estratégias de *domesticação* e de *estrangeirização* são recursos, *a priori*, antagônicos, mas que, nas traduções atuais, vemos tais estratégias sendo utilizadas de forma mesclada ou concomitante, em que só é possível determinar qual o estilo da tradução a partir da predominância de uma dessas estratégias.

Também acredito que um conhecimento das estratégias bem como de outras teorias da tradução tendem a agregar e a desenvolver a habilidade tradutória do profissional, tanto em traduções-técnicas, mas, principalmente, literárias. E, por fim, ressalto que, embora ambos os autores que referendam as estratégias, Schleiermacher (2010) e Venuti (2018), prefiram uma opção mais *estrangeirizadora* – cada um por um motivo diferente – acredito que a escolha de uma por outra ou da mistura delas deve ser feita com base na percepção do tradutor do texto, do projeto por ele aceito, e, principalmente, imaginando como o leitor ideal receberá o texto traduzido.

REFERÊNCIAS

- AKBARI, R; MOOSAVINIA, S. R. Nordic Roots in Tolkien's Writings. **The Indian Review of World Literature in English**, Chennai, v.15, 2019. Disponível em: https://worldlitonline.net/jan_2019_vol_15/jan_2019_article_5.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.
- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, jan. 1998.
- BATTISTELLA, E. **How to use the existential "there"**. 2019. Disponível em: <https://blog.oup.com/2019/12/how-to-use-the-existential-there/>. Acesso em: 25 set. 2023.
- BAKER, M. **In other words: a coursebook on translation**. London: Routledge, 2001.
- BATTISTELLA, E. **How to use the existential "there"**. 2019. Disponível em: <https://blog.oup.com/2019/12/how-to-use-the-existential-there/>. Acesso em: 25 set. 2023.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, W. **Linguagem, Tradução, Literatura: filosofia, teoria e crítica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. Tradução de João Barrento.
- BERBER-SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- BERBER-SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A**, v. 16, n. 2: 323-367, 2000.
- BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, Paris, p. 1-7, out. 1990.
- BIBER, D. **Representativeness in Corpus Design**. 1993. Disponível em: https://jan.ucc.nau.edu/biber/Biber/Biber_1993.pdf/. Acesso em: 26 mar. 2024.
- BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BRITTO, P. H. **A tradução literária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- CARPENTER, H. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- CHAPMAN, G. **George Chapman, Homer's Iliad**. Editado por Robert S. Miola. Cambridge: Modern Humanities Research Association, 2017.
- CHESTERMAN, A; WAGNER, E. **Can Theory Help Translators?: a dialogue between the ivory tower and the wordface**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2010.

CIULLA, A; FLORES, V. N. Aspectos linguísticos da tradução e da *retradução* do CLG no Brasil. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 1, n. 62, p. 24-40, 26 jun. 2024.

DRAFT. In: Merriam-Webster. Springfield, 2024. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/draft>. Acesso em: 07 fev. 2024.

DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 1987.

EATING-HOUSE. In: Merriam-Webster. Springfield, 2024. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/eating%20house>. Acesso em: 07 fev. 2024.

ESTEVEVES, L. M. R. Tradução fiel: a quem? a quê? Por quê? **Estudos Acadêmicos Unibero**, São Paulo, ano III, nº 5, p. 64-71, mar, 1997.

FADANELLI, S. B. **Terminografia Didático-Pedagógica**: Metodologia para elaboração de recursos voltados ao ensino de inglês para fins específicos. 2017. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/168864/001045947.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FLORES, L. S. **Code-Switching in Counter-Strike: Global Offensive**: a proposal for vocabulary acquisition. 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras - Inglês, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/10116>. Acesso em: 16 out. 2023.

FLORES, L. S. In: BOTOSO, A *et al* (org). **TRANS/FORMAÇÃO**: diálogos científicos em educação e literatura. Goiânia: Editora Coletivo Cine-Fórum, 2024. Disponível em: <https://www.coletivocineforum.com/product-page/trans-forma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 08 mar. 2024.

FLORES, V. N. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora UnB, 2021.

FRANTZ, F. **Os Condenados da Terra**. 1. ed. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 81. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FRÖHLICH, L; GONÇALVES, M. P. Desafios e competências do tradutor forense no Brasil: uma questão de perícia. In: COULTHARD, Malcolm *et al* (org.). **Linguagem & Direito**: os eixos temáticos. Recife: Alidi, 2015.

FURLONG. In: Wikipédia. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Furlong. Acesso em: 19 mar. 2024.

GADAMER, H. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, L. A. **Mary Shelley e as cartas de Frankenstein**: uma análise comparativa de seis traduções brasileiras. 2017. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186557>. Acesso em: 07 ago. 2022.

GONÇALVES, Dircilene Fernandes. **Pseudotradução, Linguagem e Fantasia em O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien**: princípios criativos da fantasia tolkieniana. 2007. 229 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-17102007-140251/pt-br.php>. Acesso em: 19 set. 2023.

HUNSTON, S. **Corpora in Applied Linguistics**. Cambriedge: Cambridge University Press, 2002.

JACOBS, S. Tolkien's Tom Bombadil: An Enigma "(Intentionally)". **Mythlore: A Journal of J.R.R. Tolkien, C.S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature**, Weatherford, v. 38, n. 2, p. 79-107, abr. 2020. Disponível em: https://dc.swosu.edu/mythlore/vol38/iss2/6/?utm_source=dc.swosu.edu%2Fmythlore%2Fvol38%2Fiss2%2F6&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Acesso em: 19 set. 2023.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blinkstein. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A Queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRAMSHE, C. **Language and culture**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2014.

KRAŠOVEC, Jože. Transliteration or Translation of Biblical Proper Names. **Translation Review**, London, v. 67, n. 1, p. 41-57, ago. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07374836.2004.10523855>. Acesso em: 04 abr. 2024.

KORAVOS, Nikolas. The Common Speech and its speakers in The Lord of the Rings. **Mallorn**, [s. l], v. 01, n. 41, p. 38-40, jul. 2003.

KYRMSE, R. **Explicando Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KYRMSE, R. **Por dentro da nova tradução de O Senhor dos Aneis**. [Entrevista concedida a] VIEIRA, M. C. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/por-dentro-da-nova-traducao-de-o-senhor-dos-aneis/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

KYRMSE, R. **Ronald Kyrmse fala sobre a nova tradução de “O Senhor dos Anéis”**. [Entrevista concedida a] CASAGRANDE, C. 2019b. Disponível em: <https://tolkienista.com/2019/10/16/ronald-kyrmse-fala-sobre-a-nova-traducao-de-o-senhor-dos-aneis/>. Acesso em: 07 set. 2022.

KULLMANN, T; SIEPMANN, D. **Tolkien as a Literary Artist: exploring rhetoric, language and style in the lord of the rings**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.

LAMBERT, J. Is Translation Studies too Literary?, **Génesis** 5: 7 -20, 2005.

LAVIOSA, S. **Corpus-based Translation Studies: theory, findings, applications**. Amsterdam: Rodopi, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois**. Tradução de Maria do Carmo Pandolfo. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1993.

LIMA NETO, N. **Estreia de ‘Senhor dos anéis: os anéis de poder’ faz disparar a procura por livros de J.R.R. Tolkien**. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2022/09/estreia-de-senhor-dos-aneis-os-aneis-de-poder-faz-disparar-a-procura-por-livros-de-jrr-tolkien.ghtml>. Acesso em: 07 ago. 2022.

LEE, D. Y. W. In: MCCARTHY, M; O’KEEFFE, A. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. New York: Routledge, 2010.

LOBDELL, J. (ed). **A Tolkien Compass**. La Salle: The Open Court, 1975.

LOPES, R. J. “**É uma tradução estrangeirizadora**”, diz Reinaldo José Lopes em **20 perguntas sobre as novas edições**. [Entrevista concedida a] CORREIA, F. 2019. Disponível em: <https://tolkienista.com/2019/07/30/e-uma-traducao-estrangeirizadora-diz-reinaldo-jose-lopes-em-20-perguntas-sobre-as-novas-edicoes>. Acesso em: 29 jan. 2022.

LOPES, R. J. **Minha posição definitiva sobre Orques e Gobelins**. 2019b. Disponível em: <https://www.valinor.com.br/51416>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LOPES, R. J. **Resposta a Tatiana Feltrin: fiz caca no silmarillion?**. 2020. (17m11s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Iny-9FvPAg&ab_channel=ReinaldoJos%C3%A9Lopes. Acesso em: 16 fev. 2022.

LOPES, R. J. **With many voices and in many tongues: pseudotradução, autorrefração e profundidade cultural na ficção de J. R. R. Tolkien**. 2012. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14032013-124446/publico/2012_ReinaldoJoseLopes.pdf. Acesso em: 21 jan. 2022.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.

MARTINS, M. C. Tradução integral e comentada da epístola Ad Pammachium: de optimo genere interpretandi. **Translatio**, Porto Alegre, 2020. Semestral.

MARX, K. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858 Esboços da crítica da economia política**. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico Resumido**. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1966.

NIDA, E. A. **Toward a Science of Translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

OLIVEIRA, L. G. C; MORAES, L. A. **A Comunicação através do Quenya para além da obra de J. R. R. Tolkien**. 2015. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0618-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

OUSTINOFF, M. **Tradução: história, teorias e métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, K. In: HANSEN, G. *et al.* (ed.). **Claims, Changes and Challenges in Translation Studies**. Amsterdã, John Benjamins Publishing Company, 2004.

PISETTA, L. M. R. **Currículo do sistema currículo Lattes**. Brasília, 2023. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/0241524693110952>. Acesso em 28 set. 2023.

PYM, A. Schleiermacher and the Problem of Blendlinge. **Translation and Literature**, Edimburgo, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237661736_Schleiermacher_and_the_Problem_of_Blendlinge.

RAMBELLI, P. Pseudotranslations, Authorship and Noelists in Eighteenth-Century Italy. In Hermans, T. (ed). **Translating Others: Volume 1**. Nova York: Routledge, 2014.

SCARAMUCCI, M. V. R. In: SCARAMUCCI, M. V. R; GATTOLIN, S. (orgs.). **Pesquisas sobre vocabulário em língua inglesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SCHLEIERMACHER, F. E. D.; BRAIDA, C. R. Sobre os diferentes métodos de traduzir. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 14, n. 21, p. 233–265, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/500>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SCHWARZ, N. *et al.* TRANSLATION PROBLEMS AND DIFFICULTIES IN APPLIED TRANSLATION PROCESSES. **Revista de Stiinta Si Cultura**, Arad, v. 3, n. 12, p. 51-57, mar. 2016. Trimestral. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315528028_Translation_Problems_and_Difficulties_in_Applied_Translation_Processes. Acesso em: 21 fev. 2023.

SILVA, Patrícia Mara da. **O senhor dos anéis – A tradutora na obra traduzida**. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Lingüísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/e1d6cdf6-913f-4403-8cc6-44ff95dd0e62>. Acesso em: 26 set. 2023.

SNELL-HORNBY, M. A. “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? **Pandaemonium**, São Paulo, v. 19, n. 15, p. 185-212, jul. 2012.

SOBRAL, A. **Dizer o 'mesmo' a outros**. São Paulo: Sbs Editora, 2008.

OLIVEIRA, L. G. C; MORAES, L. A. **A Comunicação através do *Quenya* para além da obra de J. R. R. Tolkien**. 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0618-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

TASCA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tasca/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

TOLKIEN SOCIETY. **Homepage**. 2023. Disponível em tolkiensociety.org. Acesso em: 06 out. 2023

TOLKIEN, J. R. R. In: CARPENTER, H. (ed). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. Boston e New York: Houghton Mifflin, 2021.

TOLKIEN, J. R. R. **A Natureza da Terra-média**. Tradução de Gabriel Oliva Brum, Reinaldo José Lopes e Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

TOLKIEN, J. R. R. **A Sociedade do Anel**. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. [1994]. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **A Sociedade do Anel**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **As Duas Torres**. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. [1994]. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

TOLKIEN, J. R. R. **As Duas Torres**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019b.

TOLKIEN, J. R. R. **O Retorno do Rei**. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. [1994]. São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

TOLKIEN, J. R. R. **O Retorno do Rei**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019c.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **The Fellowship of the Ring**. [1954]. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

TROPAEOLUM majus. In: Wikipédia. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Tropaeolum_majus#cite_note-RJB-4. Acesso em: 06 fev. 2024.

VENUTI, L. **The Scandals of Translation: toward an ethics of difference**. Londres: Routledge, 1999.

VENUTI, L (ed.). **Rethinking translations: discourse, subjectivity, ideology**. [1992]. 2. ed. Nova York: Routledge, 2019.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. [1995]. 2. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2018.

WIDMAN, J. A "**hipótese da retradução**" pelas modalidades tradutórias, nas traduções para a língua inglesa de *A Paixão Segundo G.H.* 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-24112016-124301/publico/2016_JulietaWidman_VCorr.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.